FON
FON
N.º 5

COMO O SYLVIO, GASTANDO MENOS, OBTEVE O MELHOR

BARBELINO AFFIRMA: —

Faça varias barbas pelo preço de uma: BARBEIE-SE EM CASA!

Fazer a barba em casa com uma GILLETTE é rapido, simples e agradavel. E' um bom habito que ainda mais se recommenda pela economia real que offerece essa navalha tão pratica e moderna aos homens que se barbeiam. Economise dinheiro diariamente com a GILLETTE. Compre a sua hoje mesmo porque a GILLETTE não é cara. Use sempre as laminas GILLETTE legitimas, que são as mais afiadas e duraveis e, portanto, as mais economicas.

GRATIS

Gillette Safety Razor Co. of Brazil — 36
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, *gratis*, o seu folheto a côres "A DESCOBERTA DE BARBELINO" de util e interessante leitura para os que se barbeiam.

Nome ....
Rua e Nº ....
Cidade ....
Estado ....

Gillette

A 7

O CONTO BRASILEIRO

Uma historia dos cabellos curtos

D. Edith, moça quarentona, horrorizára-se ao notar que as mulheres tinham decidido usar cabellos curtos. As suas amigas, as suas conhecidas, todas as companheiras de sexo que via na rua, no cinema, nos bailes, quasi todas ostentavam os cabellos "á la garçonne", "á la homme", nesses estylos e nos demais.

— E' execravel esta moda!

Deste anathema inicial decorria uma avalanche delles. Impossivel contêl-a e a ella mesma se conter, no ardor da raiva, e as invectivas se desencadearam, tremendas.

As filhas de Eva riam ao ouvil-a. Zombavam de sua colera infundada e, inutilmente, tentavam desvial-a das convicções desnorteantes.

Mas a inimiga dos cabellos curtos era intransigente. Expunha varios argumentos, em apoio á sua antipathia pela tal moda. Dizia, por exemplo, que deixar á mercê da thesoura impiedosa dos cabelleireiros as suas longas e bellas madeixas, isso denotaria por parte della um menosprezo ao que a natureza lhe déra, com tanta prodigalidade.

Lá raiou um dia, no emtanto, em que ella se pôz a imitar as senhorinhas e as senhoras.

O sr. Marianno, o homem com quem desejava ardentemente casar-se, advertiu-lhe:

— Caso-me com você, sob uma condição. E' que siga a moda tão util dos cabellos cortados.

D. Edith amava-o doidamente. Submetteu-se ao seu capricho.

Casaram-se. A lua de mel decorreu e passou. Vem desde logo a lua de fel. A lua de fel... A causa disso: a transgressão dos deveres matrimoniaes por parte do sr. Marianno da Silva.

O homem de coração não mui ardente parece que se transformára: uma paixão o atacára, e clandestina.

A rua Humaytá, daquella cidade, jamais lhe despertára interesse; nem a conhecia bem; por alli transitava pouquissimas vezes. Uma casualidade mais desafortunada do que o contrario levára-o a gostar da rua que, antes, era para elle uma rua como as outras.

Naquella rua, estava localizado um "bungalow", além de uma meia duzia delles. Residia, nesse predio, uma senhora viuva formosa, ainda mocetona. Residia com sua tia d. Etelvina. E aquella viuva, elle se encantára por ella. Está esclarecido porque começou a gostar da rua Humaytá...

Ambos se viram pela primeira vez no cinema local. O seguimento do entrecho de amôr, o leitor o presuppõe. Cabe-nos accrescentar apenas que d. Elisa Magalhães tambem se apaixonou devéras pelo seu namorado.

D. Edith Machado da Silva, surpreza, inteirou-se dos namoricos do marido.

Uma sua amiga, recordista de mexericos, incumbira-se de segredar-lhe a triste nova.

Era uma das moças da cidade que mais falava, que mais propalava os peccados do proximo. A bôa amiga aconselhou a d. Edith que não fizésse escandalo...

— Por que apoias a cabeça na mão?
— Como o senhor me disse que as cousas me entravam por um ouvido e sahiam pelo outro, estou procurando evitál-o...

D. Edith pediu esclarecimentos ao sr. Marianno sobre a sua supposta culpa. Contou que fôra a Mercedes, a Mercedinha, quem lhe abrira os olhos...

O marido, simulando espanto, acoimou a Mercedinha de calumniadora. Custava-lhe crer que houvesse linguas tão viperinas no mundo.

— Mas a Mercedes jurou-me que viu...

— Viu... Viu o que? O que estava no espirito della: as idéas indignas. Quem usa cuida. Você não conhece esse ditado? Não é novo, não...

Discutiram, estiveram prestes a se engalfinhar.

Durante trez dias, o marido não almoçou, não jantou e nem dormiu na casa num. 12 da rua da Embaixada. O Hotel da Liberdade teve-o como hospede durante trez dias.

— Minha mulher foi viajar, e por isso tive de vir p'ra cá por um pouco, por uns dias — disse elle ao dono do hotel.

Este não tolo, suspeitou da borrasca reinante na casa daquelle cidadão. Todavia, manteve-se indifferente...

Quando surgiu a bonança, o esposo fez ver á esposa que a sua bôa amiga Mercedinha incorrêra num lamentavel equivoco. Que, ao se lhe deparar um certo senhor namorando a viuva, — a moça imaginára ser elle, — e enganára-se...

A victima acceitou as allegações do accusado.

E houve pacificação no "bungalow", num. 12 da rua da Embaixada, esquina da Avenida Floriano Peixoto.

Transcorridas algumas semanas, a Mercedes, visitando outra vez a sua Edith querida, lhe relata mais umas perfidias do réo. Ouvira falar isto e aquillo... Que elle tinha intenção de casar-se com d. Elisa Magalhães, do "bungalow", n. 15, da rua Humaytá, esquina da Praça Dr. Queiroz e Souza. Que ia raptál-a, da casa da tia, e... com ella desappareceria, rumo a um paiz onde pudessem unir-se por um enlace matrimonial... legal.

— Pois é, minha pobre Edith; e elle tem ar de tão sério...

— Não póde ser... Elle me affirmou que você disse tolices, que mentiu descaradamente...

— Essa é bôa! Pois eu vi... Agora, decerto, elle dirá a mesma coisa, que eu ainda menti...

(Continúa na pag. seguinte)

UMA HISTORIA DOS CABELLOS CURTOS

(Continuação)

A consorte, ciumenta por índole, começou a duvidar sériamente da felicidade do cônjuge. Planejou um revide, uma vingança mesma.

Ao sahir á rua, uma tarde, o sr. Marianno interroga a consorte:

— Você não vae mandar mais cortar os cabellos, não?

— Não.

— Por que?

— Porque não quero.

— E si eu exigir que os mande cortar?

— Não o farei.

— Ah! é birra?

— E'.

— Esquisito.

Ao contrario, naturalissimo.

Discutiram, estiveram prestes a trocar insultos...

O marido tinha pressa de ir encontrar-se com um amigo.

— Até logo. Depois conversaremos melhor.

Succedeu então o que succedêra em dias antecedentes. O hospede de trez dias no Hotel da Liberdade, onde um mattogrossense executante de violão e um goyano executante de violino deliciavam os ouvintes com "chôros" de arromba.

O sr. Corrêa, dono do hotel, desta vez como da outra, sorriu com ironia, e não deixou de perceber que mais uma complicação perturbava a placidez da casa do sr. Marianno.

E depois... nova calmaria no "bungalow" da rua da Embaixada, n. 12. Incompleta, porém, eivada de reticencias, prevenções...

O sr. Marianno ardia por saber a causa da teimosia da mulher, daquella recusa em sujeitar-se á sua vontade, no attinente ao córte dos cabellos.

Emfim, pareceu-lhe entrever o motivo: o ciúme, o despeito. Era por isso que a mulher recusava fazer-lhe o gosto... Sem duvida, ell chegára a acreditar devéras na revelações da amiga bisbilhoteira E dizer que tinha razão, ella, a su esposa Edith!

* * *

Quatro horas da madrugada.

Aurora esplendente de novembr

O quarentão enamorado, sob pretexto de uma viagem de pesca ria com diversos amigos, se retir de sua alcova do "bungalow" n. 1 em demanda das aventuras do amo

O varão circumspecto represen tou o papel de mocinho levia sonhador; fugiu, fugiu com aque que lhe inspirára amôr desvairad que era a deidade de olhos electri zantes e voz melliflua. A mulhe quarentona como elle, também,

Acta do julgamento do concurso CAFIASPIRINA *de marchas carnavalescas*

"AOS vinte e um de Janeiro de 1934, ás 15 horas, reunida no Studio do Radio Club do Brasil a Commissão do Jury convidada pela Casa Bayer para julgar o Concurso Cafiaspirina de Marchas Carnavalescas, constituida pelos Snrs. Joubert de Carvalho, Arnoldo Glueckmann, Ernesto Ribeiro, Newton Padua, Mello Machado e Bastos Tigre, deu-se inicio ao julgamento dos trabalhos apresentados, num total de 208, numerados pela ordem á apresentação.

Nessa ordem foram elles execut dos ao piano pelo maestro Arnol Glueckmann e attentamente ou dos pelos membros da Commiss Julgadora.

O processo adoptado foi o de e minação; assim, foram eliminad todas as composições que fugi ao genero determinado nas con ções do concurso, isto é, "Marc Carnavalescas", — não entrand portanto, no julgamento samb tangos, valsas, marchas militar etc. Foram, em seguida, excluid as musicas calcadas sobre melodi muito conhecidas; tambem fora postas de lado outras que, apes de interessantes sob o ponto vista technico, se resentiam da f ta do caracteristico carnavalesco eram difficeis de ser decoradas cantadas pelo publico; excluirá se, finalmente, as consideradas expressivas, banaes e feias, p Commissão.

Desse processo eliminatorio sultaram 15 composições que for

FORTUNAS IMPROVISADAS

— E dizer que você, também, a sua fortuna ao petroleo!

— E' verdade; uma tia rica accender fogo, e fez explodir lata que continha alguns litros petroleo...

mostrou doidivanas, á semelhança de uma louquinha de dezeseis annos de idade, cabecinha gracil mas ôca.

Num paiz estrangeiro, realizavam-se as nupcias do homem casado de nome Marianno da Silva com a viuva mocetona Elisa Magalhães.

Fixaram residencia numa cidade brasileira bem distante daquella de onde tinham sahido com precipitação e ansiedade, ás quatro horas da madrugada, sob uma temperatura um tanto frigida.

E d. Eidth?

D. Edith em sua amargurada solitude, soccorreu-se do conchêgo da casa n. 14 da rua D. Leopoldina, — moradia do velho avô e da velha avó, — remanso onde ella vivia, tranquillamente, antes do casamento nefasto. Ahi se installou com o pequeno herdeiro, o Robertinho, loirinho e choramingas...

UMA HISTORIA DOS CABELLOS CURTOS

(Continuação)

* * *

A esposa trahida estava a costurar uma roupinha para o menino, ao meio do dia, quando resurge o marido pela porta a dentro do "bungalow" n. 12, da rua da Embaixada.

O filho, que se entretinha a brincar com um "trenzinho", exclamou:

— Olá! Papaesinho!

O sr. Marianno foi prazenteiramente acolhido pela consorte, bondosa e complacente.

O transfuga explicou tudo, em minucias: a sua paixão absorvente e irresistivel da união illicita com a mulher demoniaca, o genio intoleravel da viuva, a impossibilidade de convivencia com ella, o seu arrependimento de ter abandonado a esposa tão dedicada e bôa...

D. Edith da Silva, em realidade, ainda se mostrou rancorosa pela maldade do marido; mas isso... por breve tempo. Dissipou-se desde logo o resentimento, e a reconciliação entre o casal se effectivou como uma nova alvorada de paz e amôr.

A inimiga dos cabellos curtos fez cortar os seus, novamente. Cessára o motivo de sua obstinação em usar cabellos compridos, a titulo de represalia á acção abominavel do marido. Podia ella satisfazer ao sr. Marianno da Silva, porque elle por sua vez, a contentára, arredando-se da via peccaminosa.

ASSIS MORAES

separadas para uma segunda audição.

A's 6 ½ horas foi suspenso o julgamento, reunindo-se novamente o Jury ás 10 ½ da noite, no mesmo local.

Procedeu-se, então, a um exame meticuloso das 15 composições que foram executadas ao piano pelo maestro Glueckmann e cantadas com as respectivas letras.

Desta segunda prova resultou a seguinte classificação unanime:

1.º logar — *Acabou-se o que era doce*
2.º logar — *Mal de amôr*
3.º logar — *Póde chover*
4.º logar — *Pobre Pierrot*
5.º logar — *Guarde um logarzinho p'ra mim*

Abertos os envelopes que continham o nome dos concurrentes verificou-se serem elles respectivamente dos Snrs.

Saint-Clair Senna
José Francisco de Freitas
Manoel Queinroz
José Maria de Abreu
André Filho e Walfrido Silva

A's 24 horas, foi encerrada a sessão de julgamento da qual eu, M. Bastos Tigre, secretario *ad-hoc*, lavrei a presente acta, que vae assignada por mim e pelos mais membros da Commissão Julgadora.

(Assignados):

M. Bastos Tigre
Joubert de Carvalho
Arnaldo Glueckmann
Ernesto Ribeiro
Newton Padua
Mello Machado

— Que é o noivado, papae?
— E' o tempo que empregou tua mãe para fazer-me acreditar que era um anjo...

ESPOSA INFIEL

VILFREDO era impetuoso, mas tinha pensamentos nobres e nobre fôra quasi sempre nas acções. Ninguem lhe poderia negar coragem, pois já havia muitas vezes dado provas sobejas do seu valor pessoal.

Alumno da Escola Militar de Porto Alegre, na revolução federalista de 1893 sob a chefia do conselheiro Gaspar da Silveira Martins, desertára da Escola para se collocar ao lado dos revolucionarios e ingressára nas forças do antigo brigadeiro João Nunes da Silva Tavares (barão de Itaquí) ou, simplesmente, general Joca Tavares, seu nome de guerra.

Era maragato de coração. Pica-páu com elle não brincava! Ponta de lança, gume de espada e pitomba de *o mbiaim* eram os melhores presentes que podia offerecer aos legalistas...

Acompanhando smpre o general Joca Tavares, tomára parte no cêrco de Bagé com o seu illustre chefe, cuja praça fôra defendida pelo então coronel Carlos Telles, um bravo e terrivel de genio, mas, verdade verdade, muito leal, bastante generoso.

Vencido o velho brigadeiro pela columna organizada sob o commando do coronel Sampaio, que fôra em auxilio dos sitiados, emigrára posteriormente, homiziando-se na Republica Oriental do Uruguay.

Vilfredo emigrára tambem.

No territorio da Republica vizinha permanecêra o heróe de Aquidaban com os seus companheiros, até ser concedida amnistia aos revolucionarios no benemérito governo do varão illustre o presidente Prudente José de Moraes Barros.

* * *

Amnistiado, não quiz Vilfredo tornar ás fileiras do Exercito; fez concurso com a intenção de conseguir um emprego publico federal e foi aprovado e, consequentemente, nomeado.

Casou. Era a sua maior aspiração; e isso referira uma vez ao proprio general Joca.

Desde estudante da Escola Militar, gostava de bella senhorita, filha do seu Estado natal, a qual lhe fôra constante. Era-lhe o anjo da guarda, como dizia elle sempre aos companheiros nas refregas da guerra civil.

Gostava de reunir em casa alguns companheiros afim de se jogar o solo. Não tinha outro vicio. O joguinho familiar era baratissimo, simples passatempo, e muitas vezes jogavam até a *leite de pato*. Como não passava aquillo de entretenimento agradavel, ninguem pensava em lucros.

Por ultimo, já havia mais de uma casa aonde iam reunir-se os companheiros do jogo. Assim, uma noite jogavam aqui; outra, alli; outra, acolá.

Um amigo de Vilfredo, mas amigo conquistador impenitente, viciado em grangear sympathia das mulheres, afim de as seduzir, não tivéra escrupulo em fazer a esposa do outro cahir em erro.

Certa vez, recebêra Vilfredo uma carta anonyma denunciando a falta dos dois. Na carta dizia o anonymo: quando o tal amigo deixava de ir jogar na casa de outros companheiros, ficasse certo o destinatário da missiva de lhe estar maculando o lar.

Muito dias passára Vilfredo em contemplar a esposa a ver si lhe descobria na physionomia algum traço denunciador da sua alta traição. A esposa

De Hormino Lyra

não mudára: a mesma companheira carinhosa, a mesma incomparavel amiga de todos os tempos, sorria agradavelmente.

Continuavam a beijar-se como pombos.

Queria ella muito bem ao marido e não sabia como era aquillo, como chegára a enganá-lo. Tinha remorsos mas suffocava-os na presença delle.

Procurava os meios de não preseguir na falta. Ia pedir-lhe não a deixasse só em casa de noite. Sabia que o seductor já fizera diversas victimas. Sabia, porque o proprio marido lhe contára as prosápias do outro em quem elle achava graça.

Dizia o conquistador não haver mulher que lhe resistisse ás lábias: era só darem tempo delle falar com ella!

Uma noite, por simples descargo de consciencia, Vilfredo voltára á casa antes de terminar o jogo na residência de um dos companheiros. Protestaram os outros: faltára Fulano e Vilfredo queria imitá-lo. Desculpára-se e sahira.

Ao chegar em casa, pôz a chave na fechadura, deu uma volta na chave, abriu a porta, entrou e os surprehendeu em flagrante.

O amigo viu a morte de perto; ficou desacorçoado, acobardou-se miseravelmente.

Deu-lhe valente pontapé e enxotou-o como o não faria a um cão leproso.

Talvez a belleza daquella mulher o levára á traição...

Mataria a esposa. Esta, sim, não tinha o direito de o trahir. Precisava morrer.

Ficára depois indeciso...

Recordára, por inspiração daquella mulher, fôra tambem um heróe: quem lhe dava animo para combater era a figura da sua déa que a todo instante via aonde quer que fôsse elle; na esposa agora não estava só vendo a deliquente, senão, outrosim, a companheira solicita de muitos annos, a enfermeira carinhosa a cujos cuidados devêra certa vez a propria vida com risco della ficar doente, chegando a enfraquecer bastante com as continuas vigilias.

Recordára: havia tambem trahido um amigo, residente no Uruguay e em circumstancias mais delicadas, o qual o acolhêra carinhosamente em seu lar quando emigrára após o cêrco de Bagé; não fôra nobre dessa feita: estava pagando o mal causado a quem lhe fizéra o bem!

A esposa, no flagrante delicto, personificava o arrependimento.

Após enxotar o cobarde, disséra á senhora não a matar por estar convicto de ser ella uma victima; comtudo, nunca mais lhe tocasse sequer com um dedo.

Na vista dos filhos, falava com ella; na ausencia delles, o silencio era absoluto.

A victima envelhecêra vinte annos em poucas semanas com os soffrimentos de cada dia, com as tristes recordações de cada instante.

E passou a alimentar-se mal. Foi enfraquecendo pouco a pouco. Veiu-lhe o tédio. Veiu-lhe a dyscrasia. Morreu de sentimento.

Vilfredo vivia depois muito triste. Si pudesse elle abrir o peito; si todos lho vissem por dentro, quanta manifestação de sensibilidade á vista dos soffrimentos delle que não cuidava de si por só andar pensando na esposa infeliz.

Illust. de Edgard

O destino de um seringueiro

Conto amazonico de Pedro Mattos

A sêcca no nordeste era das mais fortes. A Terra vingava-se da falta de alimento, privando deste tambem aquelles que della viviam. Era de angústia a situação do sertanejo. Trabalhava quanto ainda lhe permittia a decadencia physica, mas os seus esforços eram improficuos; as "promessas" e as procissões não surtiam o effeito que a crença popular acreditava como infallivel. Tudo continuava como dantes.

As plantas mirradas, galhos nús, pareciam phantasmas plantados na desolação geral. Os animaes fugiam em procura de outras plagas. Só o nordestino permanecia agarrado ao torrão onde a felicidade lhe sorrira por tantos annos e onde, agora, a desdita o perseguia. A fome, havia muito, assolalava o seu lar.

A esposa mal podia alimentar o filho recemnascido. Os outros trez filhos imploravam-lhe tambem alimento. Tudo faltava.

A casa não sorria mais ao sertanejo e não lhe proporcionava o conforto que outrora sentia ao lado dos filhos e da mulher com quem se unira pelo amor.

Todos abandonavam o sertão. Fugiam para a cidade na esperança de vida mais farta.

Raul foi dos ultimos a partir. Só depois de se convencer que a acção divina não vinha ao encontro dos seus desejos e appellos, é que abandonou o sertão.

Foi uma viagem longa e penosa, accrescida da dor profunda consequente da perda do mais moço dos filhos.

Na cidade, não melhorou a vida; os soccorros officiaes eram irregulares e não visavam a finalidade com que eram distribuidos.

Os particulares objectivam mais a enscenação, para gaudio da vaidade propria, do que mesmo fins caridosos.

Premido pelas circumstancias e attrahido pela labia dos agenciadores de homens para os seringaes amazonicos, Raul consultou a esposa e quiz tambem ir tentar a vida na terra onde proliferava o ouro, consequente da extracção e do alto preço da borracha.

Raul não ia tentar fortuna, mas sim conseguir o necessario para a manutenção da esposa e dos filhos, a razão de ser da sua vida. Acceitou a offerta do contratador e dispoz-se a partir.

Desde então, começou a sorrir-lhe a vida.

Foi alojado em um hotel modesto, e ali encontrou algum socego; a familia já se alimentava e elle tambem já se sentia outro.

Parecendo que a roda da fortuna andava na mesma direcção que a sua vida, elle teve a alegria de receber do contratador, do "paraoara" que distribuia dinheiro a mancheias, quinhentos mil reis para as despesas que necessitasse fazer, como vestuario, passeios, etc. Foi um pouco estranha para Raul aquella offerta, mas o contratador lhe explicou:

— Isto é um pequeno adeantamento, que lhe fazemos. No primeiro mez, pagará tudo e ficará então livre para tentar a fortuna.

— Mas já estamos gastando muito e não é possivel que eu possa pagar tudo em um só mez. Serei só para trabalhar, e ainda estou fraco...

— Não se affiija. A seringa está dando bom preço; em um dia, sem esforço, poderá ganhar quasi duzentos mil reis.

Assim sendo, Raul não teve duvida em acceitar o dinheiro.

Com elle substituiu os trapos que cobriam as carnes magras da familia e, pela primeira vez, sahiu a passear.

Homem affeito a não se imiscuir em negocios duvidosos, aquelle, em que se mettêra levado pela contingencia da sua situação economica, não lhe agradava. Vislumbrava, através de tudo, um objectivo que não estava bem claro e definido. No emtanto, no dia em que embarcou na 3ª classe de um navio que o devia levar a Belém, sentia-se outro. Já verificava que nada de deshonesto havia no seu procedimento. Ia trabalhar e pagar aquelle que tão generoso fôra mitigando-lhe a fome. Até então, alheiado da miseria do resto da humanidade, mas tendo sempre no pensamento a sua propria miseria e da familia, sendo que a desta é que mais o preoccupava, Raul não verificára que muitos outros conterraneos passavam pelos mesmos transes. Só a bordo, quando entrou em contacto com cerca de cincoenta outras familias em condições identicas ou mesmo peores que as suas, é que deixou de parte a illusão de que a providencia divina o perseguia. Sentiu-se confortado com a miseria alheia, viu que a outros tambem a desdita perseguia e que, portanto, não era elle o unico infeliz sobre a terra.

Animo novo lhe encheu a alma, e elle sentiu que lhe nasciam novas forças para com ellas enfrentar, com todos os companheiros de desdita, a miseria que lhes invadira o lar.

No emtanto, aquelle grupo de retirantes cheio de esperança ia numa promiscuidade degradante.

Não havia notado ainda que já começára a agir sobre elles a vontade do dominante do seringal, do capitalista retrogado.

Antes, eram tudo blandicias, mimos, futuros roseos que apresentavam aos pobres fugitivos da fome. Retirado, no emtanto, do torrão natal e mettidos na 3ª classe do navio, delles não queria saber o "paraoara", que gozava do poder do seu dinheiro, farta e burguezmente installado em camarote de luxo, affrontando o resto da humanidade com a sua riqueza.

Mas, ainda assim, o caboclo nordestino se sentia mais feliz.

A esposa creava côres, os filhos não o perseguiam famintos e elle proprio se sentia mais forte.

O navio chegou a Belém, a cidade grande, o paraizo dos nababos da borracha. Os párias da sorte não desceram á terra.

De longe, Raul viu apenas os grandes edificios, as ruas que se cruzavam e um sem numero de pessôas que andavam em todos os sentidos. Parecia um formigueiro. Mesmo de longe, aquelle movimento intenso perturbava o sertanejo.

Do navio elles foram transportados para um "gaiola", que, momentos depois, iniciava a marcha pelo Amazonas acima, enveredando por "furos", passando entre florestas que pareciam estar desgarradas no meio do grande rio.

No "gaiola", o ambiente já não era o mesmo do navio anterior.

A terceira classe era mais sordida. Havia maior promiscuidade. Mas, ainda assim, existia o essencial, isto é, a alimentação.

O "paraoara" viajava na primeira classe. Adquirira já um ar mais

autoritario. Não falava com a mesma brandura com que conseguira trazer aquella leva de caboclos. Já os tratava como creados, quasi como escravos.

Mas, para Raul, tudo parecia ainda correr bem. Sentia-se mesmo quasi feliz. Ao anoitecer, encostado á amurada do "gaiola", elle se abstraia de tudo e admirava a exuberancia da natureza que se apresentava em toda a sua pujança, numa demonstração espectacular de grandeza. E toda essa grandeza elle a via então num ambiente proprio á divagações, quando o escaldante sol do equador, diminuindo a acção dos seus raios, se escondia na floresta immensa como um grande facho de fogo que a fosse queimar.

Quasi meio mez de viagem e, um dia, o contratador communica, com voz autoritaria, que preparem a bagagem, pois estava finda a derrota. Numa noite, parado o "gaiola" e lançada a prancha a um barranco, aquelle grupo de homens desembarca, e com elles Raul e a familia. Saltaram, foram ao barracão e voltaram para ajudar a descarga das mercadorias do paraoara".

Esse serviço inicial na nova terra foi penosissimo. Peor, no emtanto, foi a noite no recanto sórdido do barracão, de mistura com mercadorias de toda a especie, com tudo fechado para evitar qualquer surpreza. No dia immediato, madrugada ainda, toda aquella caravana foi distribuida por diversos pontos, sendo destacada para cada um a estrada de seringa em que devia trabalhar.

Raul e sua familia tiveram que caminhar durante todo o dia para chegar, já ao cahir da noite, ao ponto que lhe fôra indicado.

Era a barraca de um seringueiro experimentado, que havia annos labutava na matta tirando a seiva da floresta que depois de preparada remettia ao patrão.

Alli, Raul ia apenas treinar e entrar em contacto com a vida isolada da matta. O seringueiro, que por signal era da mesma terra que Raul, fez-lhe amavel recepção. Acolheu-o com carinho e proporcionou-lhe conforto moral. Narrou-lhe, em palavras simples, mas sufficientemente claras, o que era o drama da floresta.

Raul ouvia tudo com calma e resignado com a sorte que lhe estava reservada. Encontrava-se em uma aventura e dispunha-se a aguardar o seu epilogo, fosse elle qual fosse.

Começou a labuta. A principio, ao lado do seu novo companheiro, aprendendo e integrando-se na rude vida da floresta.

Pouco depois, tornava-se autónomo. Construira tambem a sua barraca e localizára a familia.

Já então um novo ideal enchia o seu pensamento.

Desejava enriquecer e fugir ao inferno verde. Não era um ideal, era uma obsessão. Desde a madrugada até a noite vivia entregue ao rude labor.

Ainda estava escuro e já elle tinha deixado a barraca, rumo á estrada de seringa. Levava o rifle e os petrechos necessarios á colheita do leite que se ia transformar em ouro.

A' noite, voltava carregado, com o coagulo e com uma ou outra caça. Recebia-o a alegria sincera da mulher e dos filhos.

Satisfazia ao estomago, palestrava com a mulher, brincava algum tempo com as creanças, e voltava ao trabalho.

Ia defumar a seringa, preparar as "pellas". Si penoso era o córte da seringueira, mais ainda era a defumação, depois de um dia de estafante trabalho.

Raul, no emtanto, não sentia o cansaço physico. Entregava-se ao trabalho visando os recursos para voltar ao estado natal.

O patrão, que, de longe em longe, via, quando das visitas ao "centro" para entrega da producção, envaidecia-se daquelle elemento activo e productor, que contribuia de maneira tão preponderante para augmento de sua riqueza. Tratava-o no emtanto, como aos outros. Explorava-o vendendo o necessario para a alimentação e resguardo do corpo por quasi dez vezes o preço verdadeiro.

Mesmo assim o credito de Raul augmentava cada vez mais.

Certa vez, elle julgou ter o necessario para a emancipação do captiveiro brando dos seringaes. Pediu o saldo ao patrão.

Restava-lhe pouco mais de cinco contos de reis.

Foi a sua primeira decepção. Pensava que a muito mais ia a importancia que lhe era devida. Mas, alli estavam as contas do patrão, complicadas, cheias de fornecimentos que elle não annotára si tinham ou não sido feitos.

Resolveu ficar e usar de mais cautella, restringindo e annotando as despesas, que eram, agora, constantemente controladas.

Mais algum tempo, muito menor do que o anterior, e Raul estava com o dobro do saldo.

Satisfeito, elle communicou á mulher que ia até a villa donde procediam. Desejava comprar um pequeno pedaço de terra, construir o tecto definitivo e voltar a buscar a familia.

Com tristeza a mulher o viu partir, descendo o rio no "gaiola".

Presentiu a infeliz que naquella embarcação iam todas as suas esperanças, a felicidade e a propria vida. Entregue aos cuidados do dono do seringal, ella passou a ter apenas como alegria os filhos já crescidos que alli se embruteciam á mingua de educação e minados pelo impaludismo.

Emquanto isso, o marido seguia para a civilização.

(Continúa na pag. seguinte)

O DESTINO DE UM SERINGUEIRO

(Continuação)

Em Manáus o "gaiola" parou. Demoraria ali alguns dias para descarregar a castanha e a borracha que trazia dos altos rios.

Embrutecido pela vida que levara até então, Raul, instado por um companheiro, resolveu entrar em contacto com a civilização

Manáus, então, estava em todo o seu apogeu de grandeza.

Os *cabarets* e as casas de jogo regorgitavam.

Bebia-se champagne como uma simples cerveja, e gastava-se em prazeres fugazes com estrangeiras lindas e traiçoeiras o dinheiro de longos dias de trabalho insano.

E Raul foi levado para um *cabaret*. Mostrou-se primeiramente retrahido, arrependido mesmo de estar ali e a esposa se encontrar isolada na monotonia do seringal.

A luz, a musica, o elemento feminino, bello, provocante, no emtanto, fizeram com que elle esquecesse, um pouco, tudo mais.

Entontecido, verificou quanto tempo vivêra como um bruto.

A principio, o remorso por momentos o dominava. Sentia não ter trazido a esposa e os filhos, para verem a cidade grande, gozarem um pouco do lado alegre da vida. Esses momentos foram rareando.

Raul já se adaptava ao meio; já sentia necessidade de estar em contacto com aquelle ambiente e não percebia que a perversão de sentimentos e de costumes o dominava.

Amanhecia nos *cabarets* e já não dormia no modesto hotel em que se installára. Ali ia de passagem, mudar de roupa, descansando dos excessos das noitadas alegres na casa de alguma eventual companheira. Constantemente, o excesso de alcool o prostrava inconsciente, quando não o levava á pratica de desatinos.

Esse estado de perturbação de alheiamento, ou melhor de inconsciencia dos seus deveres de esposo e pae, fez com que elle perdesse o "gaiola" e fosse obrigado a permanecer em Manáus.

Nessa occasião, Raul como que despertou do sonho em que vivia.

Verificou a que ponto chegára e a enorme ingratidão que praticára para com a familia. Mas essa reversão á realidade foi momentanea. O ambiente o empolgou novamente e elle voltou a se entregar ás noitadas alegres, regadas a champagne e amenizadas com a presença do elemento feminino.

Encontrava-se então com o coração pulsando por uma interessante franceza. Nicholette o attrahira e lhe dava a impressão de que apenas a elle amava. Com ella, Raul experimentou as sensações fortes da roleta. Ella jogava e elle se deixava levar pela vontade da mulher a que se entregava.

— Mataste alguma cousa?
— Nada, absolutamente.
— E por que não trazes um automovel em logar da espingarda?...

Passado um mez, o dinheiro estava desapparecido.

Nicholette tambem já não o queria. Outro forasteiro a seduzia pelo ouro que ainda possuia. Os amigos eventuaes, os que apparecem quando o dinheiro é abundante, tambem se esquivavam. Tentou ainda recuperar o perdido jogando no panno verde.

Tentativa infrutifera, pois foi mal succedido e perdeu mais um pouco do que ainda tinha.

Procurou por varias vezes encontrar no amor de Nicholette o conforto, compensando assim a miseria que voltava.

Da mulher que adorava elle obteve, apenas, o desprezo e o desdem. Ella fez sentir que nada mais desejava de Raul. Já aproveitára delle o que elle podia dar. Não havia mais dinheiro e portanto, elle não a podia interessar no momento em que as suas vistas se voltavam para outro "paraoára".

Desgostoso, arrependido Raul passou a se embriagar, não mais em *cabarets* onde a champagne corria, mas sim em conventilhos da mais baixa especie.

Por algum tempo elle rolou ainda no torvelinho do descredito.

Um dia, o arrependimento veiu, embora um pouco tarde.

Resolveu voltar ao seringal, rever a familia que tanto esquecêra. Partiu no "gaiola", sem dinheiro e com a passagem a pagar pelo patrão, no termino da viagem. Ia acabrunhado, remoido pelo remorso, mettido na sordida 3ª classe.

(Continua na pag. 12)

ASPECTOS

Tudo tão lindo, hoje. A tarde tão ideal!...
E' o silencio, é a calma
Que Deus me deu como um brinquedo de Natal
Para a alegria criança de minh'alma.

Fecho os olhos num gesto de cansaço.
De perdão...
E a brisa, que anda tonta pelo espaço,
Vae offertando vida á minha vida,
Vae enchendo de luz meu coração.

O lago está de um verde tão profundo,
Tão brando,
Como os olhos do meu gato vagabundo
Que passa o dia inteiro cochilando.

O Occidente é um brazeiro.

E o sol, partido ao meio,
Numa transfiguração harmoniosa,
Parece os labios da filha do açougueiro,

Elle. — Santo Deus!... Não viste a arvore?
Ella (que dirige, pela primeira vez, um automovel).
— Não ouviste que cansei de tocar a buzina, idiota?

O destino de

(*Continuação*)

onde o ambiente já lhe era desagradavel e contrastava chocantemente com a grandeza ephémera em que vivêra em Manáos.

Chegado ao seringal, envergonhado, não teve coragem de dizer o que se passára. Mentiu ao patrão e á familia. Aquelle o recebeu com alegria, pois se tratava de um elemento bom, que continuaria a explorar, principalmente, agora, que deixára transparecer fraqueza de animo e de vontade.

Pela esposa, Raul fôra recebido tambem com alegria, alegria muito differente da do patrão. Ella amava verdadeiramente o marido e a longa ausencia a torturára. Cercou-o de carinho, que, no entanto, não era correspondido. Raul estava completamente mudado.

Nem a esposa nem os filhos lhe despertavam qualquer sentimento. Elle estava indifferente a tudo. Durante longos momentos permanecia abstrahido, com o pensamento muito distante. Era a imagem de Nicholette, a mulher ideal, que se lhe apresentava a todo momento. Via-a como si ella estivesse a seu lado, acariciando-o.

Quando Raul se entregava a esses devaneios, a esposa, humilde, vinha confortal-o. Aborrecido, elle a repellia; não lhe encontrava mais attractivos nem lhe despertava prazer o convivio com os filhos.

Um dia, se irritou com a insistencia da esposa. Ella perturbava suas divagações através o espaço-

Que mora alli na esquina,
Rezando preces entre nuvens côr de rosa...

Até os olhos da mulher que eu amo
Estão hoje mais lyricos e azues...

— Não deves falar, quando tua mãe está falando!
— Mas, mamãe: então, terei que esperar até que a senhora vá dormir?

— Vamos brincar de céo? Espera o sol cançar...
Vou correr, vou pular de ramo em ramo,
Quero encher minha mão de vagalumes
Para dizer que são estrellas
Do céo do teu olhar.

. . . .

Mas a tarde passou... A noite foi depressa...
E eu pergunto a mim mesmo: — Que é de mim?
No lago ha cysnes, de pescoços longos,
Numa promessa
De interrogação;
Ha milhares de corvos pelo espaço,
Manchando o panorama de carvão...

E eu sacudo a cabeça e fecho os olhos
Num gesto de renuncia e de perdão...

BRIGIDO TINOCO

um seringueiro

as quaes o conduziam a Manáos.

Enxotou-a, agrediu-a. Ainda assim, a pobre mulher não se aborreceu. Voltou a acariciál-o, tentando vêl-o tornar ao que era antes.

Foi nessa occasião que elle não trepidou ante a pratica de um crime. Com o "terçado" desferiu profundo golpe na cabeça da infeliz mulher, prostrando-a sem vida. O sangue, a sahir em borbotões, trouxe-lhe a razão. Viu a quanto chegára e o que o esperava quando descobrissem o crime. Reflectiu um pouco, e, contemplando o cadaver, começou a ver desenhar-se o corpo de Nicholette, a mulher que o attrahira, e cujos encantos cada vez mais se assenhoreavam do seu proprio eu. Os olhos de Raul se abriam desmesuradamente e cada vez mais elle tinha a impressão de ver a realidade. E a tal ponto chegou essa illusão, que ficou transtornada a razão do infeliz homem. Em dado momento, elle se atirou então, sobre o corpo da esposa, a beijál-o como se estivesse beijando Nicholette. Já era um louco.

No dia seguinte, quando outro seringueiro foi á barraca de Raul saber o motivo por que não o encontrava no ponto em que todos os dias palestravam em meio á labuta da colheita do leite de seringa, se lhe deparou o pobre homem a beijar ainda o cadaver da mulher.

E esse quadro era assistido pelos filhos, que, transidos de pavor, estavam acolhidos a um canto da palhoça.

Seara alheia

Dar

TODO homem que te procura, vem te pedir alguma coisa: o riso aborrecido, a amenidade da tua conversa; o pobre, o teu dinheiro; o triste, um consolo; o débil, um estimulo; o que luta, uma ajuda moral.

E tu ousas te lastimar!

E tu ousas pensar: que tedio!

Infeliz! A lei secreta que reparte mysteriosamente os dois se dignou-se outorgar-te o privilegio dos privilegios, o bem dos bens, a prerogativa das prerogativas: dar! Tu pódes dar!

Durante todas as horas do dia, tu dás, ainda que seja um sorriso, um aperto de mão, uma palavra de estimulo.

Durante todas as horas do dia, te pareces com elle, que não é senão dadiva perpetua, difusão perpetua, regalo perpetuo.

Deves cahir de joelhos deante do senhor, e dizer-lhe: "Graças porque posso dar, meu Pae! Nunca mais passará por meu semblante a sombra de uma impaciencia!"

"Em verdade, vos digo, que vale mais dar do que receber!" — ensinou Christo. — AMADO NERVO.

— Desejaria ser grande como o senhor, papae, para poder fazer o que quizesse.

— Meu filho, quando tiveres a minha idade, já estarás casado...

A consciencia

TODO homem tem em seu coração um tribunal por onde é julgado diariamente, até chegar o dia em que o Juiz Supremo fale definitivamente.

Si o vicio não fosse senão uma consequencia da nossa compleição mais ou menos defeituosa, de onde viria o temor secreto que afflige o culpado?

O tigre mata a sua presa, e se põe a dormir tranquillamente; o homem pratica o homicidio, e, durante dias, semanas e annos, não consegue conciliar o somno ... — CHATEAUBRIAND.

A pressa

NÃO te afadigues tanto na leitura. A pressa, para ser mais leve, alija a attenção e não olha o caminho, de sorte que, do per-

curso que faz de afogadilho apenas lhe fica o cansaço inutil.

Nada mais lento, mais debil, do que uma gotta de agua e, no lentejo perenne, cava a rocha durissima.

A precipitação é corrida ás cégas.

Vae no teu passo natural e chegarás, com proveito e sem fadiga, ao conhecimento do que desejas.

Queres tomar ao tempo mais do que elle póde dar-te.

A hora não conta senão os minutos precisos: um millesimo de segundo é bastante para adeantar o ponteiro.

A chuvas brandas infiltram-se e dão viço á terra, as inundações arrazam.

Lêr sem sentimento é como andar sem destino.

Si fizeres os teus estudos com o devido cuidado, aproveitarás o tempo, sem cansar o cerebro, e os minutos medrarão em horas, as horas em dias; e, como a attenção esteve no seu posto recebendo e accommodando idéas, não te será difficil encontrál-as, sempre que dellas careceres.

Si colhes uma rosa a correr, arriscas-te a perder a flôr, desfolhando-a, e ainda a picar-te nos espinhos.

O intervallo é necessario ao rythmo, que é o regulador do movimento.

Lê e medita. A vida ensina-nos a viver. No arfar do peito que respira ha um instante de parada: o hausto que penetra não se encontra com o halito que expira.

No proprio caminhar ha intermissão do vacúo.

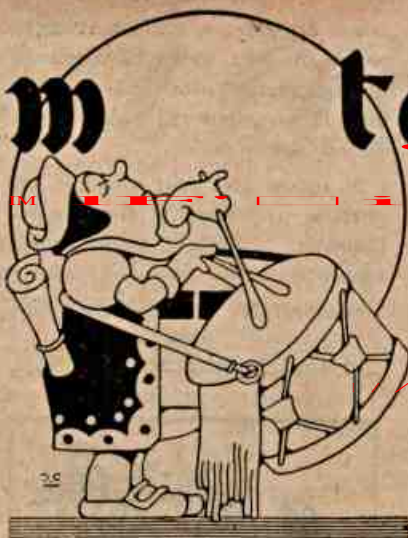
Tudo exige repouso para que se aproveite. Si eu te pedisse noção da leitura que hontem fizeste, talvez me respondesses com um bocejo.

Tens ansia de saber? Estuda. O livro deve subir ao cerebro em essencia — não em palavras, mas em idéas.

A palavra é corpo, a idéa é espirito. O que fica na intelligencia é como o que ascende ao céu.

E tu só te preoccupas com as palavras como aquelle que, numa multidão, vê apenas corpos sem perceber uma só alma. — Coelho Netto.

COMMODIDADE. — A esposa do deputado. — E si Henrique fôr nomeado ministro, espero que seja sem pasta. Elle não gosta de carregar embrulhos!

Saibam Todos...

LOLITA (Paraná) — A sua carta é mais uma pagina de literatura, pois, tanto pode ser para Affonso XIII, o kaiser, o rei da Abyssinia, o guarda noturno ou o homem que cobra as contas da luz e do telephone. E' uma carta que serve e se destina a qualquer pessôa, — seja ella Yves de tal, Gedeão ou Zebedeu da Biblia. V. ex. quiz escrever e escreveu. Achou o nome de Yves — e zás! — lá vae literatura. Até mesmo os votos de bôas festas, que me manda, poderiam ir para outro destinatario.

Pois não é certo que não nos conhecemos? E nunca nos haveremos de conhecer?

Emfim, depois desse "intróito", eu quero que se leia a sua carta, em cuja margem v. ex. desenhou a lapis azul um lago, uns montes e o perfil triste de um pinheiro...

"Chove a cantaros. Pela janela do meu quartinho de estudante eu olho para a tarde cinzenta e triste. Ouço a musica da chuva, lá fóra...

... E a minha pena percorre esta folha de papel que brevemente estará nas suas mãos, emquanto a chuva continua cantando, ou chorando?... Não sei. Sei apenas que gosto de ouvi-la.

Yves, venho trazer-lhe os meus sinceros votos de felicidade nesse novo anno de 1934. Que o bom Deus o proteja e o cerque de tudo que possa concorrer para que você seja absolutamente feliz.

Agradeço-lhe a atenção que você me dispensou lendo a minha missiva. E' interessante a sua interpretação do meu pallido desenho.

Nasci no Rio de Janeiro, essa cidade-fada. Desde os meus mais tenros anos, porém, respiro esse ar puro e saudavel, saturado do aroma dos pinheiros desta maravilhosa terra do Paraná. Amo-a como si fôra o meu berço natal. A's vezes, quando interrogada não sei si devo dizer si sou carioca ou paranaense. Yves, você conhece o Paraná. Si não, aconselho-o a visitar esse recanto do nosso querido Brasil, tão cheio de inspiração para a sua alma de poeta sonhador.

Apezar do seu conselho amigo, eu ás vezes ainda escrevo algum soneto. Que importa se são máus? Sómente eu os leio.

Yves, cada vez que lhe escrevo, o que por si só já vem importuna-lo, eu ainda ouso pedir-lhe um favor. Desta vez eu desejaria o estudo da minha caligrafia, não obstante você haver dito a um certo senhor no ultimo "Saibam Todos" que isto você só concede ás pessôas de suas relações ou áquellas que o procuram pessoalmente. Eu, infelizmente, não pertenço ás primeiras, e é-me mais ou menos dificil a seguada condição. No entanto, eu ousei pedir-lhe esse obsequio porque sou ótimista. Nunca perco as esperanças. Sou mesmo contraria aos "impossíveis". Penso que "tudo é possivel". Agora, Yves, depende de você. Si fôr da sua vontade e si o tempo lhe permitir que você satisfaça o meu desejo, fico lhe muitissimo grato. Si não, continuo a sua admiradora constante *Lolita*. Estado do Paraná. — 9 / 1 / 34."

Como v. ex. já conhece as condições em que faço graphologia, é desnecessario repetir aqui o que v. ex. já sabe...

E até breve, sim?

LUIS PIMENTA (3) — Ainda bem que o sr. é um dos raros que sabem agradecer as gentilezas que recebem desta pagina.

E como é um exemplo não commum a sua carta, vou, data venia, publical-a, nesta secção, a titulo de curiosidade.

Nem tudo, neste planeta, está perdido. E' que, grande parte das coisas deste mundo está perdida no da... lua...

Mas, fóra de brincadeira: eis aqui a sua missiva:

"Yves: Recebi com extremo agrado o numero de "Fon-Fon" de hontem. Foi o melhor presente que tive... Um presente de "anno-bom", magnifico. Quem m'o fez foi você. Estou reconhecido, portanto. E guardarei de si, na simplicidade dos meus sentimentos intimos, uma lembrança bem accentuada, tal a sua amabilidade, attendendo a um pedido meu.

Como conhecedor que é dessa fina sciencia — a graphologia, você revelou, ainda desta vez, uma agudeza admiravel: O exame feito e publicado, é uma exposição correcta dos traços predominantes do meu caracter. (Muito cretino eu seria se o negasse). Aceita as minhas felicitações pelo acerto?

Concluindo, agradeço-lhe mais uma vez, cumprimentando-o com admiração, attenciosamente.

Luiz Pimenta."

GISELA (Minas) — Penhorado, agradeço e retribúo seus votos de bôas festas.

Gisela! Como gostei desse nome! E, francamente, a letra me diz que a sua portadora é moça e bonita: de 18 a 24 annos? Clara, "fausse maigre"...

E' verdade que uma mulher sempre tem 16 annos... Mas, pelo amor de Deus, d. Gisela, não desmoralize a graphologia...

ILUSKA (S. Paulo) — Eu tenho sido tão blefado pelas salas, que não creio mais no que uma mulher me assegura. Duvido sempre do que ellas me dizem...

Em todo caso, como o seu elogio é espontaneo, e nós não nos conhecemos, vou dar como sincero o conteúdo de sua missiva.

E dê licença que a publique na integra.

"Cruzeiro — 25 de dezembro de 1933. Yves, Se eu estivesse ahi no verão luminoso da "Cidade Maravilhosa" vestir-me-ia de azul numa toilette bem léve e linda, e iria levar a você num punhado de rosas, a minha gratidão imensa pelo adoravel presente de Natal que me deu: a emoção delicada do seu "Azul e Rosa". Li-o hontem e os seus versos inda me cantam n'alma, num rithmo embalador de beleza e de sentimento. Papá Noel pague ao Yves, num 1934 bem feliz, a esmola luminosa de sua alma, dada a tantas outras, em rimas de ouro. — *Iluska* (Antiga Helena.)"

Per omnia secula seculorum...

A. L. (Pernambuco) — Aqui vae a sua carta de bôas festas:

"Pernambuco, 21 de Dezembro de 1933. Caro Yves: Como filha d'esta encantadora "Mauricéa", sinto uma indisivel alegria, em enviar-te por meio d'esta humilde

cartinha, os meus votos de "Bôas-Festas" e muitas felicidades no decorrêr do Anno de 1934.

Distante embora, creia na sympathia da conterranea e admiradôra *A. L.*"

Receba os meus agradecimentos e os mesmos votos que formúla na sua carta.

NÓRA LISI (Bahia) — Permita que tambem publique a sua carta, que agradeço de coração, expressando os mesmos desejos de que ella é portadora:

"Baía, 25 de Dezembro de 1933. Yves. Hoje é Natal!

A felicidade brilha em todos os lares, enfeitando de sorrisos todos os labios...

E eu caro amigo, não me esqueci de você neste dia tão alegre. A prova, é esta carta, acompanhada de algumas vistas da minha querida Baía, que lhe envio, junto aos desejos de Bôas-Festas e feliz Anno-Novo.

Confessando-me encantada com a leitura do seu novo livro de versos, faço votos para que produza successivamente, poemas belos e de tão suave ritmo, como os que formam a sutil filigrana de *Azul e Rosa*.

Mais uma vez a admiração muito sincera e cordial da *Nóra Lisi*."

A Bahia, segundo os seus postaes, é um justo motivo de orgulho para o Brasil. Que cidade encantadora! Que linhas! Que architectura! Tudo novo, largo, arejado, limpo e moderno! Parabens, d. Nóra!

E viva a "bôa terra" tão famosa e celebrada por todos os que a visitam!

OELEO (Capital) — Essa é de cabo de esquadra!

O sr. me escreve uma carta, onde se denuncia um espirito accentuadamente feminil... (Si é que os espiritos... "encarnados" têm sexo...) Eu commento o caso. E levanto a duvida sobre si, o sr. é Adão ou Eva.

O sr. responde... Sim, o que o sr. responde deve ser lido na integra, na sua propria missiva...

Vejamos o que me escreve o sr.:

"Rio, 19-1-934. "Yves", bom dia. Dia dois do corrente eu lhe escrevi uma cartinha apressada e mal escrita, produto expontaneo de meu estado de espirito naquele dia. Você publicou a carta, achando-a, até, curiosa. Bem; até aqui não ha nada de mais. O caso, porém, complicou-se no fim, quando você, numa pergunta que você, mesmo qualifica de indiscreta, indaga se me deve por um bigodinho "á Gilbert" ou uma saia "á Garbo". Diabo, Yves! Que idéa foi essa de me querer trocar o sexo? Onde foi que você se baseou? No sentido? Na letra?

Reconheço que fui um tanto banal nos meus conceitos, mas não tanto para você fazer uma troca tão... tão discricionaria...

Tambem sei que minha letra indica indecisão, inconstancia, e outras "qualidades" do "outro" sexo, mas, pela sagrada dentadura de Gandhy, "Yves", onde foi que você se baseou. Mereceria eu ao menos que você me dissesse?

Desculpe, e tome lá um abraço do velho amigo."

Ora, o sr. confessa que:

1.º — "foi muito banal nos seus conceitos"...

2.º — que a sua letra indica indecisão e outras qualidades do "outro sexo"...

E quer saber em que me baseei para julgál-o uma melindrosa...

Ora essa! Que ingenuidade! Queria o sr. mais elementos que os que me fornece? Mais do que isso, só si eu o encontrasse de saia, a me fazer fosquinhas... femininas...

Creio, aliás, que isso não está longe — uma vez que estamos em pleno triduo carnavalesco...

Afinal, meu caro, nada disso tem a importancia que o sr. quer que tenha.

Si o senhor é homem — parabens. Mas, creia que, com as regalias que hoje tem o sexo de Eva, não é nada mau se trocar um par de calças por uma saia...

Nós, homens, hoje, estamos muito por baixo... Ellas é que estão por cima...

PAULISTA (S. Paulo) — Ora viva! apezar dos pezares, as paulistas não esquecem esta pagina. Antes assim. Tambem não será de outro modo que ellas paguem o bem que lhes quero.

Desta vez, v. ex., que é paulista, se apresenta com outras credenciaes...

As de poetisa. Mas isso é uma pena. E' uma pena porque preferia que v. ex. fosse apenas paulista. Paulista bonita, porque, elegante, distincta, nobre, e sem commetter o feio crime de fazer versos maus...

Não! Queira ser apenas paulista. Já é uma gloria...

Em todo caso, vejamos o que v. ex. me escreve:

"Yves. Bom dia. Não fosse mais forte a minha vontade de ler uma "avis" sua, á algum dos meus versos, e ainda me conservaria á margem, estupendamente regalada, com as suas preciosas respostas, aos preciosissimos collaboradores do "Saibam Todos".

(*Continúa na pag. seguinte*)

Saibam todos...

(Continuação)

Veja, Yves, agora eu me dou o direito de tomar um logar na corrente comum, não para dizer como Bergerac:

..."meu sangue se congela,
Si lhes penso em mudar ligeira
[bagatela" (sic),

mas, para aceitar passivamente a corrigenda, ou, digamos melhor, a declaração da nulidade que se patenteia nos meus versos (modestia puellarum). Versos desilludidos de quem como Milkau, foi atraida pela miragem de uma ilusão fantasista, e anda inutilmente correndo atraz de uma Chanaan impossivel. Chanaan!... Chanaan!... Terra da Promissão; Terra que não existe...

O Destino, Yves, colocou, cedo demais, ante meus olhos, a nudez soturna da realidade da vida, cortando as azas dos meus sonhos, e comprimindo dentro da minha pouca edade um mundo de experiencia.

Experiencia!... mas é ela agora, que me impede de, lamuriosamente, dissertar sobre o meu pessimismo que pouco importa ou pouco deve importar aos outros.

Portanto!... Viva 1934.

E que você seja pouco aborrecido, e viva muitos e muitos anos para ventura sua e para delicia da Paulista, que lhe agradece o julgamento qualquer que ele for."

Que v. ex. seja paulista bonita e escreva uma carta, está direito. E' justificavel. E' correcto. E' até distincto. Mas, versos? E versos maus? Não! Nosso Senhor Jesus Christo poderá castigal-a, impedindo que v. ex. arranje um noivo rico e belo.

E é isso o que não desejo. Sabe?

J. ACREANO (3) — Meu caro senhor. A sua carta é mais interessante do que a collaboração que me enviou.

Leiamol-a com attenção:

"Presado romancista Yves: Meu saudar. Permita que um pernambucano velho no Acre bata á tampinha de sua cesta. Sim, noticiarista illustre. Reconheço que me faltam os conhecimentos necessarios da lingua dutil em que Bilac, o nosso joalheiro do verso, conquistou o cetro de principe dos poetas brasileiros na "enquete" feita por uma revista carioca de então. Sou quasi analphabeto... Aprendi apenas no antigo colegio S. Joaquim, do Recife, a carta do A B C.

Eis porque, de antemão, me julgo com direito á sua cestinha de papeis inuteis, os quais, diariamente, com azedume, são amarfanhados e atirados nela por suas nervosas mãos de escritor operoso e de destaque ao principado das bôas letras.

Na verdade, não sou eu que cairei no poço de sua bonita cestinha, pois moro *mui lejos* dela! Quem irá para dentro do voraz cestão, como o defunto para a cova (não me padece a menor duvida) é a tal "mentira", em anexo. Mas, coestaduano ilustre, filho da grande terra de Nabuco e Martins Junior, veja se pode com o seu alto grau de tolerancia e camaradagem, proverbial, (que presunção!) enxertal-a, com carinho e acto, qualidades que lhe são peculiares, nas columnas da esplendida "Fon-Fon", revista em que o aprimorado autor de "Uma garçonne carioca", pontifica o melhor da sua verve sadia e bem humorada.

Dizem que este velho mundo é uma enorme casa de doidos, maniacos e.... Eu, meu caro Yves, felizmente, formo na vanguarda da numerosa classe dos ultimos, com a minha crónica mania de escrever.... besteiras...

Si não fosse eu um analphabeto haveria de escrever muitas cousas.... cousinhas... e até bonitinhas...

Já não lhe quero cacetear, meu adoravel bardo.

Zaz!... Lá o *seu* Yves atirou (com que raiva, meu Santo Deus!) a "mentira" dentro do *cestão* de papeis.... sujos!...

Desculpe as *sotises* da epistola e da "Mentira".

Gratissimo, se firma ao seu inteiro dispor o conterraneo e amigo — *J. Acreano.*"

Vejamos agora a sua chronica literaria:

MENTIRA

(FANTASIA AZUL)

Eu sei de uma creatura que tem nos seus grandes olhos claros, vulgarmente ditos de gato, um pedaço desse céo azul dos tropicos e, na pequenina cabeça donairoza, filigranas de flavo metal!

Trefega e exquisita falena matisada de oiro e anil! Mas, não paira na pupila desses olhos inefaveis a doce mansietude dos lagos hialinos nas noites de plenilunio. Não!

Vêm-se (e agora não muito) na menina desses olhos de felizo, que atordôam e fascinam, coruscantes irisações "azueis" como as das ondas revoltas do mar proceloso, que irrompem, decerto, de sua carne moça e sadia, aveludada e rija...

Como vê, um *stand* de logares communs. Mais do que isto: uma "feira livre" de coisas sediças, ditas e reditas, a proposito de mulheres bonitas ou feias, bôas ou más...

Não, sr. Acreano, veja si será capaz de fazer coisa menos explorada...

NINA ROZA (Bahia) — Oh! Encantado com a sua missiva gentil. Agradeço-lhe o postal, com a vista da bella capital de sua terra e bem assim o interesse que manifesta pela minha pessôa.

A Bahia não é tão longe do Rio, bem diz v. ex.

E' possivel que nos venhamos a conhecer. E si até o carnaval, ou depois disso, vier até cá, será facil realizar a visita que me promette. Basta telephonar-me. Estou na redacção de 10 ás 11 horas da manhã e de 4 horas até 6 horas. Meu telephone é — 2-4136. Meu nome é.... Oh! Mas o nome creio que v. ex. não o esquecerá... apezar de pequenino — Yves. São quatro letras apenas. E' facil de guardar — como quem guarda um trevo quatri-folio... Ha tanta coisa inutil que se retem na memoria. Um nome não é muito, creio eu, d. "Nina Rosa"...

E viva a "bôa terra"!

BRIGIDO TINOCO (E. do Rio) — Penhorado, agradeço e retribúo seu delicado cartão de Bôas festas.

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4134

FON-FON — 3-2-934

Data da consulta............
Nome do consulente.........
....

Um famoso "conto do vigario"

De ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

MANOEL passeiava, furioso, de um para outro lado do quarto, batendo nervosamente os pés no assoalho. De que valem 200 mil francos de rendimento quando se está á mercê da mais estupida *telha* que nos possa cahir sobre o craneo? Em materia de *telhas*, essa era formidavel!...

— Ah! os parentes! — gaitava Manoel. — Se os parentes fossem dedos de minhas mãos, já a esta hora os teria cortado e jogado longe de mim! No lixo!

— O senhor teria, na melhor das hypotheses perdido todos os seus dedos em estorvar o curso da sua sorte! — ousou interromper o fiel criado preto que assistia a seu amo na *toilette* matutina.

— Isto é exacto, consentiu Manoel Quartim, emquanto dava o nó na gravata: — mas ha certas coisas que só acontecem a mim! Olhem que vim morar em Paris, de proposito, para não ser amollado, e agora este telegramma sem mais nem menos annunciando-me a chegada da neta da irmã de mamãe, que vem passar 15 dias na França e acho naturalissimo vir se metter na minha casa, no meu appartamento. São mesmo coisas do *Outro Mundo!* Eu não conheço nem tia, nem avó, nem neta e agora ella me cahe em casa sem sequer avisar-me com alguns dias de antecedencia, para preparar o meu espirito, e um quarto bem afastado do meu! Não, senhor! O radiogramma é de hontem e a chegada é hoje mesmo! E' fantastico! Sahir assim de *Valparaiso* para vir atormentar um pobre parente que vive socegado em Paris, e que nunca fez mal a ninguem?! Se a pequena não fala portuguez, nem francez, será muito agradavel! Eu não sei patavina de inglez! Fazemos scenas mudas e por certo interessantissimas!

* * *

Emquanto isto, uma mocinha loura perguntava em baixo, no mais classico francez ao porteiro, que fumava e cuspia sentado em frente ao portão do palacete da Avenida de Ienz.

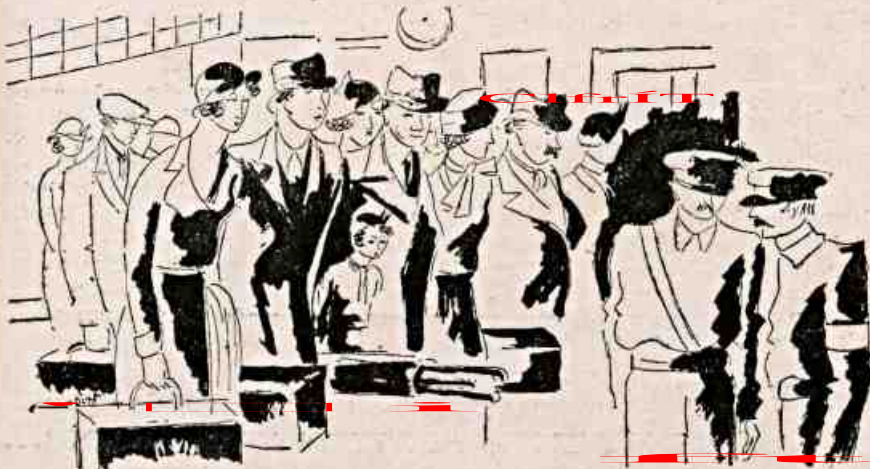
— O visconde Quartim está em casa?

— O sr. visconde não tem o habito de sahir antes do meio dia.

— Mas hoje deveria estar esperando por mim, — continuou a moça loura: — Sou a prima delle e estou chegando agora mesmo da America!

— A senhora é a prima do visconde?! — disse o homem fardado, levantando-se em grande alvoroço, como se a cadeira onde estava sentado se tivesse transformado numa braza viva.

(Cont. na pag. seguinte)

Um famoso "conto do vigario" (Continuação)

— Seja a bemvinda. Exia. faça favor: póde subir. Vou providenciar para as suas bagagens.

Dois lances de escadas de marmore, cobertas de tapete grenat, levaram Deasy á presença do aristocratico primo, que a esperava no salão das grandes recepções.

— Oh, primo, como sou feliz de conhecêl-o pessoalmente! Vóvó falava sempre tanto de você! — disse, alegremente, Deasy, lançando os braços ao pescoço de Manoel e dando-lhe dois beijos cheios de affectuosa cordialidade!

Manoel, com aquella inesperada effusão de amizade, recuou de dois passos, olhando-se muito inquieto no espelho, para ver quaes seriam a consequencias do intempestivo assalto sobre a sua *toilette* irreprehensivel.

— Não estraguei nada! — gritou Deasy: — não é a tôa que só uso *Rissprouf*, o *rouge* que não desbota beijando-se mesmo na bocca!

— Certamente! Certamente! — respondeu Manoel, galanteador: — Mas, sabe, na minha terra não temos o habito destas expansões...

— Como?! — Nem com um primo que não vejo ha vinte dois annos?

— Realmente, eu não me recordo de tel-a conhecido antes!...

— Como não!? — Ha vinte e dois annos, quantos annos você tinha?

— Treze...

— Pois, justamente, ha 22 annos quando eu ainda estava de collo e berrava provavelmente, como uma desesperada, fomos officialmente apresentados um ao outro... Na verdade acho que você mudou muito!...

— Não mudei nada — disse, rindo, Manoel, que começava a se divertir, emquanto procurava angustiosamente, na sua memoria, uma qualquer reminiscencia da prima.

— Gosto muito desta cidade! — continuou Deasy, com vivacidade, tomando Manoel pelo braço. — A casa do primo tambem me agrada

O pae. — Maria, teu noivo acaba de sahir daqui. Pediu-me a tua mão, e eu lha dei.
A filha. — Mas, eu não queria me separar de mamãe...
O pae. — Não te preoccupes com isso, minha filha: leva-a comtigo.

muito. Estou certa de que nos divertiremos immensamente nestes quinze dias. Não quer me acompanhar até o meu quarto?

Os quadros a oleo dos retratos de familia, alinhados pelas paredes da sala, empallideciam debaixo das côres vivas, tal como as nossas contemporaneas sob o carmim das faces...

Manoel Quartin é nosso amigo intimo. Conhecemol-o desde criança. Um bello dia, chegou-nos em casa, logo depois do almoço, e, mergulhando na poltrona perto do piano, pediu um cigarro. Depois, olhando-me com gravidade, começou:

— Vou communicar-lhe uma novidade!

— Diga!

— Resolvi casar-me e preciso do seu conselho!

— Pois não! Bôa pilheria! — Como se eu fosse lhe pedir conselho quando preciso ir ao dentista...

— E'. Mas hoje não é caçoada. E' caso serio.

— Então, aqui tem toda minha attenção!

— Você bem conhece a repugnancia que sempre me causou o matrimonio.

— Pessima attitude moral, meu amigo! O casamento é uma instituição magnifica que, através dos seculos, salvou milhares de situações difficeis. E foi talvez por isto mesmo que um papa a collocou entre os sacramentos, emquanto os homens a elevaram ao gráu de uma lei civil.

— Tudo isto é exacto; tanto assim que decidi casar-me justamente para salvar uma situação encrencada do meu matrimonio.

— O dote da moça?

— Em parte; mas ella tem dois immensos olhos azues e uns cabellos louros, que parecem um sonho!

— Quem sabe se não seria preferivel a realidade? Mas isto não me parece ser um casamento de interesse?

— Sim, porque de outro modo eu seria obrigado a ceder-lhe a metade do meu patrimonio materno.

— Não comprehendo mais nada. Explique-se!

— Parece que minha avó tinha uma irmã que casou com um americano do norte. Partiu com elle para os E. Unidos e nunca mais se soube noticias delles. Minha mãe, ao morrer, deixou uma clausula no testamento, allegando que, por pedido da mãe della, se entregasse a metade dos meus haveres a qualquer um descendente daquella senhora, minha tia avó, que desapparecêra nas

(*Cont. na pag. seguinte*)

Um famoso "conto do vigario" (Conclusão)

brenhas incultas da america do Norte.

— Agora comprehendo!

— Então reappareceu a famosa tia avó?

— Não!... Mas encontrei a minha prima. Está em casa ha dez dias. E' uma rapariga fantastica! Estou perdidamente apaixonado e decidi casar-me com ella.

— Ah! Mas a quanto monta a metade do seu patrimonio materno? Poderiamos, quem sabe?, pedindo auxilio ao embaixador ou ao consul, geral libertal-o da massada do consorcio.

— E' tarde... é tarde, minha amiga; e, aliás, é um casamento de amor!

— Mas, se não erra a memoria, tinha vindo me procurar hoje para me pedir um conselho?

— E' verdade.

Pausa.

— Ah! A proposito: como se usam agora as gravatas regata?

* * *

Muitas flores, rios de champagne, montanhas de *foie-gras* e de marrons glacés... e o nosso amigo casou-se...

O velho e fiel criado do tempo do pae de Manoel, filho de escravos da fazenda de Macahé, sentenciou á moda delle:

— Os casamentos de interesse, entre primos, não são abençoados por Deus e ficam estereis.

Mas Socrates e outros celebres philosophos, antes e depois delle, tambem sentenciaram bellissimas coisas sem impedir que o mundo continuasse a rolar no espaço do mesmo modo, isto é, de um modo, muitas vezes torto!

De volta da viagem de nupcias, que durára tres mezes, numa continua peregrinação pela Italia, Suissa, Austria, Hungria e Rumania, Deasy sahiu

sozinha, uma tarde do palacete da Avenida Ziena para um chá no Bois de Bologne. Manoel vagava pela casa com um livro na mão que não conseguira lhe prender a attenção e chegou, em

fim, até o *boudoir* da mulher.

Imprudente! Imprudente!

Um marido amante de sua paz de espirito não deve nunca penetrar nos aposentos da mulher senão quando é chamado

por ella. Sem querer, Manoel começou a folhear os papeis que estavam na pasta, sobre o escriptorio de Deasy quando se lhe deparou uma carta que não estava ainda acabada:

"Minha querida Gaby: Estava escripto. Não sei como agradecer o teu magnifico e originalissimo conselho, que teve perfeito exito! Já sou ha trez mezes a viscondessa de Quartim! Correu tudo ás mil maravilhas! Manoel acceitou com a maior facilidade a historia da tia avó e do testamento e está convencido de ter casado com "a prima" e de ter salve assim a metade do patrimonio materno. Nem verificou a identidade dos papeis que fabricaste com tanta habilidade. E' de uma ingenuidade surprehendente. Mas eu o amo muito e cada dia mais a vida aqui é...

Quando Manoel acabou de ler estas linhas, tornou a ler o allucinante papel, duas, trez, quatro vezes. Mas, em seguida,

accendeu um cigarro e sahiu do quarto.

Seis mezes depois, no palacete da Avenida de Ziena ecoavam, providencialmente, os gritos agudos e imperiosos de um forte e lindo recem-nascido, que vinha perpetuar a velha e nobre estirpe dos viscondes de Quartim.

Notas de ARTE

O 1.º "SALÃO" DO CARNAVAL. — No *hall* do Palace-Hotel expõe a Associação dos Artistas Brasileiros 4 dezenas de quadros inspirados todos em motivos carnavalescos.

Vendo e revendo a interessante mostra de arte na tarde de 27 de Janeiro, tivemos de quasi todos os trabalhos expostos agradaveis impressões.

Logo de inicio chamam-nos a attenção os quadros de Roberto Trompowski. Admirámos especialmente duas producções de idealizações oppostas, embora ambas fundamentalmente inspiradas nas festas de Momo: *Carnaval de praça* e *Veneziano*. Soube o pintor dar no primeiro a impressão tumultuosa da folia carnavalesca e no segundo evocar todo o encanto da filha da terra dos Doges.

Em seguida para-se e contempla-se, com especial carinho, *Maxixe*, de Carlos Chambelland, especimen de pintura cheia de viva belleza. Após dois primores da arte original de Guerra Duval: dois rostos de mulher, animados de grande poder emotivo. Parece que uma fala pelos olhos expressivos eloquentes e a outra tagarella sorrindo. Continuando o percurso, para-se e applaude-se ainda o *Carnaval no matto* e a *Cherjandi do Momo*, de Bruno Lestrowski, *Arlequim*, de Henrique Cavalleiro, *Maracatú*, de Maria Francellina, e o quadrinho anonymo mas que se poderá chamar *Autophantasia*, de Sarah de Figueiredo.

A par dos quadros alegres, que se harmonizam com o caracter burlesco dos momicos festejos, há dois que são o reverso da alegria, poemetos de melancolia, lagrimas a correr em meio á musica dos risos, dobres de finados por entre o bimbalhar dos guizos. São *Quarta feira de cinzas*, de Raul Pedrosa, e *Carnaval da vida* de Olga Mary. Ha nelles, com a relativa belleza da factura, a belleza absoluta da inspiração.

Citemos afinal o que nos pareceu o quadro-rei da Exposição — *Dominó*, de Fiuza. Perto ou distante, dá-nos sempre uma grande impressão de belleza. Pareceu-nos de rara perfeição de linhas e de cores. A formosa espadua contornada pela oria do traje a se desprender do busto, é pintada com tal primor, que parece ser menos uma imagem do que o proprio corpo do modelo. Tem-se a illusão de estar apalpando com os olhos a epiderme viva da figura. Se outros quadros não houvesse especimens de belleza, bastaria *Dominó* para valorizar o Salão do Carnaval.

OSCAR D'ALVA

P. S. — Missivista que se assigna — *Assidua leitora* — escreve-nos censurando-nos gentilmente pela omissão que diz havermos commettido de só mencionar em nossa *Nota* — "O anno artistico" — publicada no *Fon-Fon* do dia 13 de janeiro, 6 concertos da Orchestra Philarmonica, quando essa Orchestra realizou 20.

Não tem razão o ou a missivista. Se tivesse lido com mais attenção a chronica, teria percebido logo que em "O anno artistico" não nos referimos a *todas* as exhibições de arte, realizadas em 1933, mas apenas áquellas *a que assistimos*. A chronica diz assim: "Durante o anno de 1933 *assistimos* a 171 exhibições de arte, assim discriminadas:..., 6 concertos da Orchestra Philarmonica..."

Como se vê, não podiamos mencionar 20 quando só estivemos presentes a 6 concertos da Philarmonica. Eis porque só mencionámos tambem 10 exposições de artes plasticas quando houve talvez o dobro, e indicámos um unico espectaculo da Companhia Dramatica Franceza Germaine Dermoz, quando essa Companhia deu 10 ou 12, etc.

Fica para outra vez darmos as mãos á palmatoria de... *Assidua leitora*...

O. D'A.

CARNAVAL

O «High Life» é uma tradição alegre do Carnaval carioca. Todos os annos, quando Momo se approxima, e os guizos da folia começam a vibrar na alma dos Arlequins delirantes, o velho palacio da rua Santo Amaro veste a sua roupagem carnavalesca e se prepara galantemente para a grande farra annual dos homens sérios... Ainda agora, nesta vespera tumultuosa dos «trez dias», lá está elle todo garrido, enfeitando-se para os seus quatro bailes em homenagem ao rei da pandega, que aponta no horizonte da impaciencia geral cheio de lindas surprezas e de lindas loucuras. O «cliché» apresenta a fachada do «High Life» com aquelle ar austéro que deve ser a máscara da alegria...

PARA os indigenas da India ingleza, o correio é ainda como que alguma coisa sobrenatural, e por conseguinte, elles adoram as caixas onde se depositam as cartas, como si fossem altares. E' frequente vêl-os collocarem as cartas nas caixas do correio, e logo após, iniciarem uma serie de ritos, saudações e reverencias, como si estivessem na presença de um idolo.

* * *

A cidade mais antiga do mundo é Damasco, pois todas as cidades do seu tempo desappareceram. Sidon e Tyro foram quasi totalmente tragadas pelo mar. Balbeck, a Cidade do Sol, está em ruinas, Ninive e Babylonia desappareceram

* * *

nas areias do Tigre e do Eufrates.

Na capital do Mexico, no anno de 1536, foi installada a primeira imprensa do continente americano.

* * *

A superstição tão divulgada de que não se deve accender tres cigarros com o mesmo phosphoro, nasceu durante a guerra do Transvaal. Os soldados inglezes perceberam que o terceiro fumante recebia, invariavelmente, a morte. Tal facto tinha sua explicação assim: os "boers", durante a noite, vigiando o campo inglez, viam a luz proveniente do phosphoro incandescente. O tempo para ajustar o fusil, apontar e atirar seguindo a direcção da chamma, era justamente o necessario para que o terceiro homem accendesse o seu cigarro, sendo assim elle o attingido pela bala inimiga.

* * *

Muitas pedras preciosas, com os annos, perdem o seu brilho, e outras mudam de côr. As turquezas, por exemplo, soffrem a influencia do tempo, e, de azues que são, tornam-se amarellas ao cabo de alguns annos.

* * *

Deixando-se esquentar uma laranja durante alguns minutos, tira-se lhe a casca com muita facilidade

* * *

A tuberculose das articulações (tumores brancos) foi estudada e descripta por Richard Wiseman, em 1676.

* * *

A glandula sub- lingual foi descoberta por Rivinus, em 1679.

* * *

Ha pouco tempo, esteve exposto em Nova-York, o maior diamante azul do mundo. Tem um valor de 1.500.000 francos, e pesa 100 quilates mais que o famoso diamante azul de Hope. Foi encontrado na Africa.

EVA

Para ser cantada com a musica de Carolina

PIERRETTE, COLOMBINA
AHI TENS O CARNAVAL
MUITO BAILE, SERPENTINA
QUE NO MUNDO NÃO HA IGUAL

COMO UNICO DELEITE
E NO CARNAVAL GOSAR
TENS QUE SER INTELLIGENTE
COMPRANDO "EVA" E USAR

POIS QUE GENTE CABELLUDA
NESTE MEIO DE FOLIA
SEM "EVA" ESTÁ DESGRAÇADA
POIS "EVA" TRAZ ALEGRIA

"Eva" — creme é o Depilatorio Ideal; tubo 7$500 nas bôas perfumarias e pharmacias; Excls — Fa — Productos Reunidos, Rio Caixa Portal 1302 —

Para não ficar calvo assim

SI lhe cae o cabello, lembre-se que si não deter a sua quéda póde ficar completamente calvo. Detenha a quéda dos cabellos e fortaleça as suas raizes com o *GERADOR ACKERMANN*, o producto cujos resultados surprehendem. O *GERADOR ACKERMANN* é formulado e fabricado escrupulosamente por um distincto medico, o dr. Aaron Achermann. E' o producto mais efficaz que se conhece para a Caspa, a Seborrhéa, a Pellada e outras doenças do couro cabelludo. Si lhe cáe o cabello, não deixe de pedir, sem nenhum compromisso, um prospecto GRATIS do *GERADOR ACKERMANN*, no qual o leitor encontrará a prova da efficacia deste famoso preparado.

GERADOR ACKERMANN

DR. AARON ACKERMANN
Rua 2 de Dezembro, 77 — Rio
Queira mandar o prospecto do seu GERADOR ACKERMANN para:

Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

A venda nas
DROGARIAS e PERFUMARIAS

Distribuidores geraes:
ARAUJO FREITAS Cia.
R. dos Ourives 88-Rio

ANNO XXVII — FON-FON — NUMERO 5

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1934

AS RAZÕES DE COLOMBINA

UM anno. Sim. Faz hoje um anno que você, pequena Colombina — branca como uma rosa chá, e voluvel como uma onda da Guanabara — faz hoje um anno, sim, que você deixou o seu Pierrot, para rodar, num salão, nos meus braços fortes de Arlequim.

Você, porém, não foi uma creatura infiel. Isso não! O que você quiz foi apenas uma innocente aventura. Uma aventura breve de carnaval. Você deve ter dito ao seu coração commovido:

— Carnaval! Trez dias classicos em que nós temos o direito inalienavel de ser o que somos, "en cachette", — sob a máscara da hypocrisia — e do que desejariamos fazer o anno inteiro — sem máscara de especie alguma. Então? Por que não aproveitar? Si hoje pomos de lado todos os preconceitos grosseiros, para dar largas ao nosso temperamento — por que não hei de gozar esses momentos de libertação para fazer o que nos outros dias me é defeso?

A voz do seu coração terá ponderado:

— Colombina, que pretendes fazer? Enganar Pierrot? A sua consciencia deve ter retrucado, ligeira:

— Enganar Pierrot? Não ha engano, não ha traição, não ha infidelidade naquillo que se faz com sinceridade e alegria. Si o Carnaval foi inventado para explicar todos os desvarios e todos os nossos acertos (por que não dizer acertos?) sem que nos sentissemos constrangidos, por que não satisfazer um simples capricho que, sendo a expressão legitima de um desejo, desejo confessavel, é, tambem, um delicioso prazer?

A voz do coração:

— Prazer delicioso? Trahir a quem se ama?

E a voz da sua consciencia, Colombina:

— Já disse, coração, que não se trae a quem se ama, quando se age com sinceridade. Eu gosto de Pierrot. Pierrot é bem o meu sonho de amor. Mas sinto que, si hoje fugisse para os braços mórnos de Arlequim — o que me é, aliás, permittido por Momo — eu não enganaria a Pierrot. Não o trahiria. Porque o que faço é só aquillo que me é facultado por todos. E o que me proporciona alegria. E só se mente, e só se engana á pessôa a quem amamos, quando não somos sinceros com ella nem comnosco. Si eu hoje ficasse ao lado de Pierrot, a quem tanto amo, com a alma e o coração, — mas, a quem repelleria, certamente, no delirio do carnaval — eu não seria sincera commigo.

O coração: — Bello paradoxo!...

E você, Colombina, deixando a consciencia falar:

— Um paradoxo é uma verdade pelo avêsso. Mas, nem por isso, deixa de ser uma verdade gritante. E é por me sentir com a verdade que me defendo com estes argumentos de ferro. Pierrot é o homem a quem amo, com a alma e o coração. Arlequim é o homem que se ama com os éstos da carne e o fogo dos peccados de amor. Carnaval é o "laisser passer" de todas as coisas alegres, orgiacas e insensatas. E' a época em que se perdôa tudo a quem, como eu, deseja ser sincera, ao menos uma vez em doze mezes, e que, durante estes, fingiu e mentiu, sempre.

A voz do coração:

— Palavras... Palavras... Palavras... como no *Hamlet*, de Shakespeare. Ou antes, puros logares communs do Carnaval.

Você deve ter dado uma gargalhada sadia:

— Logar commum do Carnaval é fingir e mentir. Ser sincera, como eu encaro a sinceridade — não! E' ser singular. Adeus, coração! Vou para os braços de Arlequim... Quarta-feira de cinzas voltarei, inteirinha, para o meu Pierrot. E não serei melhor nem peor do que sou.

...E foi por isso que você, Colombina, branca como uma rosa chá, e encharcada de Rodo trescalante, rodou, rodou, feliz, nos meus braços de Arlequim, naquelle salão de baile — tonta de alegria carnavalisca, a cantar voluptuosamente:

"Macaco, olha o teu rabo...
que vae haver o diabo..."

Faz hoje um anno...

Onde andará você, Colombina? Acaso o meu papel será hoje o mesmo do seu magoado Pierrot?

BASTOS PORTELA

Faltam apenas alguns dias para a «grande festa da sensibilidade tropical». Alguns dias que hão de passar vertiginosamente, como suspiros de Arlequim apaixonado. As ruas já estão cheirando... á loucura carnavalesca. Começam a apparecer as primeiras máscaras. Mas ainda ha tempo para a escolha de uma fantasia. Foliões retardatários! Examinae bem esta pagina. Póde existir ahi alguma coisa que vos agrade.

PAGINA INFANTIL

Lia, filha do casal Alberto Canêjo.

Nylsa, outra filhinha do casal Alberto Canêjo.

No alto, ao centro: Rosa Maria, filha do dr. Fernando Lyra.

A menina Neusa Torres Menna Barreto.

(Photos Annunciato).

vale a pena viver?...

a nova enquête de FON-FON

OS systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se foram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras fórmas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

Meu eminente confrade:

Pergunta-me você, meu caro Gustavo Barroso, com a mais santa das simplicidades, «se vale a pena viver».

E eu respondo hirto, de sobr'olho carregado, vendo o rio da vida escorrer leve entre os meus dedos: que não, absolutamente não!

Perdôe-me esta resposta abrupta. Para uma pergunta tão extranha, quanto a sua, só mesmo o golpe de sabre de uma negativa cortante e rapida.

E haverá, porventura, quem, no seu juizo perfeito, diga o contrario?

A vida! Este desencanto continuo e crescente! Dias iguais a tantos dias passados e irmãos de tantos outros que hão de vir! O mesmo tedio dos ricos, o mesmo desespero surdo dos desvalidos, o mesmo ridículo dos recem-abastados.

Essa disparada insana para a fortuna! Essa ansia vã pela feliciadde! Essa tristeza sem causa, esse desalento da alma, fino, perfurante como uma púa.

Externando-me, assim, quanto ao mundo moral, sei que sou verdadeiro, posto que pleonastico, porque a vida dos nossos dias quer dizer soffrimento sem remedio, inquietação cujo fim é, por certo, imprevisível. E' que o mundo, em todo o seu quadrante, atormentado se desorganiza, soffre e pena. E ninguém sabe porque.

— O lado material não é menos barbaro. Póde-se, em dois traços, debuxar o quadro brutal: dois homens hispidos numa luta de morte por um osso, onde ainda ha uns restos de carne apodrecida e miserável.

Decididamente, não vale a pena viver.

— Mas, são 3 horas deste domingo maravilhosamente lavado de Agosto e, parodiando o Eça, ainda tenho que sair para gosar o resto desta tarde macia no Jockey Club, que deve estar deslumbrante de mulheres lindas e deliciosas como a vida...

Leão de Vasconcellos

DE MIM E DE TODOS NÓS...

Estupida inutilidade, esta vida!
Tantos cigarros fumados sem o minimo prazer...
Tantos livros lidos, e nenhuma sabedoria...
Tantos sonhos sonhados ahi estão em montões, como
[aquelles tócos de cigarros...

Tanto riso e, afinal, esta intima falta de alegria!
Tantos versos escriptos, sem a menor sombra de poesia.—
Esta angustia de realizar, este desejo de ser,
e, sem ninguém saber,
toda esta ruinaria sem solução...
Esta disparada, esta corrida
atrás de tanta cousa que não existe,
e, si existe, não será conseguida
nem no sonho, nem fóra delle...
Esta certeza prévia de ficar sózinho, miseravelmente
[triste,
de mãos vazias,
sem nem ao menos lagrimas nos olhos,
depois de cada sonho, todos os dias,
amassando a poeira da mesmissima estrada,
com este cansaço de não fazer nada, de não ter nada,
[de não ser nada..—
Este desconsolo tão vasto sem a menor consolação.
E depois disso tudo,
a cada dia, a cada hora, a cada minuto,
a mesma inexperiencia total:
este mesmo desejo de fumar, de lêr, de escrever,
de sonhar, de rir, de correr atrás de bolhas de sabão,
para ter depois o mesmo cansaço, a mesma certeza fatal,
o mesmo desconsolo bruto e sem possivel consolação...»
E é só por isto, afinal, que vale a pena viver...

A seguir, publicaremos a resposta do dr. Salles Filho, director da Imprensa Official.

Festejando a reversão ás fileiras do Exercito de varios officiaes que dellas se achavam afastados e, ao mesmo tempo, a inauguração de melhoramentos ultimamente introduzidos em sua séde social, o Club Militar offereceu, sabbado ultimo, um grande baile á sociedade carioca. Foi uma festa digna do prestigio da velha e gloriosa instituição militar. Esta pagina fixa dois aspectos do baile do Club Militar, vendo-se num delles o general Góes Monteiro, ministro da Guerra.

A MULHER

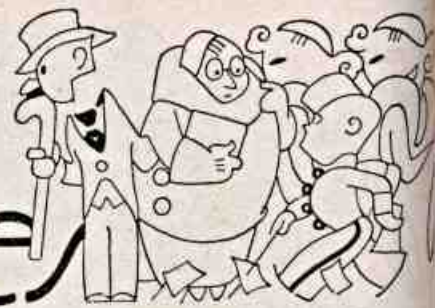
A mulher e o diabo trilham o mesmo caminho. — *Ruiz de Alarcon.*

*

Ser bella e fazer-se amar, é ser simplesmente mulher; ser feia e conseguir ser amada, é ser rainha. — *Barbey d'Aurevilly.*

*

Conta-me o que se passou, e eu demonstrarei como, no caso, houve uma mulher. — *Fletcher.*

Feira de Vaidades

CONCURSO DE MAILLOTS

ONZE horas e trinta minutos. Manhã de sol. Copacabana. Posto 2, em frente ao Lido. No cimentado do jardim fronteiro ao elegantissimo restaurant normando, os chapéos de sol de praia dão uma nota polychromica encantadora.

Copacabana conquista a civilização, a que tem direito..

O Lido regorgita. Por fóra do cordão de isolamento, comprimia-se a multidão de espectadores do concurso de maillots. Parece que andou um pregador de elegancias por aquellas bandas... O mundo de fiéis do antigo ritual da belleza augmenta cada minuto. E Copacabana veste o maillot cosmopolita das mais bellas praias do mundo.

Vae começar o desfile dos concurrentes...

* * *

Lá dentro, no Lido, está reunida a mesa do jury. Mesa austera e impeccavel: Herbert Moses, Lourival Fontes, Henrique Pongetti, Waldemar Bandeira e Victor de Carvalho.

Moses é a encarnação gauleza da intelligencia e do bom humor. Assume a leaderança do jury, por direito de conquista. (Isto, aliás, foi dito por elle mesmo, em puro francez, ao prof. Alexandre Brigole, director da S. A. Viagens Internacionaes, presente a todas as cerimonias do concurso como amavel representante da S. A. V. I.); Lourival Fontes, suavissima autoridade que é, apenas, um invejável disfarce do irresistivel publicista; Victor de Carvalho, Waldemar Bandeira e Pongetti, espiritos raffinés, que são, nesta hora historica, os homens mais preciosos do Rio de Janeiro...

E o jury assim constituido entrou a funccionar, brilhantemente.

* * *

Deu-se, primeiro, o desfile para o publico. As concurrentes, em numero de sete, receberam lá fóra os applausos populares. Milhares de pessôas festejaram-nas.

Varios operadores cinematographicos apanharam os aspectos mais bonitos. E o povo, numa arrancada revolucionaria, rompeu o cordão de isolamento e envolveu as concurrentes.

Era a desordem em funcção do enthusiasmo. A esse tempo, o telhado do Lido enchia-se dos espectadores mais audazes. E toda uma população bateu palmas ás interessantes concurrentes.

Já se começou, então, a sentir no calor dos applausos a predilecção do publico.

* * *

Havia muitas inscripções. Mas, como sempre acontece nessas casos, razões de ultima hora impedem que todas compareçam. Ainda assim, apresentaram-se sete concurrentes, a saber: milles. Celeste Esteves, Miria Britolo, Rosinha Ritter, Aurora Macedo, Cecy Gomes, Angela Ciolfi e Seraphina Apparecida.

O jury decidiu com rigorosa imparcialidade, apesar do Pongetti dizer que é mais facil julgar um criminoso de morte do que um maillot...

E o resultado da classificação foi o seguinte:

1.º logar — Rosinha Ritter; 2.º — Celeste Esteves; 3.º — Cecy Gomes; 4.º — Aurora Macedo, e 5.º — Miria Britolo.

Tiveram menção honrosa milles. Seraphina Apparecida e Angela Ciolfi.

O Lido, cheio de uma sociedade finissima, applaudiu a decisão do jury, consagrando a sua justiça.

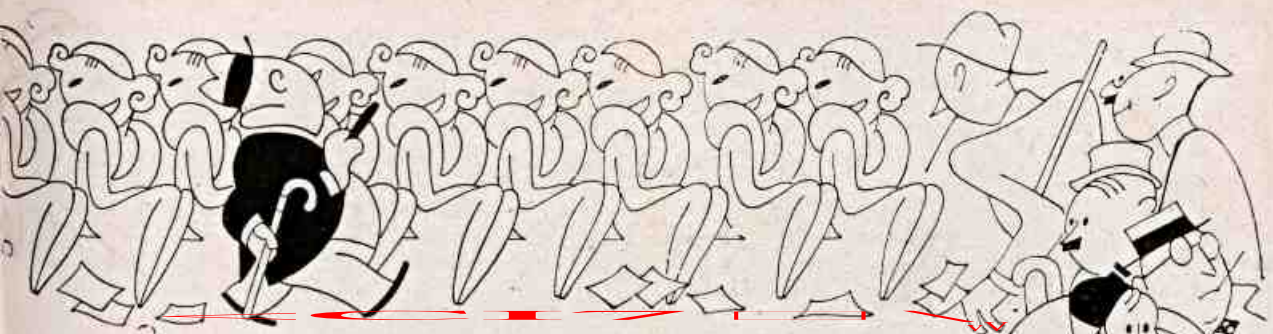
O CONCURSO DE DOMINGO

COPACABANA viveu, domingo, um dos seus glorious days.

O concurso de maillots no Lido, promovido por FON-FON e pela Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes, sob os auspicios da Associação Brasileira de Imprensa, culminou num acontecimento de rara elegancia e de indes-

O aspecto popular caracterizou-se por uma legitima explosão de enthusiasmo. O lado mundano e elegante do meeting revestiu uma feição nova, com o almoço dançante, que o Lido fez seguir ao julgamento do concurso.

Pela primeira vez, a sociedade carioca viu reconhecidas as excepcionaes condições de civilização da praia de Copacabana. E teve, outrosim, a sua opportunidade para sentir os esforços bem empregados

* * *

Seguiu-se ao julgamento, com a dispersão do povo, que fazia uma massa compacta em frente ao elegantissimo restaurante, o almoço dançante, uma novidade para o Rio, com que o Lido quiz tornar mais brilhante o concurso de domingo.

O Lido é uma preciosidade do Rio; uma nota de civilização e de bom gosto, intercallada na protophonia das bellezas incomparaveis da nossa metropole. O Lido é um refugio paradisiaco, onde andam de mistura anjos e demonios, na sua gostosa rivalidade, que deixa a gente sem saber se são os demonios que têm razão...

* * *

O almoço dançante decorreu elegantissimo. A orchestra inventou musicas do outro mundo. O serviço esteve irreprehensivel.

E em todas as cabeças um só pensamento devia existir, em forma de interrogação: "Com uma praia assim, um restaurante assim, um sol assim (como no verso de Bilac) e esse mundo de creaturinhas inverosimeis de tão bonitas e graciosas — que falta ao Rio para ser uma succursal do céo?"

* * *

O registro dos brindes offerecidos ás concurrentes merece um paragrapho á parte. A expontaneidade desses offerecimentos e o valor dos presentes captivaram FON-FON e a S. A. Viagens Internacionaes, promotores do concurso. Aliás, a propria S. A. V. I. offereceu uma linda barraca de praia, destacando-se, ainda, a Casa Hermanny, conceituado e antigo estabelecimento da rua Gonçalves Dias, com um rico estojo de costura; a Fabrica de Roupas de Banho Galliazzi, da rua Aristides Lobo, 144, com um bello maillot e capa, modelo especial da conhecida fabrica; a Casa René, á Av. Rio Branco, 161, com um lindissimo pyjama de praia; a Perfumaria Moderna, da rua da Assembléa, 78, com um estojo completo de perfume Lorien, creação da apreciada casa; o Laboratorio Leite de Rosas, da rua Ypiranga, n. 51, com um estojo do afamado producto Leite de Rosas e Agua de Colonia Taú; os srs. Baptista, Fonseca & Cia., da rua Uruguayana, 38, com um bonito espelho de toilette, encravado em prata; a conhecida casa "O Cruzeiro", da rua da Assembléa, 20-24, com dois finos maillots da Fabrica Boreal; e a casa Simões, da rua Hanitoff 5 e 7, com trez artigos para banho.

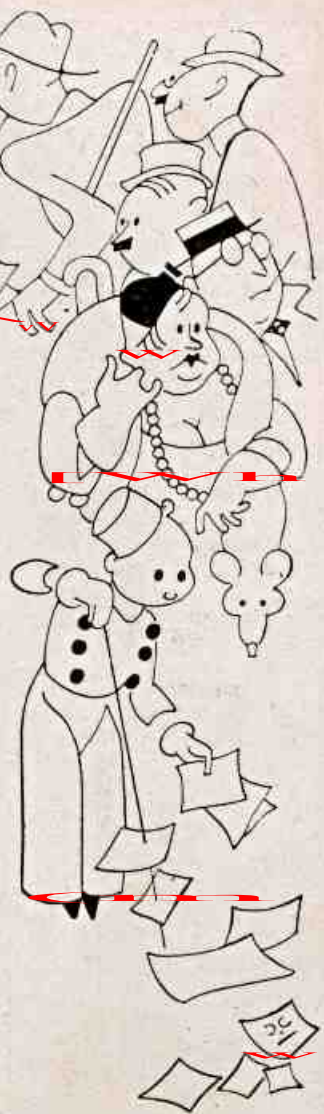
A distribuição desses premios foi feita ás victoriosas pelo criterio do valor de cada um em relação á ordem da classificação obtida.

* * *

O redactor desta secção, obscuro cooperador da esplendida victoria, obtida por FON-FON no concurso de domingo, cumpre o dever de registrar, como homenagem excepcional aos directores da S. A. Viagens Internacionaes, proprietaria do Lido, a sua gratidão pela forma altamente educada e generosa, com que essa Empreza de Turismo brasileira realizou o certamen, imprimindo ao concurso uma feição inteiramente nova e irresistivelmente attrahente.

* * *

Para finalizar, registro aqui, dentre as muitas centenas de nomes, que abrilhantaram o aspecto social do concurso, alguns de inconfundivel relevo no grand monde carioca:

Senhoritas Lucilia Noronha, Emilia Follo, Violeta Burlamaqui, Dora Burlamaqui, Yolanda Burlamaqui, Zuleika Vasconcellos, Martha Bueno, Marina Alves, Vera Tigre de Oliveira, Lucy Tavares, Goia Tigre de Oliveira, Maria Helena Pinto, Helena Boulitreau, Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Neuza de Azevedo, Magdalena Beckman, Malvina Dolabella Portella, Diva e Najla Jabor, Yêda

de FON-FON e da S. A. Viagens Internacionaes, proprietaria de um dos mais elegantes restaurants do Brasil, no sentido da realização de uma festa praieira, sob todos os aspectos irreprehensivelmente encantadora.

O concurso de maillots marcará uma época nas elegancias do Rio. E os milhares de pessoas, que as- [illegible] á exhibição das concurrentes, saberão opportunamente que a nota chic foi dada pela alta sociedade carioca, no almoço dançante realizado em seguida ao julgamento e classificação feito pelo jury.

O Lido apresentou um aspecto de raro encantamento mundano. Aliás, a documentação photographica de FON-FON consagra o acontecimento social, em que importou para a mais vigorosa chronica das elegancias do Rio o ultimo domingo, na praia de Copacabana.

LUCIANO

POEMA EM PROSA

A canceira da jornada faz mais longo o extenuante percurso. A areia movediça, o sol ardente, o bochorno irrespiravel esgotam na caminhada as ultimas resistencias do romeiro.

Mas ha, lá longe, na linha do horizonte, a promessa auspiciosa de um pouso. E o caminheiro prosegue sedento e tropego, rumo ao ponto de referencia da sua ultima esperança.

Só a força moral anima os derradeiros impulsos do peregrino. E eil-o, afinal, ao abrigo do sopro ardente do deserto, com a vista ainda allucinada pelo espectaculo do areal transposto.

E a agua da nascente mata-lhe a séde, como se nella todas as delicias da vida se contivessem.

* * *

E's o meu pouso distante. A noite estrellada e fresca do meu dia canicular e triste. E's a agua, que mata a minha séde; a rêde, que embala o meu corpo cansado.

E's, na linha do meu horizonte, a Esperança,— voz e carinho do meu amor...

LUCIANO

Telles de Menezes, e senhoras José Gomes de Mattos, Léa Martins Capistrano, Bertha Pinto de Moraes, Zila Lisbôa Amaral Nogueira, Araci Povina Cavalcanti, Alfredo Tavares, Lucia Medeiros de Oliveira, Hélio Machado, Paulo Gomes de Mattos, Luiz Bastos de Oliveira, Marcos Inglez de Souza, Muniz de Aragão, Eladio Machado, João Alves, Luiz Nolasco, Humberto Tavares, Mario Lima Rocha, João Augusto Alves, Lucy Hargreaves, Luiz Pedermeiras, Luiz Machado Guimarães, José Baptista dos Santos, Plinio Uchôa, Izeu de Almeida e Silva, Vicente Galliez, Rubens de Mello, Antonio Caio Amaral, Mario Carneiro Machado, Julieta Telles de Menezes, Oswaldo Rangel, Cassio Prado Salgado, Rubens Souza Coelho, Vasco Leitão da Cunha, etc. etc.

PONTO CHIC

NAQUELLA tarde, a hora do apperitivo poderia ter mudado o nome para hora do ice-cream-soda... O Ponto Chic regorgitava. E não sei quantas idéas novas me vieram á cabeça deante do meu ice-cream e dos "pingos de tocha", com que a arte de Brillat Savarin appellidou o arranjo esthetico dos fios de ovos...

A orchestra, ainda sem o seu annunciado nicho, sublinhava, com as notas de um *fox* americano, o enthusiasmo gastronomico do chronista. E lá fóra, trautreado por dois carnavalescos, em plena tarde estival, o pittoresco irresistivel de Lamartine Babo:

Quem foi que descobriu o Brasil?
Foi "seu" Cabral, foi "seu" Cabral...

* * *

Faziam a hora do *ice-cream*: a senhora Moema Manhães, a senhora Alayde Galvão, a senhora João Uchôa, a poetisa Ida Uchôa, a escriptora Ernesta Von Weber, as senhoritas Elisa Machado, Cecilia Cavalcanti, Rosinha Macedo Alencar, etc.

O BAILE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

CONSTITUIU uma nota á parte, no registro das grandes festas do Carnaval, o baile que a Associação dos Artistas Brasileiros realizou, sabbado ultimo, no Theatro João Caetano.

O brilho excepcional dessa noite causou sensação. Foi um baile de effeitos maravilhosos, presidido por um finissimo e aristocratico bom gosto.

A Associação dos Artistas Brasileiros está de parabens. O exito alcançado revela o valor dos elementos, que integram a nobilissima entidade.

* * *

Registrei, entre muitos outros nomes, os seguintes:

Senhoritas Marina Alves, Ophelia Nascimento, Rosalita Candido Mendes, Annita Maciel, Selena Mendonça, Sylvia Meyer, e senhoras Britto Cunha, Velloso Rabello, Oswaldo Ferraz, Aloysio Lima Campos, Mario Lima Rocha, Hernani de Irajá, Raul Pedrosa, Ruy Campello, Walter Sarmanho, Almirante Marques Couto, Octavio Tarquinio, Lourival Fontes, Afranio Peixoto, Celso Kelly, Commandante Bianchini, Phillipps, Helena Veiga, Paulo Carneiro, Ranulfo Bocayuva, Gomes de Mattos, Marcos Carneiro de Mendonça, Americo Silva Pinto, Marcos Inglez de Souza, Marcello Roberto, Arno Konder e Waldemar Bandeira.

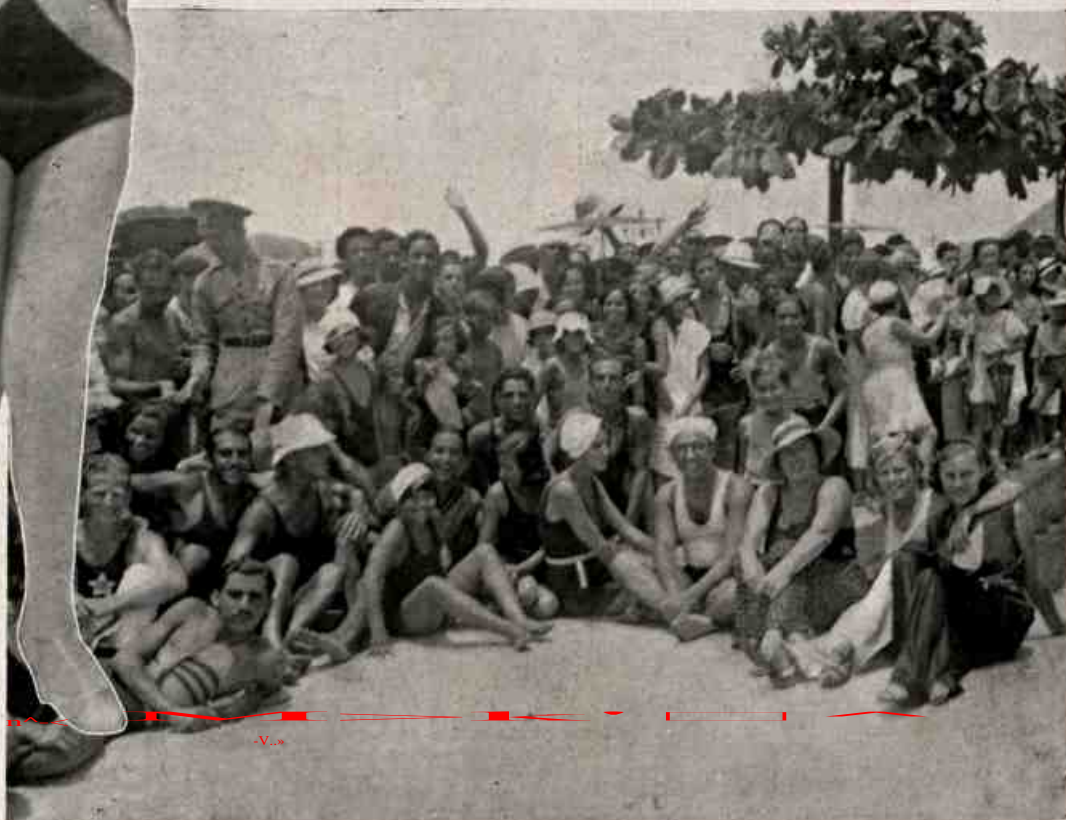
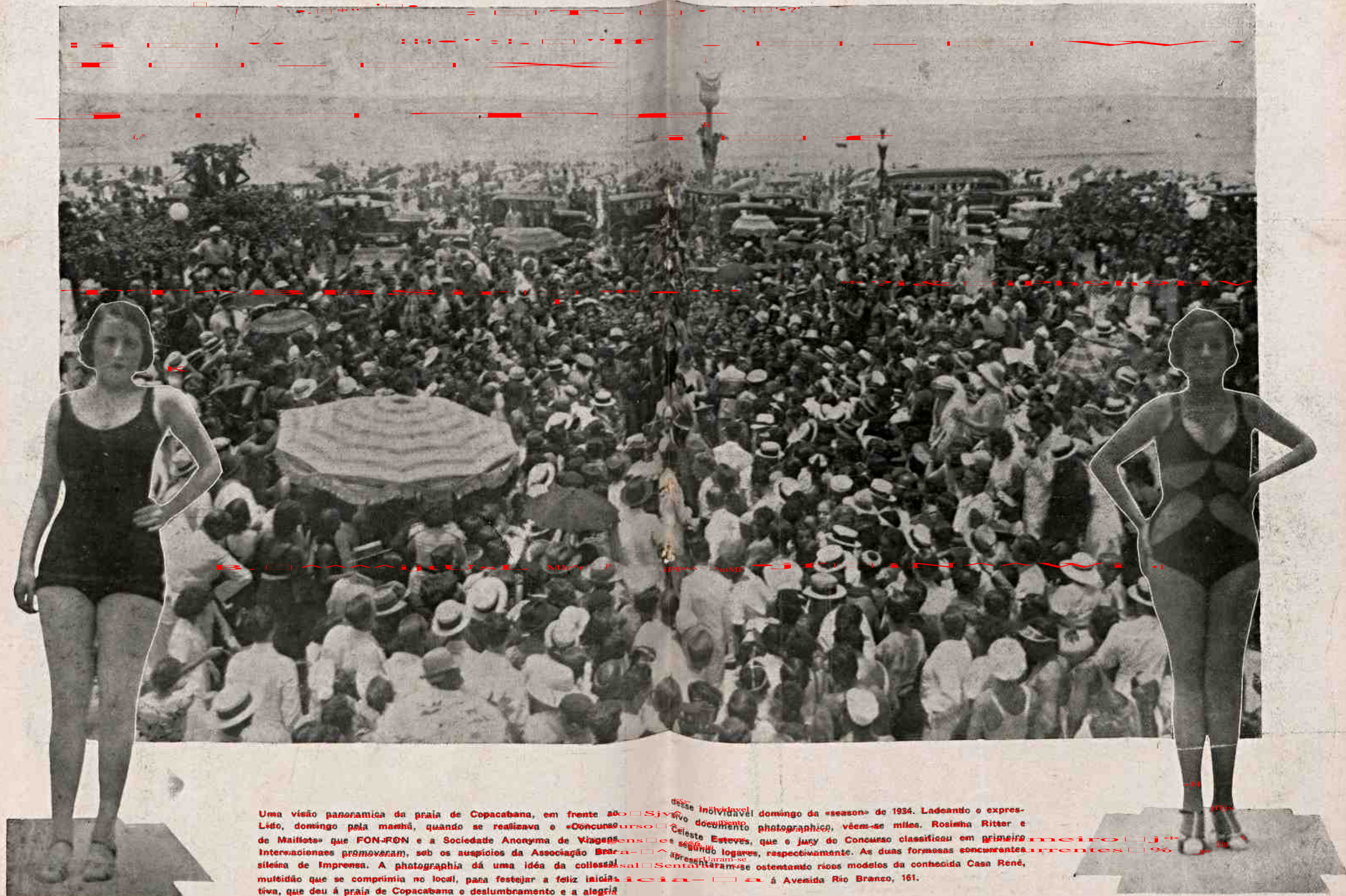
SOCIAES

REALIZOU-SE, sabbado ultimo, no palacete da rua Visconde de Ouro Preto, 64, em Botafogo, o casamento da senhorita Hyldeth Favilla, com o doutor Adolf Nenhaeusser. A noiva, um dos mais brilhantes talentos da nova geração feminina, é filha do doutor Francisco Favilla e da excellentissima senhora Emerita Favilla. A cerimonia teve um grande brilho social. Fôram testemunhas da noiva, no civil, a illustre escriptora Maria Neves de Castro e o doutor Estellita Lins e, do noivo, a senhora Povina Cavalcanti e o doutor Adolpho Bergamini. Na cerimonia religiosa, paranymphararm a noiva o doutor Caramurú de Medeiros, e o noivo, o senhor Hans Stoltfuss e a escriptora Julia Galeno.

DIPLOMATICAS

O embaixador do Chile e a senhora Martinez de Ferrari reuniram, em um almoço, na embaixada, algumas figuras representativas da diplomacia. Foram momentos de agradabilissimo convivio, presidido pelo espirito *raffiné* dos illustres diplomatas. Viam-se presentes: o embaixador da Belgica e senhora Peltzer, o embaixador e a embaixatriz Feitosa, o ministro das Relações Exteriores da Colombia e a senhora De Urdaneta Arbelaez, o doutor Victor Maurtua e senhora, o ministro da Suecia, o ministro da Tchecoslovaquia, o consul Joaquim Eulalio do Nascimento Silva e senhora, o secretario da legação da Tchecoslovaquia e senhora Civarek, o conselheiro da legação do Perú, sr. Carlos H. Lavalle, secretario da Colombia e senhora de Holdt Castello, senhorita Thereza Barros Moreira, conselheiro da embaixada da Italia e senhora de Lequio, senhorita Carmen Martinez Prieto e o doutor Sergio Huneeus.

Já assignalámos, na nossa «Feira de Vaidades», o êxito excepcional que alcançou o «Concurso de Maillots» promovido por FON-FON e pela Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes, sob o patrocinio da Associação Brasileira de imprensa, e realizado domingo ultimo, no Lido, em Copacabana. Esta pagina fixa um grupo das concorrentes e trez atitudes da primeira collocada, mlle. Rosinha Ritter.

Copacabana viveu, domingo passado, horas de indizivel alegria tropical, por motivo da deslumbrante festa social que foi o «Concurso de Maillots» organizado, no Lido, por FON-FON e pela Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes, sob o alto patrocinio da Associação Brasileira de Imprensa. A linda praia movimentou-se toda, galantemente, para a grande parada

de elegancia que tão extraordinario successo marcou nos annaes do mundanismo carioca. E, em torno do Lido, se reuniram figuras altamente representativas da nossa vida social. Focalizamos, aqui, aspectos do cimentado do bello «chalet» normando, grupos de espectadores ao animado certamen e «poses» de mlles. Celeste Esteves e Cecy Gomes, classificadas, respectivamente, em segundo e terceiro logares.

Uma visão panoramica da praia de Copacabana, em frente ao Lido, domingo pela manhã, quando se realizava o «Concurso de Maillots» que FON-FON e a Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes promoveram, sob os auspicios da Associação Brasileira de Imprensa. A photographia dá uma idéa da colossal multidão que se comprimia no local, para festejar a feliz iniciativa, que deu á praia de Copacabana o deslumbramento e a alegria desse inolvidavel domingo da «season» de 1934. Ladeando o expressivo documento photographico, vêem-se mlles. Rosinha Ritter e Celeste Esteves, que o jury do Concurso classificou em primeiro e segundo logares, respectivamente. As duas formosas concurrentes apresentaram-se ostentando ricos modelos da conhecida Casa René, á Avenida Rio Branco, 161.

TALVEZ...

A esperança depende, ás vezes, de um simples adverbio: talvez. Esta palavra macia e doce encerra, sempre, um mundo de promessas luminosas. Eu sempre acreditei em você, apesar da melancolica descrença com que você, meu grande amor definitivo, escuta, desolada mas cheia de ternura, as minhas confissões sentimentaes. Eu sempre tive, em cinco annos de ansiedade, uma grande confiança no seu lindo coração de mulher. De mulher fatal, no meu destino...

Mas você não quer aceitar as provas impressionantes da minha sinceridade. E continúa ainda irreductivel no seu quasi scepticismo. Amargura interior? Desillusão? Excesso de soffrimento? Desencanto dos homens?

Não. A vida ainda é sufficientemente bella para você, e a sua mocidade reclama ainda um pouco de amor. De amor e felicidade. Aquella felicidade que você não tem, porque só uma alma irmã da sua lha poderia dar...

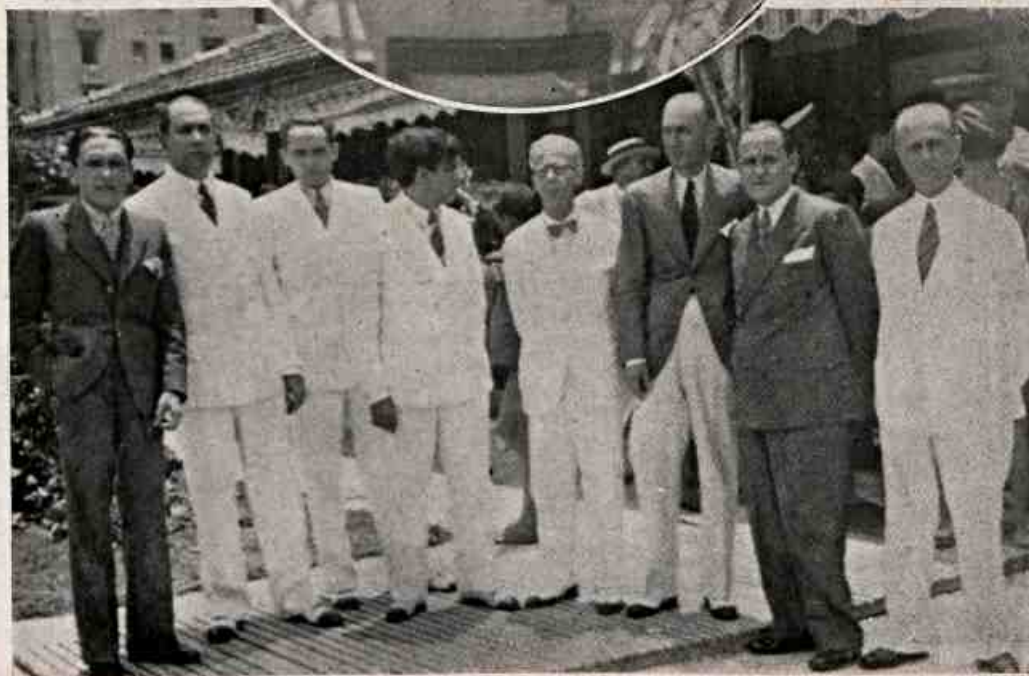
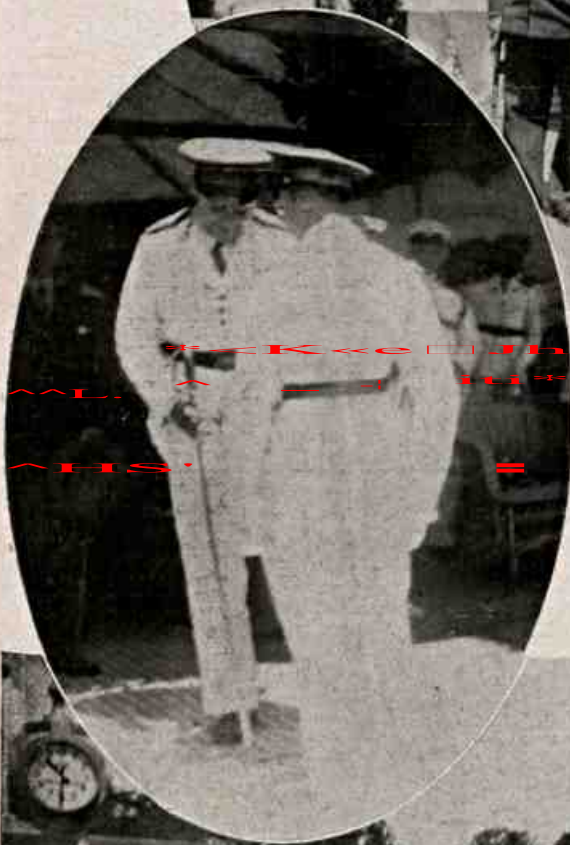
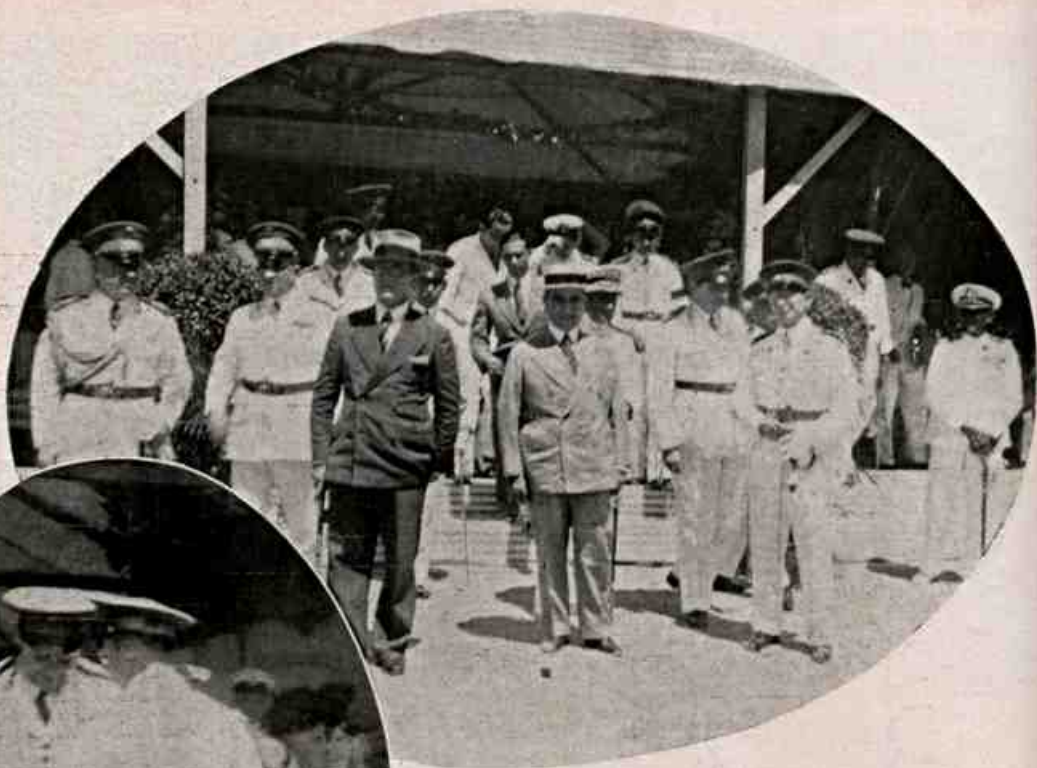
Uma alma irmã da sua... Como é difficil o encontro de duas almas assim! Entretanto, ha sempre uma curva no caminho da vida. Uma curva onde se occulta o coração que se procura.

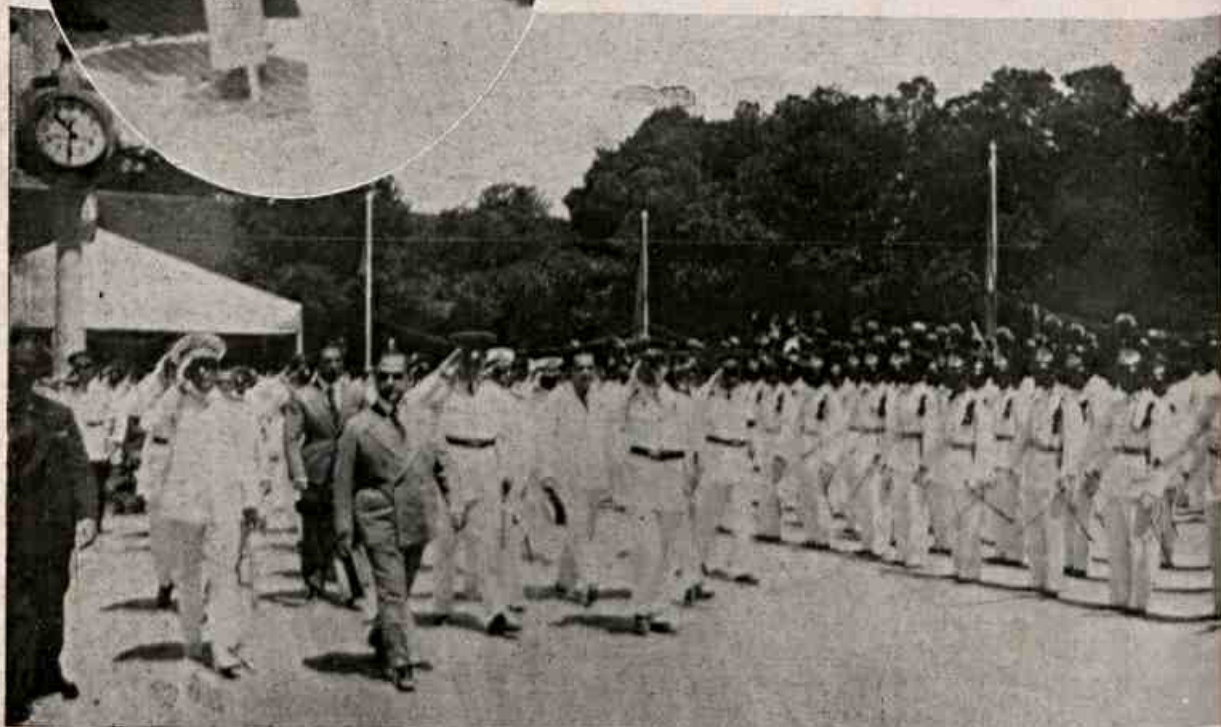
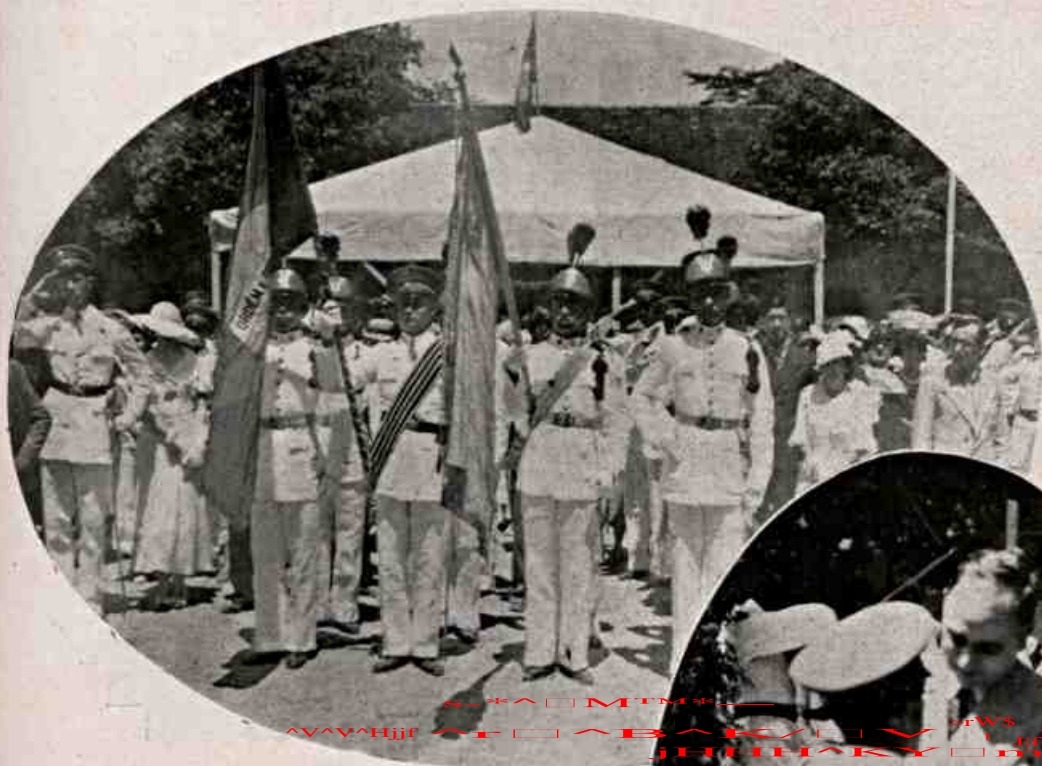
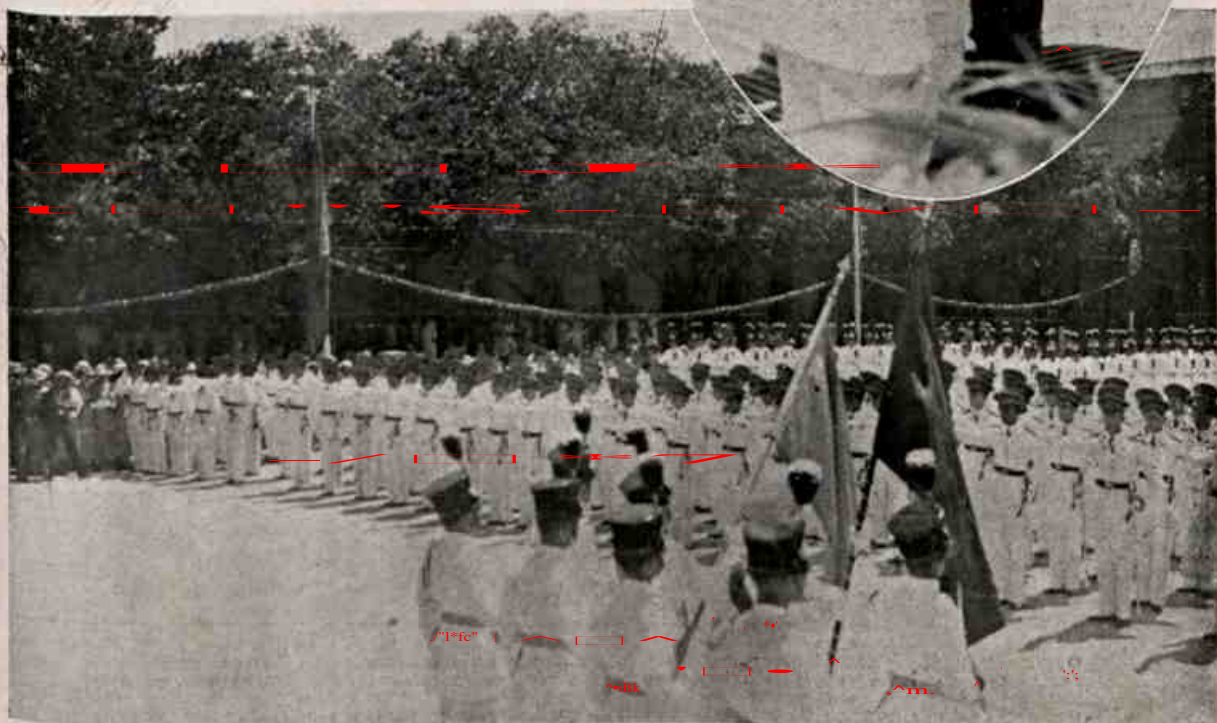
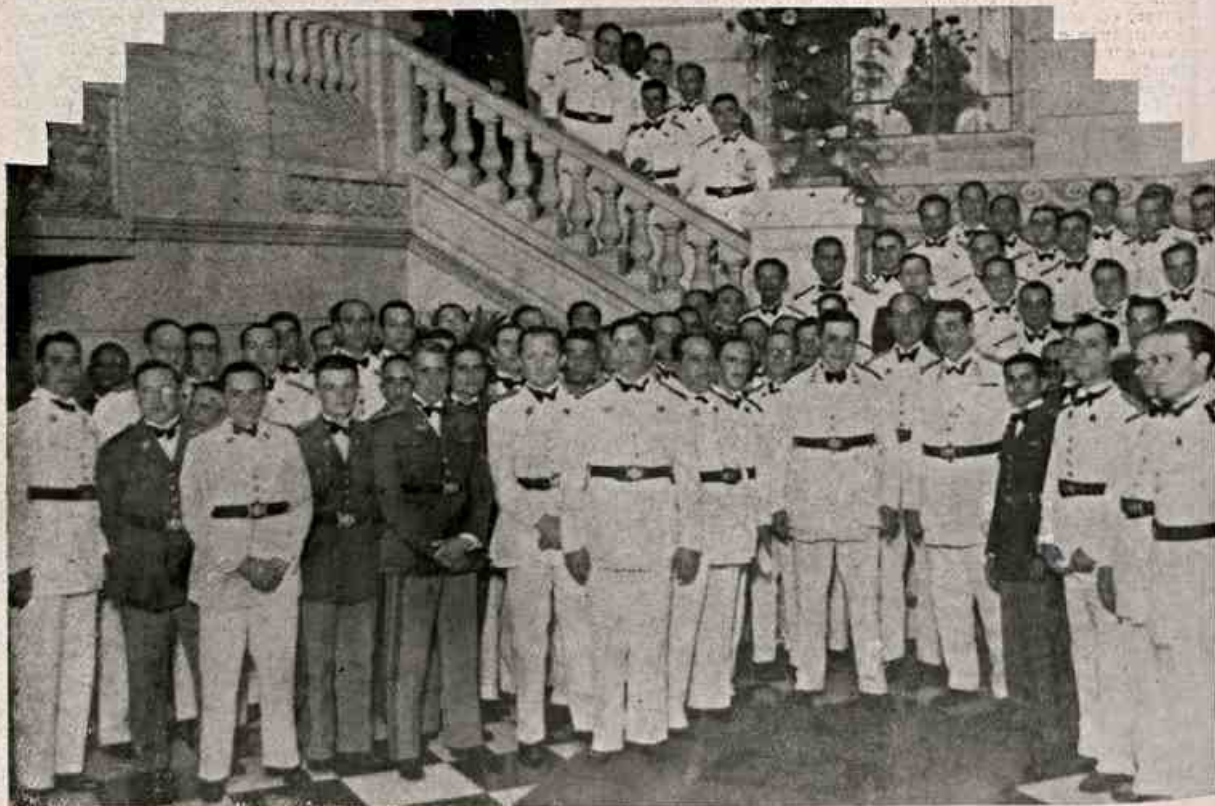
Esperança... A minha esperança é você, que tambem já me prometteu a felicidade. Aquelle seu «talvez», dito assim, inesperadamente, no silencio da tarde quente, depois de tantas negativas dolorosas, foi tudo para mim. Foi mais do que eu esperava...

Meu amor!

MAURO

Mlles. Aurora Macedo e Miria Britolo, que, tambem com originaes modelos da Casa René, da Av. Rio Branco, 161, conquistaram o quarto e o quinto logares na classificação do grande «Concurso de Maillots», domingo passado, no Lido, em Copacabana, apparecem, no «cliché» desta pagina, com um significativo detalhe da assistencia áquelle maravilhoso espectaculo.

Terminado o julgamento do «Concurso de Maillots» promovido por FON-FON e pela Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes, sob os auspicios da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se, no Lido, o annunciado almoço dançante que pela primeira vez era levado a effeito nesta capital, constituindo uma novidade mundana de inconfundivel elegancia. As photographias desta pagina foram tomadas durante o almoço, vendo-se, no alto, um angulo da varanda do Lido; no medalhão, a mesa de almoço da commissão julgadora, e das concorrentes e representantes de FON - FON e da S. A. V. I.; e, em baixo, os membros do jury em companhia do director de FON-FON, sr. Sergio Silva, e redactores desta revista, com o professor Alexandre Brigole, director da Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes.

OS NOVOS OFFICIAES DO EXERCITO

Quinta-feira da semana passada, 25 do mez findo, realizou-se na Escola Militar do Realengo a solennidade da declaração de aspirantes a official dos cadetes que em 1933 concluíram o curso naquelle estabelecimento. Tambem foram declarados aspirantes os cadetes da Escola de Aviação Militar pertencentes á turma do anno passado. A cerimonia decorreu brilhantíssima. Compareceram o chefe do governo provisorio e outras altas autoridades, civis e militares, que receberam as continências do estylo,

prestadas pelo Corpo de Cadetes da Escola Militar. A festa dos novos officiaes constou da distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram durante o curso, a que se seguiram as cerimonias da declaração e do compromisso. O commandante, interino, da Escola Militar, coronel Mario José Pinto Guedes, fez um discurso de saudação e despedida aos jovens cadetes, que tiveram como paranympho o general José Pessôa Cavalcanti de Albuquerque. A reportagem photographica destas duas paginas de FON-FON apresenta flagrantes expressivos da festa de quinta-feira penultima, na Escola Militar do Realengo.

Esteve rutilante a noite carnavalesca da Associação Athletica Banco do Brasil, realizada sabbado último, nos salões do Botafogo F. C., onde se reuniu galante sociedade para festejar o advento de Momo. Duas orchestras legitimamente carnavalescas sonorizaram o lindo baile á fantasia da Associação Athletica Banco do Brasil, que se acha focalizado no «cliché» acima.

O general Felippe Antonio Xavier de Barros, director da Intendencia da Guerra, recebeu, sexta-feira penultima, expressiva homenagem dos seus companheiros do Exercito, que, para festejar o primeiro anniversario de sua reintegração naquelle alto posto, lhe offereceram um grande banquete, no Automovel Club do Brasil. Nesse banquete tomaram parte altas autoridades militares e civis.

O baile de carnaval da Associação dos Artistas Brasileiros foi, como está assignalado na «Feira de Vaidades», uma festa cheia de encantos, que marcou, por assim dizer, o inicio do Carnaval de 1934. O theatro João Caetano viveu, no ultimo sabbado, uma noite de delirante alegria, ao contacto de um mundo festivo de Colombinas e Pierrots entregues á delicia da vida. Esta pagina fixa apenas trez dos muitos instantes ineffaveis do baile da Associação dos Artistas Brasileiros.

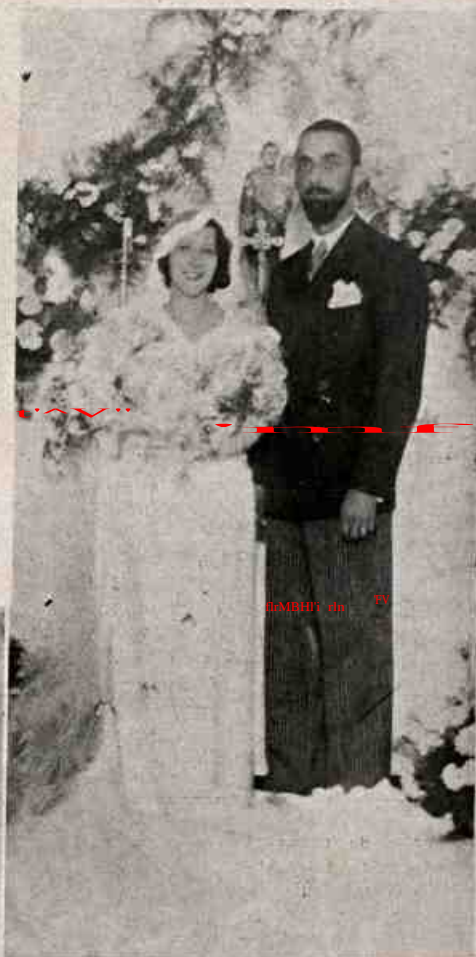
OPTIMISMO

Muitos, eu sei, se admiram quando eu [digo
que a vida é bôa e bella,
e que, apesar dos seus muitos espinhos,
eu gosto immenso della;
Outros, sem comprehender esse meu [caso,
(que espiritos mesquinhos!)
murmuram que é um atrazo
esse meu gosto, aliás um gosto antigo.
Eu não me importo e continuo a vêl-a,
linda como uma estrella,
como ninguém a vê...
Digam mal della, os taes enfastiados!
que eu, apesar de muita e inglória lida,
acho tão linda a vida,
por vêl-a com os olhos deslumbrados
de olhar para você!

Colombina

Guilherme Augusto, o intelligente filhinho do illustre advogado dr. Jayme Carneiro Leão de Vasconcellos, no dia de sua primeira communhão.

O dr. Sinesio de Farias, director do Curso Freycinet, acaba de receber expressiva homenagem dos seus alumnos, amigos, collegas e admiradores, os quaes, aproveitando a passagem do anniversario natalicio do illustre educador, quizeram dar-lhe uma demonstração do apreço em que o têm.

A senhorita Tsilla Maria Ivo Moreira Lima e o sr. José Maria Pinto da Veiga, cujo enlace nupcial acaba de ser realizado nesta capital, onde residem os noivos.

O Syndicato dos Pilotos e Capitães da Marinha Mercante realizou a 22 de Janeiro findo uma brilhante solennidade para empossar a sua nova directoria, recentemente eleita, inaugurando, na mesma occasião, em sua séde social, o retrato do dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio, a quem foi, tambem, concedido o titulo de socio honorario do Syndicato. Fez o discurso official o nosso confrade de imprensa Nilo de Souza Pinto, elemento de destaque na nossa Marinha Mercante e presidente do conselho director do S. P. C. M. M., que produziu magnifica peça oratoria. A photographia apresenta um detalhe da cerimonia: a mesa que presidiu aos trabalhos da mesma, com o representante do chefe do governo provisorio ao centro.

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe du soir en fleur de soie noire. Petite cape en fleur de soie orange. Bijoux brillants et émeraudes de Van Cleef & Arpels.

(Photo especial para FON-FON).

Sonho que me tortura
e me enternece,
sonho que me faz viver a vida
como uma prece suave
e commovida
de sempre bemdizer,
de bemdizer, num agradecimento pro-
[fundo

todas as amarguras
que me vêm deste mundo...

Viver longe e inattingida,
mas tão presa á tua vida,
que, ás vezes, me sinto reflectida
como se fosses uma taça de crystal...
E, sempre bem longe do mal,
plasmar-me nas tuas attitudes,
sentir-me nas tuas ansiedades,
nos teus longos anseios de bondade...

Teus poemas
acariciaram como plumas
meus sentidos
adormecidos,
acariciaram-me
como plumas agitadas
pelo vento
do teu pensamento.

Sonho que me tortura
e me enternece;
sonho bom,
sonho mau,
sonho em que me vejo reflectida...
Minha vida
é uma taça de crystal.

EDGARD

Ida Uchôa

SANGUE MALDITO - Producção da RKO-Radio - com Lionel Barrymore

FOI em 1871 que um grande incendio lavrou em Chicago, destruindo, em poucos momentos, toda a cidade. Era o fructo de paciencias e esforços titanicos que desapparecia, por um golpe de fatalidade, num scenario de labaredas. E da cidade magnifica, modelo de graça e civilização, sobreviveram apenas escombros fumegantes. Deslocaram-se, então, de todas as partes do paiz, multidões inteiras; eram novos braços, contingentes novos de energia que vinham participar da obra immensa de reconstrucção. Entre os que seguiram para Chicago, estavam Daniel Pardway e sua esposa Abigail. Daniel vendera tudo que possuia para a viagem. Elle via Chicago na vibração de uma terra que renasce e que offerecia, por isso mesmo, uma «chance» incomparavel aos homens energicos e audaciosos. O casal embarcou no alvoroço da esperança. Correndo os olhos á perspectiva que se desenhava, ou seja a perspectiva das mesmas incertezas, das mesmas contingencias anteriores, elle funda, no espaço de antiga cavallariça, um modesto estabelecimento para a venda de roupas a preços baratissimos. As vigilias do trabalho, em que parece exceder a propria capacidade, não resultam inuteis. No fim de alguns annos, tendo-se accentuado a sua prosperidade, torna-se um homem rico, elevando-se a uma posição de verdadeiro fastigio. Nasciam, entretanto, do seu matrimonio, quatro filhos, que eram o seu enlevo maximo e constituiam o motivo dos seus melhores sonhos. Elle se encaminhava para a felicidade perfeita, quando um golpe profundo do destino veiu arrebatar-lhe a bem amada Abby, a dôce inspiradora dos seus grandes surtos. Debruçado sobre a physionomia empallidecida da esposa, faz o juramento de se multiplicar em esforços e carinhos para a ventura dos filhos. Logo que se refez do golpe, effectivamente, iniciou uma série intensa de labor, a desdobrar-se em prodigios de energia e tenacidade. E, ao mesmo tempo, procurava cercar os filhos de todas as commodidades do corpo e do espirito. Torna-se multimillionario. O seu maior orgulho, a sua gloria suprema, é o estabelecimento commercial que o enriqueceu e que se levanta como uma creação empolgante do seu arrojo e clarividencia. Elle se entregava aos jubilos que advêm da consciência do dever realizado; mas não suspeitava sequer que os filhos, longe de se deixar tocar pelos exemplos renovados da bravura paterna, viviam uma vida frivola, de gozos futeis, sem qualquer scentelha de idealismo. Não se apercebem do quanto foi grande o sacrificio do pae; ignoram, ainda, que a pobre mãe se déra em holocausto á prosperidade que estavam desfructando. E' em vão que Daniel os convoca, numa concitação para o trabalho; negam-se a continuar o esforço do pae. Gene deslustra o proprio nome num drama inglorio, de que resultou tornar-se assassino; Phoebe, a filha, é um assumpto permanente para o noticiário de escandalos; Bert vive alheiado do mais simples decôro humano, não vibrando de nenhum sonho ou ideal; Freddie, o mais joven, tem impressos, na physionomia, os signaes inilludiveis de uma anomalia psychica. Sem que Daniel viesse a saber, os filhos vendem as acções que lhes cabiam no estabelecimento commercial. Essas acções vêm cahir em poder de U'lman, ou seja um empregado inescrupuloso da firma, que sonha offuscar o proprio Daniel. Mais tarde, verifica-se um incidente entre Ullman e Daniel; este resolve despedir o empregado. Foi ahi, então, que, num accinte de orgulho e maldade, Ullman revela que é tão socio da firma quanto o proprio Daniel; por isso reunia um numero igual ou, talvez, maior de acções. A situação definia-se abruptamente. O choque moral de Daniel foi tremendo. Elle nunca poderia suppôr que os filhos se degradassem tanto e viessem a amargar a sua velhice com semelhante desgosto. Todos os seus sonhos, um a um, foram abatidos; sentiu, em si, a deliquescencia de todos os pensamentos bons, de todos os desejos santos. Restava, apenas, na pobre alma batida de infortunios, a sensação de um amargor infinito.

(Cont. na pag. 55)

O Club da Meia Noite

(Midnight Club)

Da PARAMOUNT

COLIN GRANT, Iris Whitney, e Arthur Broadley, trez larapios de luva branca, depois, de haver exgotado a paciencia de Sir Hope, o chefe da policia londrina, estão a ponto de desmentir a fama de sagacidade de que goza Scotland Yard. Joias, titulos, objectos de valor desapparecem todos os dias, sem que valham diligencias contra os ladrões. As queixas do publico, da imprensa, são cada vez mais frequentes.

Sir Hope nutre suspeitas contra os trez meliantes, mas não consegue provas decisivas.

Grant e seus cumplices frequentam o Club da Meia Noite, ligado por uma passagem secreta á residencia do primeiro. Na esperança de botar a mão aos larapios, Sir Hope destacou para o club trez agentes, mas nada elles obtêm, graças ao engenho dos trez gatunos, que tomaram a precaução de se alliar a trez outros individuos, em extremo parecidos com elles. Assim, a todos se afigura que não podem ser Grant, Iris e Arthur os autores dos roubos, uma vez que elles (representados pelos seus sósias) estão no club, á vista de todos, quando os crimes são commettidos.

Como ultimo recurso, Sir Hope appella com grandes esperanças para Nick Mason, habilissimo detective norte-americano, e essas esperanças se confirmam quando, fazendo-se passar por um ladrão de casaca, elle consegue apanhar a Iris as joias do seu ultimo roubo.

Informado por Iris do que occorre, Grant intima o seu "collega" Nick a deixar livre o campo que elle e seus parceiros escolheram para as suas operações. Ri-se Nick dessa advertencia, e por sua parte declara que só veiu de Londres para botar a mão a algumas joias, e que, portanto, de tal ninguem o impedirá, seja collega ou não seja.

Os agentes surprehendem esta declaração e prendem-n'o em acto continúo.

Mason, levado á presença de Sir Hope, é reconhecido innocente. Combina então com o chefe um novo plano, de ganhar a confiança de Grant, a ponto de o induzir a que o acceite por cumplice. Ligado aos gatunos, Mason descobre os processos de que elles se servem para os seus roubos. Quando, porém Nick está a ponto de ver coroadas de êxito as suas diligencias, sente que está apaixonado por Iris. Faz-lhe a sua confissão e logo presente que ella tambem nutre por elle mais do que uma affectuosa sympathia.

Occorre o roubo do famoso e valiosissimo collar de esmeraldas da duqueza de Plymouth. Descobrindo que a policia está na sua pista, Grant e Bradley põem-se em fuga. Iris, que continúa amando Nick, muito embora agora saiba o verdadeiro papel que elle representa, convida-o a prendel-a, conforme é seu dever. O dialogo é interrompido pela chegada de Sir Hope, com varios agentes.

E Mason desespera-se com a prisão de Iris, quando se apresenta a visitál-o quem elle menos podia esperar — Colin Grant. Mason lança-se

(Conclúe na pag. 54)

A Nave do Terror

(Terror Aboard)

Da PARAMOUNT

UM vapor de carga, rasgando caminho através o denso nevoeiro da noite, por pouco não põe a pique outro navio, e immediatamente pára para esperar a alvorada que lhe permittirá reconhecêl-a. A' luz da manhã apparece um elegante hiate, a bordo do qual não ha, porém, o menor signal de vida. O capitão do cargueiro organiza uma turma para ir a bordo do hiate averiguar o mysterio. O immediato, primeiro a pisar a bordo, nunca mais é visto. A seguir a elle, penetram no navio o capitão e tripulantes, e encontram o immediato, morto por uma pancada que recebeu na cabeça. Ha, portanto, outra pessôa a bordo, e essa pessôa é um assassino. Uma busca revela a presença de um cadaver num compartimento, e uma linda mulher estendida num corredor, enregelada de frio, em contradicção completa, portanto, com as condições lócaes e com a temperatura de julho nos mares do Sul.

Dias antes, Max Kreig e seus convidados estavam de partida para Sidney, onde elle tencionava casar-se com uma das pessôas que hospedára a bordo, a formosa Lili Kingston. Um radiogramma avisa-o de terem sido descobertas pela policia as suas criminosas manipulações de titulos de bolsa e que já foram expedidas ordens para a sua prisão. Kreig friamente assassina o radiotelegraphista, e age de sorte a que as suspeitas recaiam sobre Hazlitt, um dos seus convidados. Para se poder subtrahir á sorte que o espera, elle tem que despachar os seus convidados e a tripulação, e alcançar, com Lili, alguma ilha deserta.

No inquerito a que se procede, Blackie, o creado de bordo, jura haver visto a esposa de Hazlitt, Millicent, e outro convidado, por nome Cordoff, entrarem na cabine daquelle, mais ou menos na hora em que o crime foi praticado. Cordoff confessa o seu amor pela senhora Hazlitt e insurge-se contra o marido. Tal como Kreig planejára, Hazlitt espanca a mulher pela sua infidelidade, intervindo Cordoff, que mata Hazlitt com uma faca de abrir papel. Por ordem do capitão Hallison, Cordoff é preso no seu camarote.

No dia seguinte, o navio avista um aeroplano desarvorado, fluctuando sobre o oceano. O hiate salva o aviador, que se refugiára na *fuselage* fluctuante, e todos se maravilham quando descobrem que o naufrago é Jimmy Cowles, o noivo repudiado por Lili Kingston, e que propositadamente fez o seu avião cahir no rumo do hiate, afim de penetrar a bordo. Nessa noite, Millicent acompanha Greig á cozinha do navio e o accusa abertamente de haver planejado o assassinio de seu esposo. Kreig agarra-a, subjuga-a, mette-a na geladeira do navio, e alli a fecha, guardando a chave da porta no bolso. Ao jantar, Kreig envenena a sua propria sopa e avisa a todos que a sopa está envenenada. O chefe da cozinha, indignado, prova a sopa e cáe morto. Kreig acompanha Lili ao seu quarto e deixa cahir o frasco do veneno, que é encontrado pela creada. Sem demora, esta telephona a um marinheiro, seu namorado, para que lhe vá falar junto aos barcos salva-vidas, pois quer fazer-lhe parte das suas suspeitas. Quem ella, porém, alli encontra, em vez do marujo, é Kreig, que a estrangula e atira o seu cadaver bordo a fóra. A desappariição da criada e a presença de Kreig no local marcado para o seu encontro com o namorado despertam as suspeitas deste, que as communica immediatamente ao commandante Allison. Quando este, porém, chama Kreig a contas, o proprietario do hiate e liquida, para isso usando um furador de papeis.

No dia seguinte, descobre-se que desappareceram o capitão e trez barcos salva-vidas. A marujа, pensando que o capitão abandonou o seu posto, prepara-se para fazer o mesmo, aproveitando a escuridão da noite. O corpo enregelado de Millicent é encontrado. E Kreig explica a Cor-

(Conclúe na pag. 55)

O NOVO PALACIO CINEMATOGRAPHICO REX

A SUA INAUGURAÇÃO

O Rio possue hoje mais um palacio cinematographico, com a abertura do *Rex*, um cinema digno dos fócos de cidade progressiva e moderna de que desfructa a magnifica metropole brasileira. Sala de linhas elegantes e sobrias; illuminação original e de grande suavidade; mobiliario commodo, este novo salão cinematographico póde comparar-se aos melhores da America do Sul. A cidade fica devendo ao sr. Vivaldo Leite Ribeiro, alma da iniciativa deste novo salão cinematographico e do palacio em que elle se encontra, um grande e valioso serviço.

A noite da abertura do *Rex* foi uma noite sensacional. Dois dias antes, a empresa realizou uma sessão especial para a imprensa, exhibindo o film da estréa, *Nós e o Destino*, da Universal. O sr. dr. José Leite Ribeiro fez as honras da casa, tendo sido os jornalistas cumulados de gentilezas.

* * *

A Paramount renovou o seu contracto com Carole Lombard, a sua linda *estrella*, protagonista de "Anjo e Demonio", ultimamente exhibido nos nossos cinemas.

O seu proximo vehiculo de apresentação será "Bolero", com George Raft, vindo antes disso "White Woman", já concluido.

* * *

TERMINADO o seu ultimo trabalho para a Paramount, "Duck Soup", Harpo Marx vae agora seguir para a Russia, onde, accedendo ao convite que lhe foi feito, apparecerá no Theatro de Arte Russa, de Moscow, sem receber salario.

Harpo não só desejava ha muito conhecer a Russia, mas tambem trabalhar em pantomima perante um publico que desconhecesse o inglez.

* * *

MIRIAM HOPKINS, que é, como se sabe, uma actriz de grande cultura, vae publicar brevemente um livro de versos sob o titulo de "Rejected Poems".

* * *

DEPOIS de visto pela gerencia da Paramount em Hollywood "Cradle Song", o primeiro film feito por Dorothéa Wieck, resolveu a empreza usar da opção que

Dos Studios

tem sobre os serviços daquella artista a quem dará contracto por um longo prazo.

* * *

A Paramount tem actualmente entre os seus contractados Carl Brisson, um actor dinamarquez que obteve exito nos theatros inglezes como actor e como cantor.

O contracto estipula que elle comece a trabalhar em Hollywood, a partir de janeiro.

* * *

OITO *estrellas* do broadcasting americano figuram actualmente como artistas contractados da Paramount: — Bing Crosby, Ethel Merman, George Burns, Gracie Allen, Lanny Ross e as Irmãs Picken.

* * *

OBRIGADA a renunciar a sua parte no "cast" de "Eight Girls in a Boat" por ordem expressa do seu medico, Ann Sothern será substituida por Dorothy Wilson, outrora dactylographa dos studios

da Paramount, e agora contractada por sete annos pelo productor Charles R. Rogers.

* * *

BRIAN AHERNE, que recentemente vimos como galã de Marlene Dietrich em "O Cantico dos Canticos", está representando, numa versão cinematographica de "The Constant Nymph", um papel analogo áquelle que representa na linda obra de Hermann Sudermann.

* * *

A despeito do procedimento irregular que teve por occasião da filmagem da creação de Chevalier "The Way to Love", que abandonou em meio, Sylvia Sidney voltará aos studios da Paramount, a que continuará a dar os fructos do seu talento.

"Reunion" será o seu proximo vehiculo de apresentação.

* * *

DE interesse para os fans de Fredrich March: terminando o seu trabalho em "Design for Living", que Lubitsch dirigiu, elle apparecerá, successivamente, em "Chrysalis", "Death Takes a Holiday" e "Lives of a Bengal Lancer".

E para os fans de George Raft: os seus successivos papeis em producções da Paramount serão os de "Midnight Club", "Chrysalis" "The Trumpet Blows" e "You Need Me".

* * *

A Paramount adquiriu os direitos cinematographicos de duas peças que neste momento obtem ruidoso successo nos theatros de Broadway, — "Sailor Beware" e "Double Door".

O CLUB DA MEIA NOITE

(*Conclusão*)

sobre elle e o algema, na esperança de obter que a policia lhe entregue Iris em troca de Grant; mas entra Sir Hope e este informa ao detective que Grant, outrora namorado de Iris, já projectava entregar-se á Justiça, a troco da liberdade da joven. A sua visita a Nick tivera por unico objectivo verificar se elle realmente amava a mulher por quem agora sacrificava Grant a sua liberdade.

Sae Grant a caminho da prisão, e Nick e Iris, em meio á felicidade que os subjuga, volvem por um momento o pensamento para Grant, a cujo nobre procedimento devem os dois a sua ventura.

Um aspecto do studio da Radio K O, por occasião da filmagem de «Sangue Maldito».

A NAVE DO TERROR

(Conclusão)

doff que sua amante, vencida pelo remorso da sua infidelidade, se suicidou. Depois que Kreig se retira, Cordoff enforca-se com o cordão de seu roupão de banho.

Nessa noite, estão os marinheiros arriando o ultimo dos barcos para a sua evasão, quando Kreig os descobre e corta as amarras dos escaleres, assim precipitando ao mar todos os tripulantes. Agora, apenas restam a bordo Lili, Cowlee, o criado Blackie, que treme de medo, e o terrivel assassino. Lili busca protecção nos braços de Cowles, emquanto Blackie se recolhe á adega para alli melhor afogar os seus receios. A noite inteira de revolver em punho, Kreig fica de guarda a Lili e Cowles. O silencio da manhã é quebrado pelo rumor de passos no convés. E' o immediato do cargueiro, e Kreig o abate com uma coronhada do seu revolver. Feito isso, elle desce á casa das machinas, ateia fogo á estopa embebida em oleo e a outras substancias de facil combustão, pula o costado do navio, e nada em direcção a uma ilha deserta, na esperança de escapar assim á turma de tripulantes do cargueiro, que já se aproxima.

No correr da busca a que procedem, os marinheiros dão pelo cheiro da fumaça, descobrem o fóco do incendio, e preparam-se para fugir, quando ouvem os gritos de afflicção de Lili e Cowles. Ao longe, na costa da ilha, coberta de perigosos arrecifes, Kreig luta desesperadamente contra o mar revolto. Consegue aferrar-se a um penhasco, mas uma onda dalli o desaloja. Repete a tentativa uma e outra vez, sem melhor resultado. Finalmente, exhausto, se submerge no mar.

Lili, Cowles e os tripulantes do cargueiro estão a ponto de abandonar o hiate incendiado, quando ouvem uma voz rouca cantar uma canção popular. Ao fim da ardua pesquiza elles vão dar com Blackie, encerrado na adega de Kreig e tão bebado, que mal se pode conservar de pé.

SANGUE MALDITO

(Continuação)

Pouco depois, sentindo a proximidade do seu ingresso no além, convoca os filhos á cabeceira de agonia. Então, exprobou-lhes a villeza, a alma tecida de egoismos.

Continuando, diz: «Tudo o que fiz, o que produzi, num esforço de cincoenta annos, foi em seu beneficio. Vejo agora, no emtanto, que não mereceram o meu sacrificio, nem a abnegação da propria mãe, que se immolou por vocês. A minha amargura é que, deixando-lhes milhões, não posso legar-lhes, igualmente, a herança moral, ou seja a herança das qualidades que fizeram o meu triumpho sobre todas as vicissitudes da vida e permittiram a minha ascensão. Moralmente, vocês estão desherdados. Direi que os qualifico abaixo das aparas que existem no assoalho do meu estabelecimento. A casa commercial, a que me devotei de corpo e alma, está prestes a cahir nas mãos de Ullman. Esse desastre só será evitado na hypothese de que um dos meus filhos se redima no espaço de seis mezes. Poderei esperar isso de um de vocês?»

Dizendo assim, Daniel exhala o ultimo suspiro. As palavras austeras do velho Pardway não foram inuteis. O seu filho Freddie, comprehendendo toda a magestade do appello, resolve operar a propria redempção. Entra a participar efficientemente da administração do estabelecimento, revelando decisão, clarividencia e arrojo. Quem o visse, seria tocado pela reminiscencia do velho Pardway. E era, de facto, um Pardway com todo o alvoroço da adolescencia, toda a pompa da bravura.

CARTA AO CHAN

Você, Chan, tem visto a sua gente pagar com seculos de perseguição e soffrimentos a mancha original que o sangue de Jesus não redimiu.

Você, Chan, o maior dos desgraçados, você, negro como as noites de sua patria, tem contemplado seu povo viver o maior poema de dôr que o homem viveu e os poétas cantaram.

Como você deve ser desgraçado em suas meditações!

E' que, quando você medita, não sonda nunca os dias do futuro. Cinge-se a maldizer um presente infame e recordar um passado infeliz.

Olhe para o futuro. Sonde os dias que lhe reserva, talvez, a historia do mundo. E aprenda a prezar a "rubra penedia do deserto", em que Deus lhe amarrou. Ame, Chan, ame, "infinito galé", ame seu céo de fogo e seu deserto immenso, ame, sobretudo seu abutre de hoje, como queria o poéta, este abutre tremendo que é seu sol ardente, porque nelle principalmente está escripta a mais bella pagina de sua historia futura. Tenha ciumes, Chan, dessa fornalha immensa que é sua patria; tenha ciumes de sua Africa miseravel que ella é o berço da futura civilização.

Eu lhe explico porque meu amigo.

..As conquistas do proprio homem louro, os triumphos sobre a natureza, do seu eterno carrasco, elles mesmos, meu irmão negro, passarão ás mãos de seu povo a supremacia sobre os outros povos da terra.

Não se admire, Chan, dessas coisas que lhe digo. Ellas são o fructo de uma meditação que você, no seu eterno pessimismo de desgraçado, ainda não quiz ter.

E eu comprehendo seus receios, Chan. Eu comprehendo que você tema mais uma conquista do homem louro quando sua patria estiver amadurecida para uma grande historia. Mas isto depende de você, Chan. Que seu povo seja forte bastante para defender o berço ardente que é seu continente negro, e o proprio europeu lhe entregará o condão que fará

O DESTINO

O Destino é um sujeito irreverente
Que só vive zombando dos mortaes:
Ora os conduz, em triumpho, para frente,
Ora os tange, vencidos, para traz...

E, á força de mostrar-se omnipotente,
Vejamos nós o que o Destino faz:
— Humilha o que valor possúe realmente,
— Exalta o que valor teve jamais...

Não é o merito o preço da ventura.
O exito humano está na curvatura
De uma espinha dorsal ante o mandão...

— Porem, si has de ascender assim na vida,
Prefere antes mil vezes a subida
Honra de te arrastares pelo chão!...

J. Alberto

De Renato Castello Branco

a grandeza de sua prole infeliz.

Ouça-me. Você bem sabe que a humanidade tem a ansia louca de progredir. Você sabe que cada dia os homens dominam mais um elemento, no afan de adaptar-se ao meio e na luta gloriosa de adaptar aos seus interesses a propria natureza rebelde.

Lance um olhar ao passado, e veja o que nos ensina a historia.

A primeira energia aproveitada pelo homem foi a da propria força humana — a energia do braço escravo. Essa pagina, Chan, você conhece bem. As miserias de sua raça condemnada superam, então, as mais tristes historias de quantos povos escravos existiram.

Veiu depois o vapor e as machinas encheram o mundo.

A escravidão ahi mudou, Chan, de sua prole infeliz para a de todos os homens pobres que trabalham...

Agora veiu a electricidade. E o homem não se contenta. Aproveita a chamada "hulha branca", aproveita a força dos proprios vulcões e já se ensaia mesmo a utilização do fluxo e refluxo das vagas e das correntes, de todos os movimentos do oceano.

Chegará tambem o dia da energia solar, Chan. E, então, chegará o dia da Africa.

Na fornalha immensa que é sua patria, brotará — quem sabe? — uma grande civilização. Cada beduino será uma opera — rio — cada negro um homem civilizado. O seu Sahara triste será — talvez — uma grande officina e sua raça escrava a senhora do mundo!

Pense nisto Chan; pense que, quando chegar a vez da energia solar, como chegou a do vapor e da electricidade, o proprio sol ardente, que é hoje o "abutre" de seus filhos, será o seu orgulho e a propria razão de ser de sua futura grandeza.

E então, Chan, você irá contemplar a decadencia das nações de clima frio...

(Da Academia de Letras da Fac. de Direito).

E que sentimento lhe invadirá o coração, quando você vir a soberba e imperialista Inglaterra succumbir lentamente, envolta na mortalha branca de seu nevoeiro frio?...

Escriptores e livros

Evaristo de Moraes — A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

PARA a perfeita orientação dos leitores, vamos reproduzir as palavras do autor, explicando o *porque* desta obra.

"Neste ensaio de vulgarização, referente a um assumpto que não se póde afastar das cogitações de quantos se preoccupam com a historia da nossa formação nacional, condensei alguns trabalhos anteriores, tendo o intuito de offerecer a visão retrospectiva de um regimen social-economico que atravessou tres seculos, findando sob os olhos da geração contemporanea do advento da Republica.

"Essa geração ainda assistiu ás ultimas resistencias daquelle regimen contra os esforços dos seus demolidores. Mas, áquella época, não havia serenidade para bem julgar a lamentavel instituição. Dominavam paixões e prevenções, dia a dia exacerbadas pelos actos da intensa reacção com que a autoridade publica pretendia *evitar* o *inevitavel*. Tinha a porfiosa contenda operado, repetidamente, desde 1871, varias scisões no seio dos dois partidos monarchicos, forçando a maioria de um delles a repudiar, quando no poder, o que promettêra em celebrado programma. Na realidade, sempre que se tratava do Captiveiro, desappareciam os rotulos de *liberaes* e *conservadores*, surgindo a separação entre os que eram favoraveis e os que eram contrarios ao regimen escravocratico. Outrosim, de anno para anno, verificavam-se mutações á vista, que só espantavam a quem não sabia que, em politica, os acontecimentos conduzem mais do que são conduzidos...

"Não ha, portanto, motivo para se ficar maravilhado — por exemplo — deante da passagem de Rodrigo Silva do ministerio presidido pelo barão de Cotegipe para o ministerio chefiado por João Alfredo, aquelle reaccionariamente escravocratico, este declaradamente abolicionista. Logicamente, não causará pasmo tenha sido Rodrigo Silva quem, ministro da Agricultura, haja apresentado á Camara o projecto da *lei aurea*.

"Foi esta uma das mais expressivas *lições de coisas politicas*, no meio das muitas que deparámos, ao estudar o periodo decorrente entre as duas datas maximas — 28 de Setembro de 1871 e 13 de maio de 1888."

Do ponto de vista indicado, o sr. Evaristo de Moraes desenvolve o seu estudo de maneira brilhante, evidenciando qualidades excepcionaes de psychologo e critico profundo. Póde-se affirmar que o autor esgotou o assumpto, divulgando todos os aspectos da escravidão africana no Brasil.

E' na realidade um estudo *para meditação proveitosa de quem queira, com as lições do passado, prevenir os males do futuro*.

Catullo da Paixão Cearense — MEU BRASIL — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 6$

EM segunda edição apparece *Meu Brasil*, livro recebido com enthusiasmo pelos intellectuaes da primeira linha. Não ha mais o que dizer acerca do encanto da poesia de Catullo.

Brasil, desde a mocidade,
desde verde adolescente,
(vê quanto orgulho e vaidade!)
pensei em dar-te um presente
inspirado em teu amor!
Mas adiando, sempre adiando,
os tempos foram passando,
até que emfim, combalido,
fiquei velho e envelhecido,
deixei de ser trovador.

Quem nasceu trovador, sempre ha de tanger a viola *acagibada*.

E a trova dolente canta ao nosso ouvido, impregnada de belleza, das coisas do sertão, simples, emotiva, soberba!

Esta nova edição do *Meu Brasil* ha de esgotar-se, pois o publico ama e comprehende Catullo, o singular interprete do drama sertanejo.

Vicente Licinio Cardoso — A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

NESTE livro póstumo, encontramos uma série de estudos do mais alto valor, escriptos por Licinio Cardoso, um dos talentos mais expressivos das letras brasileiras.

Espirito culto, penetrava no amago das coisas e dos acontecimenots, difundindo as suas idéas com suprema elegancia. Acacio França, em paginas evocativas de grande amizade, com razão affirmou: "Da vida de Vicente Licinio Cardoso e de sua obra, como engenheiro, arquiteto, artista, escritor, professor, sociologo e apóstolo em pról da educação no Brasil, ou, ainda, do homem, em toda a amplitude e integridade deste termo, que ele fôra, desde menino estudante até a hora... aquela hora trágica em que deu por finda a sua presença entre nós, têm-se feito conferencias, publicado crónicas, artigos e ainda se escreverão volumes."

Virão, sim, fatalmente, os volumes acerca de Licinio.

Mas, antes que cheguem, deve ser divulgada a obra deste espirito raro, obra que resistirá ao tempo, tão rica de seiva ella é. O presente volume apparece na collecção denominada *Bibliotheca Pedagogica Brasileira*.

O CONDE — De Claude Marsey

NAQUELLA manhã, uma linda manhã de inverno claro e fresco, o gordo Delignon, logo que abriu os olhos, sorriu beatamente. Oh! não era o sol que o alegrava assim. Não, mas o pensamento de ter contractado, na vespera, um creado de quarto e que, pela primeira vez na sua vida, um creado de quarto ia começar a occupar-se da sua vasta pessôa.

Havia vinte annos que o gordo Delignon era representante de vinhos e espiritos. Antes delle seu pae tambem o fôra. Dessa maneira, os vinhos e os espiritos faziam parte da sua familia. Mais habil, porém, que os seus ascendentes, sobretudo mais favorecido pelas circumstancias, nessa profissão, o gordo Delignon fizera fortuna. E agora, que se retirára dos negocios, não se zangava em representar o homem importante. Appartamento elegante, carro de bôa marca, alfaiate chic, club de nomeada, tudo isso se lhe tinha offerecido.

Tudo, até essa ultima satisfação: um creado especialmente ligado ao seu serviço.

Sorrindo de satisfação, apertou o botão da campainha. O creado de quarto entrou, pousou sobre um guéridon a bandeja que trazia e perguntou, respeitosamente:

— O senhor conde dormiu bem?

— Que é que diz? — fez o outro, espantado.

— Pergunto ao senhor conde se o senhor conde dormiu bem.

— Vejamos, Gustavo! Por que me chama "senhor conde"? Não tenho titulo, mesmo o meu nome, Delignon, se escreve numa só palavra...

— Oh! senhor conde, não tem importancia. Se eu chamo ao senhor conde "senhor conde" não é pelo senhor: é por mim; isso lisongeia-me.

— Mas eu não quero que me chame assim! Seria ridiculo.

— Nesse caso, ver-me-ia obrigado a despedir-me dos serviços do senhor conde. Se o senhor conde recusa ser conde, só me resta...

— Espere, espere! Preciso de você, e não quero perdêl-o. Um creado de quarto tão bem estylizado, parece!... Chame-me "senhor conde", visto que isso lhe dá prazer, e não se vá embora!

* * *

Arranjadas assim as coisas, o gordo Delignon tomou chá, fez a *toilette*, passeou no Bois, almoçou no club, passou o tempo como poude e, á noite, trouxe para jantar comsigo o amigo Lebert, corrector de seguros. Tudo se passou na melhor fórma. Mas, no decurso da refeição, Gustavo tratou o patrão, a todo o instante de "senhor conde", o que espantou o amigo Lebert.

A chicara de café na mão, o charuto na bôcca, o gordo Delignon teve um pequeno sorriso modesto.

— Bem! Vou explicar-te. Gustavo é meu irmão de creação. Foi creado no campo, no castello de meus paes. Conhece a fundo a minha familia. Sabe que o meu avô, para entrar no commercio, renunciára ao seu titulo de conde e ligára o seu nome (de... mais adeante Lignon) numa só palavra.

— Ah! replicou o amigo Lebert, tomado subitamente de respeito.

Depois, quasi a seguir, accrescentou:

— Mas agora, que não trabalhas mais, por que não retomas o teu titulo?

— Peuh! Peuh! — fez o outro, soprando a fumaça do charuto.

E falaram doutras coisas. Mas, nessa noite, o gordo Delignon não poude dormir. Mil pensamentos o perseguiram. Emfim, no dia seguinte, pela manhã, quando o creado de quarto appareceu disse-lhe immediatamente:

— Creio que na esquina da rua ha uma papelaria. Assim que tiver vagar, vá encommendar-me um cento de cartões de visita. Bem entendido, cartões gravados, tudo o que houver de mais chic! E diga bem a orthographia do meu nome: Conde de Lignon...

De Lignon, em duas palavras, não é verdade?

ESPHINGE

(Ao distincto escriptor Martins Capistrano)

Concentro o pensamento e me elevo ao Egypto.
E frente em frente á esphinge immoral, millenaria,
Vejo passar Ramsés, Cleopatra e esse infinito
Cortejo de Pharaós de fama legendaria.

Flammeja no alto o Sol como um vulcão maldito,
A areia do deserto é quente, sedentaria,
E fugindo ao simoum imprevisto, inaudito,
Passa uma caravana ao longe, solitaria.

Contemplo absorto a esphinge e medito lembrando
Zévaco phantasista a historiar, romanceando
Nostradamus, o sabio — estranho e mago pyro.

E num vago mutismo eu julgo ver na esphinge
A nudez da Verdade ante o mundo que finge
Ser um radio de luz, a espalhar a Mentira!

HERNANI RAMIREZ

O LIVRO VERDE DA VIDA

ESTE conto, encantadora Alice, faz parte integrante do *Diario de minha vida*, e ha muito que eu o deveria ter escripto. Só assim você ficaria sabendo um pouco do poema azul do meu coração.

Sim, digo bem, — azul, perfumado e cheio de rendas. Hoje, depois de tanto tempo e, deante de sua fascinante formosura, eu noto que o assumpto nelle contido já não tem graça, e, segundo presumo, perdeu, até mesmo, qualquer coisa de sua originalissima opportunidade. Mas, para você, que é a mulher mais bonita do Brasil, seria de me suppôr ingenuo, se eu não contasse, em meu favor, com a indulgencia velludosa de sua meiguice sentimental, pondo, á esthesia de minha tortura amorosa, os impulsos naturaes das preferencias do coração.

Se é certo, minha encantadora amiga, que o destino dos homens repousa sempre nas suas attitudes, não deixa de ser verdade que o das mulheres, como castigo divino, se revela, constante, indisfarçavel, dentro de seus olhos.

Foi por causa de seus olhos, Alice, que você me inspirou tão profunda e viva admiração. Eu vi que em suas pupillas tão serenas, de um azul claro tão impressionante, se concentravam todas as inquietudes de uma ansia indefinida procurando, no livro verde da vida, que você ainda não leu, a pagina dos vinte annos. Os traços mais emotivos, os sentimentos mais intensos, os impulsos mais espontaneos e os caprichos mais intimos — todas essas coisas que você procura esconder quando me fala — ha muito que se desnudaram, totalmente, deante de mim. Por que não dizêl-o? O seu olhar Alice, — que é um naufragio de leite em mar de anil, — assignalou, dentro das pupillas do meu, instantes magicos de alegria flagrantes, em cheio, todas as sombras da tristeza que me domina. E entre tanta, só você, Alice, teve a felicidade de me comprehender. Quanta semelhança!... Eu, como você, sem que ninguem me houvesse falado, tambem a pude comprehender. Mas, para que revelar aos outros aquillo que você nunca me disse? Eu a entendi, desde que nos encontrámos pela primeira vez. E' o quanto nos basta. Nesse momento, isto é, quando nos fitámos, e me dispunha a falar sobre a musica, a poesia, as flores e os perfumes, eu vi, precisamente, que os seus lindos olhos azues me contavam trechos de balladas nunca ditas, barcarólas de amor que nunca foram escriptas, historias fascinantes, mostrando afinal, na ingenuidade presumida das deusas humanizadas, um pouco desse seu coração que não é mais de menina e que ainda não é de mulher.

Foi nesse momento, encantadora Alice, que você mais feriu a minha sensibilidade. Era quasi noite. A tarde estava chuvosa e fria. Você ainda se recorda? Eu havia premeditado, elegantemente, uma hora de isolamento na "Broadway" carioca, num cinema qualquer. Você estava excessivamente nervosa, e eu notei que a sua alma de criança loira era, nessa occasião, como uma agonia feita de esperanças, dando um verde indefinido ao riso, aos modos, ao tom celestial da vóz, em tudo que você era, que você pensava, que você dizia. Como eu a achei interessante! Pareceu-me que havia, ao redor de você, um verde transfiguração, qualquer coisa luminosa ardendo dentro de sua alma, com desejo de quaimar-me todo nas duas brazas vivas, incandescentes, da fogueira do seu olhar. Você se recorda? O desejo que você tinha se inoculou em mim, contagiando-me. Sim, encantadora Alice, naquelle instante eu me senti possuido de um grande e bello desejo e tive impetos de beijar a sua bocca purpurina, os seus cabellos loiros, cacheados, curtos, as suas mãos delgadas de dedos ponteagudos e unhas rosadas, o seu maravilhoso collo de cysne, despenhando-me com você pelos abysmos de saphyra do nosso amor, em que todo o meu ser, na vibração divina do peccado, deveria fragmentar-se, bebendo ás gottas, o absyntho de leite e rosa de seus seios. Você ainda se recorda? Os fócos electricos das ruas e das avenidas derramavam-se tristonhos, numa indecisão profunda de pranto indefinido formando o Mar Negro de meus abrólhos. Como me pareceu inexpressiva, áquella tarde de inverno, a alma turva da noite que rondava! E como teria sido bom para o nosso socêgo, se eu e você, em silencio, sem que ninguem visse, se houvessemos chorado como aquella noite soluçando como aquelles trovões!... Mas, você Alice, sem que eu lh'o dissesse, viu, nitidamente, através da minha emoção, que a minha alma ainda guardava qualquer coisa de essencia captosa, embriagante, tentadora, e juro que você poude no-

De Adaucto Fernandes

tar, commovida, que, dentro de mim e deante de você, ella permaneceu sempre de joelhos todas as vezes que você me falava. Você já se esqueceu? Ella rezava afflicta, no Golgotha da minha dôr, a lithania amarga dos torturados, como se o meu coração concentrasse a magoa de todos os infelizes, o desespero das montanhas do meu ciume, o rugido louco do Atlantico do meu amor, levando-me no turbilhão das vagas do meu destino, á praia branca do seu corpo. Nesse momento, Alice, como você me pareceu compassiva!... Nunca mais me foi possivel esquecer o seu gesto. E, ao contacto perfumado de suas mãos macias, delgadas, transparentes, minha alma, livre da poeira dos mundos, poude elevar-se severo, pura, até onde foi o meu penamento. Você se recorda?

Nos jardins ainda não murchára nenhuma rosa. E os seus olhos, derramando-se dentro dos meus, com que eloquencia me falaram! Ha muito que elles me diziam coisas vagas mostrando-me, apenas, na linguagem luminosa das estrellas, os seus encantos femininos. Foi assim, Alice, que eu a entendi. E desde então, sua alma leal, sincera vertem ao meu lado, para que o sentisse á gama da melancolia, o fel terrivel das agonias lentas. Você ainda se recorda, Alice? A noite tomára a côr imprecisa de cinza. Foi nesse instante que eu comecei a admirar em você, ao lado de seus encantos, — symbolos vivos de arte e perfeição, — a imagem ideal da mulher que um dia, numa tarde como essa cheia de chuva e de frio, me perturbou, profundamente, o rythmo normal da vida.

Já vae para mais de um anno. Como você, de quem eu gosto tanto, ella tambem gostou de mim. E, como você, ella era loira de olhos azues, intensamente vivos, de um riso sereno dôce meigo, provocante. Qualquer coisa de divinal deveria haver nessa mulher tão encantadora e tão intelligente. Olhámo-nos... Foi o bastante... Já estavamos contagiados. Desde esse momento, o seu olhar penetrou-me fundo, macio, narcotizante. Nunca mais me foi possivel esquecê-la, e ainda agora, eu a tenho, deante de mim, na sua pessôa.

— Chamo-me Véra. — Foi assim que ella falou depois de ter apertado a minha mão.

Olhou-me, attenta, concluindo:

— Véra Souto... De todas as mulheres com quem já se relacionou, sou eu, realmente, a que melhor o entende.

— E' possivel.

— Tanto quanto me está vendo. Sem que me houvesse conhecido pessoalmente, era, no emtanto, a minha imagem, a sombra mais viva do seu coração.

— Não percebo.

— Eu sou a mulher que você viu em sonho... Já se esqueceu? Foi numa noite de São João.

— Que eu vi em sonho?! — inquiri, atonito, certo de que a minha deliciosa Véra enlouquecêra repentinamente.

— Sim, sou eu mesma, continuou, sem se perturbar. Eu tambem o vi á mesma noite, noutro sonho de São João... E só hoje nos encontramos. Está rindo? Tanto peor para você. A incredu-

(Continúa na pag. seguinte)

O LIVRO VERDE DA VIDA

lidade é a causa do nosso grande soffrimento. O homem precisa acreditar na religião do amor... Não pensou ainda no poder do destino?... Não se espante... Ha mais coisas mysteriosas e profundas no infinitamente grande da nossa vida do que tudo o que ensinou, até hoje, a philisophia grega. Não está vendo a noite? A vida humana tambem possue a côr indecifravel da cinza. Chove!... E' a natureza que chora o pranto que os anjos ainda não verteram. Por que ficar triste, quando se tem deante dos olhos uma mulher bonita? Eu, como você, tambem sinto que tenho frio... A rua está deserta, por aqui não passam senão as "limousines". O seu pensamento deve ser em tudo como o meu. O frio continúa... Ainda não o sentiu? Os nossos corações estão vazios... Ah! que frio!... Que frio inupportavel!... Quanto me custa a esmola do amor!... Agora, ninguem ha que esteja com mais frio do que eu... Tenho a alma em gêlo... Como é terrivel o indifferentismo!... Quero que você me aqueça, me illumine a vida. O coração que ama é sempre moço. Deixa-me penetrar, ao menos uma vez, o ambiente do seu apartamento. Eu estou com frio!... Venha commigo. E' preciso derramar a minha alma dentro da sua. Emquanto chove desordenadamente, homens e mulheres, unidinhos, como amantes passam embuçados, velozes, em lindos automoveis... Ah! que frio! Que

(Continuação)

frio insuportavel! E a chuva continúa. Os homens e as mulheres vão em procura dos "*cabarets*". Você ainda não se decidiu?

E Véra olhou-me demoradamente, com os seus grandes olhos azues, numa expressão immensa de mulher que já exgotou todas as ensações do amor. Desde então, eu comecei a ver o desfile dos dias do seu passado. Trinta annos!... Quarenta e cinco amores!... Véra Souto nunca amára verdadeiramente. Na graça loira de seus cabellos naufragára toda a sua elegancia moral. Estava só. Ha muito que fechára o livro verde da vida. Agora, toda ella era apenas uma doçura lyrica murchando

á flor dos labios da mulher, cheia de saudade, a crepuscular nas trevas de uma noite que vem perto. Levei-a para o meu apartamento. Alli, ella era feliz, mas, sempre triste. Amei-a assim mesmo, e ella foi muito mais dsventurada. Cantei-lhe a formosura, a côr doirada dos cabellos e a esmeralda de seus sonhos augmentou-lhe a paixão delirante. Uma grande sentimental que abandonou quando mais eu a queria. Abandonou-me numa tarde assim, côr de cinza, cheia de chuva e de frio.

O resto da nossa historia, Alice, está no livro verde da minha vida, onde eu vou escrevendo os dramas mais intensos as paginas mais emotivas do desespero em que Vera me deixou, certo de que, mesmo na melancolia do crepusculo da tarde que me envolve, ella continúa, á longe, olhando-me sempre seductoramente, com os seus grandes olhos azues. Eu, ainda hoje, amo a mulher bonita que ella é, mas, tenho médo, não de todas as mulheres, mas, das loiras de olhos azues, muito embora sejam ellas a minha unica inspiração. Você acha Alice, que eu devo ainda escrever um capitulo no livro verde da minha vida? Hontem, eu a encontrei casualmente. Ella olhou-me bem dentro dos olhos, e, numa supplica, em que pôz toda a meiguice da sua voz, perguntou-me, tristemente:

— Você ainda gosta das loiras?

O operario (de volta do botequim, aonde fôra «refrescar a garganta»). — Agora, antes que me esqueça, vou serrar o que está sobrando desta tábua.

O garoto. — Mamãe, tenho uma idéa.
A mãe. — Qual é, filhinho?
O garoto. — Acompanha o meu raciocinio: pego-te dez tostões emprestados, mas tu só me dás quinhentos reis, e ficas me devendo os outros quinhentos reis; óra, como eu tambem fico te devendo quinhentos reis, logo, estamos quites.

O VIGOR NERVOSO

Segurar uma faca de mesa na mão aberta em qualquer posição, sem nenhum apoio visual, e sem que ella caia no chão.

PRIMEIRO explicaremos que esta recreação se baseia unicamente na tensão dos nervos.

Para prova, sustentaremos uma faca debaixo da palma da mão direita, sem a agarrar de modo algum, e sómente apertando com força o pulso com a mão esquerda.

Apresentamos uma faca nessa posição; e depois, voltando a mão em sentido contrario, isto é, com as costas para o chão, fazemos ver que nada sustinha a faca debaixo da palma dessa mão.

Ahi vae a explicação deste apparente phenomeno: Quando apertamos o pulso direito com a mão esquerda, estendemos o dedo index dessa mão para sustentar a faca;

e o retiramos subtilmente na occasião em que levantamos a palma para o ar.

Para que esta experiencia se torne digna de attenção, é mister que voltemos rapidamente a palma da mão todas as vezes que a dirigimos para o ar ou para o chão.

Afim de evitar que a faca caia, quando tivermos de tomar a primeira destas posições, devemos segural-a com o dedo pollegar da mão direita até que o index da mão esquerda venha tomar o logar que lhe compete.

Do mesmo modo, quando passarmos da primeira á segunda posição, devemos, antes de retirar o index, collocar por um instante, no logar desse dedo, o pollegar da direita.

NOTA — Tendo curiosidade em saber se estão sendo bem acolhidas as chronicas que venho publicando em *FON-FON*, ficarei grato aos amadores e profissionaes que me escreverem com seus endereços para a redacção desta revista.

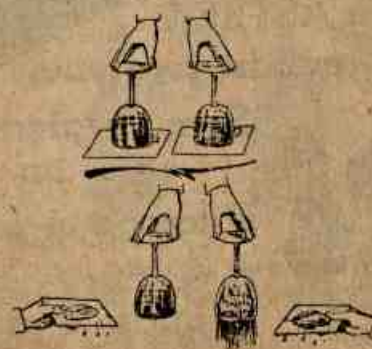
A INUNDAÇÃO

Virar um copo cheio d'agua sem que o liquido se derrame.

ESTA experiencia, muito curiosa, serve para demonstrar que a pressão atmospherica se exerce tão bem de baixo para cima como de cima para baixo.

Tomamos um copo, cujas bordas estejam bem lisas, e o enchemos d'agua até que o liquido se encurve acima das bordas.

Applicamos, então, sobre o liquido e as bordas do copo, uma folha de papel, sobre a qual collocamos, depois, uma taboinha, vidro de vidraça ou um papelão, em summa um objecto plano e tão liso quanto possivel.

Agarrando o copo pelo meio, com a mão direita, collocamos a mão esquerda sobre a taboinha para a sustentar, e viramos tudo bruscamente.

Retiramos a taboa, com a mão esquerda, e a folha de papel fica collada contra a superficie do liquido e evita que este se derrame.

Podemos depois collocar o copo, transportando-o, numa posição vertical, sobre o marmore de um consolo, etc. tão polido quanto possivel, e retiramos a folha de papel.

Teremos, então, um copo cheio d'agua virado sobre uma mesa, sem vasar sequer uma gotta do precioso liquido.

O AMOR INCOMPREHENDIDO

"Não é castigo amar sem ser amado,
Fazer o bem sem ser comprehendido;
Porque todo o castigo immerecido
Resulta em gloria para o castigado."

HERMES FONTES

UM dia — o dia determinado pelos deuses para os acontecimentos — Felix notou que sympathizava em demasia com uma joven que possuía o nome e a graça, que Guilherme de Almeida immortalizou: "este teu nome inglez de creança e mulher"... Chamava-se Baby. Dando uma busca no seu archivo sentimental e no fichario de seus amores anteriores, reparou ser Baby justamente o typo que correspondia ao seu ideal determinado por Schopenhauer quando descobriu a attracção de contrastes como factor do aperfeiçoamento da raça. Verdade era que Felix ainda não fazia calculos eugenesicos, mas, de accôrdo com Freud, devemos admittir que isso já estava incluido no seu sub-consciente, que o guiava, indirectamente, para execução de uma finalidade.

Felix, que era rapaz extremamente communicativo, tornou-se de subito retrahido ensimesmado, preferindo a paz da solidão.

O amor, que traçoeiramente lhe incendiára o sangue e augmentára a respiração, havia ttransformado completamente o seu caracter.

Raramente se lhe deparava Baby. Eram sempre encontros fortuitos, inesperados, de nenhuma duração. Num ou noutro festival se defrontavam durante o intervallo de uma contra-dança ou quando se enlevavam na harmonia choreographica de uma valsa. Felix, embora o desejasse, nada podia dizer. Sentia-se tão feliz, que lhe parecia um sacrilegio almejar mais do que lhe concediam.

Falar para que? Acreditaria, ella, no que lhe dissesse?

Covarde como todos os apaixonados, sentia-se desprezado, humilhado ante o ser que adorava. Felix, cuja desenvoltura todos conheciam, ao lado de Baby gaguejava e dizia disparates.

Com o tempo, aquella paixão tomou novo aspecto. Não podendo têl-a sempre proximo, Felix fixou no seu cerebro, numa tortura de obsessão, a imagem da mulher amada. Perdia noites e noites mergulhado em peensamentos longos e ineffaveis. Via-a tão perto de si, falando com tanto carinho, que já se sentia compensado da immensa amargura que lhe causava o amor. Falava com Baby em pensamento; trocavam carinhos; sentiam-se tão felizes...

E era viva aquella existencia interior, que, de vez em quando, tinha até arrufos e dissões com Baby. Nessas occasiões o pobre apaixonado não pensava em alimentar-se, não podia trabalhar, e aprofundava-se no mais triste acabrunhamento. Mas logo se insulava em novas cogitações e Baby apparecia-lhe, outra vez, meiga e carinhosa, dissipando as nuvens da tormentosa quezilia.

Dia a dia, Felix mais se aprofundava na vida sonhadora que o absorvia. Procurava logares ermos e calmos, para poder entregar-se ao

— Por que a palavra «terra» é feminina?
— Porque ninguem lhe conhece a idade exacta.

Conto de Fernando Levisky

devaneio de sua louca paixão. Vivia só pelo pensamento. Sentia Baby sempre a seu lado, como um fantasma querido. Era bastante invocal-a no pensamento para que ella surgisse, maravilhosa e bdelleza e doçura.

Quando emergia desse abysmo de fantasias, sentia-se mal, intolerante, enfarado. Fugia de todos. Só se sentia feliz, quando reiniciava seus colloquios com a imagem da mulher amada.

A's vezes, depois de uma rusga imaginaria, voltava a si, e esforçava-se para convencer-se de que tudo não passava de um delirio. Que Baby nunca lhe quizéra mal e que tudo correspondia aos seus melhores desejos. Mas os lampejos da razão cada vez mais rareavam, a tal extremo, que Felix já não sabia distinguir o mundo sub-consciente do real. Factos verídicos e acontecimentos suppostos, tudo se confundia no cerebro de Felix.

Quando lhe acontecia encontrar Baby, em alguma reunião social, chegava a falar-lhe sobre assumptos que já abordára em fantasia. A moça, como é natural, nada comprehendia, afastando-se atemorisada com as attitudes do rapaz. Elle, então, a sentia tão proximo e tão longe, ao mesmo tempo, que quasi acreditava ser outra mulher a Baby de seus sonhos, a jovem que elle mesmo creára e vestira de todas as virtudes e de todos os dons.

A Magda, que Aluizio de Azevedo tão bem estudou, vinha ás vezes á memoria do Felix; mas o delirio cada vez mais se apoderava do seu cerebro, não lhe permittindo nenhuma reacção consciente. A vida imaginaria e o fertil poder de sua fantasia acabaram constituindo toda a sua pobre existencia humana.

Abandonou tudo e todos. Foi olvidado por aquelles que se diziam seus amigos, esqueceu seus inimigos e integrou-se definitivamente na vida interior. Baby tornára-se sua obsessão. Era ella unicamente quem lhe dava momentos felizes e horas de pezar.

* * *

Passaram-se os annos. Felix continuava no mesmo eterno sonho, embalado pelo amor e pela figura maravilhosa de Baby. Mas a amada já não era tão meiga e carinhosa. Entre os dois surgiam zangas, scenas de ciume...

Felix definhava dia a dia. Tornára-se côr de pergaminho.

Uma tarde, a dona da pensão encontrou-o prostado em sua cama. Estava morto. O medico, na sabedoria que o diploma lhe confere, culpou o innocente bacillo de Koch...

Um parente que veiu buscar as coisas do rapaz encontrou um pequeno bahú contendo muitas paginas soltas, todas ellas rabiscadas pela mão nervosa de Felix. Continham uma só palavra: Baby.

* * *

Quando alguem contou a Baby que Felix Lemos morrêra por ella, retrucou, surpreza:

— Felix? Felix Lemos morreu por mim?! Impossivel! Eu nem o conheço!...

— Sete e meia! Si não me vierem acordar, já, ficará tarde para ir ao collegio...

A FEIA

ERASMO fez o elogio da loucura; Mantegazza, o elogio da velhice, e eu farei o da fealdade.

Ha muita gente feia por este mundo que dizem ser o de Christo, mas onde só o diabo impera.

A fealdade não é apanágio sómente das mulheres; tambem ha muito homem feio. Poucos são, porém, os que se conhecem a si proprios; ha feios e feias que se têm em conta de bonitos.

Conheci um doutor pavoroso que achava um encanto todo especial em mirar-se num espelho. E, feio como um sapo, julgava-se um Adonis.

Entretanto, soube escolher a esposa; casou-se com uma linda mulher.

As filhas nasceram "formosas" como elle e os filhos tal qual a mãe. Mas o doutor só elogiava a "belleza" das filhas. Queria que todos fossem de sua opinião. E perguntava, enlevado, a um amigo, tendo nos braços a mais feia de todas ellas:

— Que tal minha filha? Não é mesmo uma bellezinha?

— E' sim, muito bonita.

E ajuntava, ironico:

— E' a cara do pae.

O feio sorria, envaidecido, beijava e mimava a menina. *Quem o feio ama, bonito lhe parece,* diz um proverbio. Era natural, portanto, que achasse a filha bonita. Mas julgál-a bella porque se parecia com elle, que não reconhecia a propria fealdade? A isso o feio responderia, talvez, que a coruja tambem achava seus filhos muito bonitinhos...

Se bem que mais feias do que os homens, seria contado uma irreverencia um concurso de fealdade entre as mulheres. Não ha moça que queira disputar o titulo de mais feia, nem mesmo para ganhar um throno. O sceptro da belleza vale mais que o de rainha, para todas as mulheres jovens. Não acontece o mesmo entre os homens.

Ha tempos, no Rio Grande do Sul, houve um concurso de fealdade entre os rapazes. Estava promettido como premio um bello e rico guarda-chuva. O mais votado não foi, porém o mais feio de entre elles. O premio era tentador e um dos concorrentes empenhou-se tanto com os amigos, que sahiu victorioso.

O mais feio teve uma votação insignificante, mas em vão reclamou que o guarda-cuhva de direito lhe pertencia.

* * *

Que o leitor amavel se transporte commigo a Porto Alegre, a formosa capital do Rio Grande do Sul.

E na metropole sulina vou occupar-me de dois irmãos, pessôas muito intimas, e referir-me a factos anteriores á proclamação da Republica.

Na antiga Escola Militar de Porto Alegre havia uma pleiade de rapazes divertidos, em sua maioria pobres, para os quaes, conforme os costumes da época, constituiam a principal distracção as reuniões familiares.

Dançava-se, recitava-se e... namorava-se. Nos recitativos, "A doida de Albano" — macrobia e tragica poesia, que assim começa:

"Anda cá meu filho, escuta:
E's amigo de tua mãe?"

era uma das preferidas da *élite* intellectual de então.

Aos bailes não se exigiam "toilettes" de custo nem perfumes caros; de modo que os estudantes pobres, que cursavam a Escola sem mesada, se divertiam tambem, tanto quanto os mais favorecidos da sorte. Não faltavam aos bailes: a pobreza não era empecilho ás expansões de jubilo da rapaziada.

Entre esses moços havia dois irmãos, dos mais pobres, filhos do Norte, os mesmos a que

Leopoldo D. Amaral

alludi linhas acima, vindos do Rio de Janeiro transferidos da antiga Escola Militar da Praia Vermelha. Cursando a de Porto Alegre, não possuiam juntamente mais do que um par de botinas. Para ambos um dos pés tinha de ficar doente e..., calçar chinelo. O mais moço lamentava-se, maldizia a crúa sorte, emquanto que o outro acceitava a "promptidão" de cara alegre e espirito tranquillo.

O mais velho dos dois irmãos era um joven de grande talento. Poeta lyrico, escrevia versos de grande belleza, que recitava nas reuniões intimas. Não precisava recorrer á "Doida de Albano" para bem se desempenhar nos recitaes em voga e, apesar de feio, fez muito coração de mulher joven pulsar enternecido.

Estudava muito pouco, pois não carecia de grande esforço para sahir-se bem nas sabbatinas. Tinha contra si a pessima letra, quasi inintellegivel, a qual lhe não permittia ter melhores gráus. Os lentes confessavam que não decifravam o que elle escrevia. Com grande pendor para a mathematica, resolvia com facilidade os problemas mais difficeis, causando admiração até aos proprios professores.

Mas, sendo feio, tinha grande birra pelas moças feias, que, alvo de sua zombaria, se viam mal com elle.

Certa occasião, num baile, achava-se palestrando com um amigo, quando uma senhora idosa, que se juntára a um garrido grupo de moças muito bonitas, lhe acenou para que se aproximasse.

Acudindo com presteza ao chamado da velha dama, esta lhe disse:

— Sr. F. F., vou apresentar-lhe minhas filhas; quero que dance com ellas.

— Pois não, minha senhora! — respondeu o moço, com alegria, circumvagando o olhar pelas lindas jovens que via em sua presença.

A velha então levantou-se, tomou-lhe o braço e o conduziu a outro grupo feminino, de verdadeiras corujas, que estava distanciado.

— Meninas — falou a diligente intercessora, — apresento-lhes o sr. F. F., que muita sympathia goza aqui. Vae dançar com vocês.

— Com muito prazer, senhoritas! — disse o rapaz, inclinando-se, mal disfarçando o seu grande desapontamento.

E, offerecendo o braço á menos feia, sahiu dançando uma valsa.

Depois de algumas voltas pelo salão, percebeu que seu par suspirava em voz alta. Parou de dançar e, dando-lhe o braço, começou a passear. Como a joven continuasse a suspirar, perguntou-lhe, com interesse:

— Por quem está suspirando, senhorita?

— Pelo senhor — respondeu a moça, com voz sumida.

— Por mim? Oh! Oh! Oh!...

Dirigindo-se depois, com a dama, para uma das janellas, disse-lhe:

— Senhorita, vae mudar o tempo!

E, apontando para o firmamento:

— Está vendo aquella nuvemzinha no céu? E' uma tempestade que se aproxima. Vem uma tempestade feia, feia, feia, feia...

E, ante o olhar espantado da moça, que na abobada celeste nenhum prenuncio de máu tempo via, e que se limitára a perguntar: — "Que é? Que é?" — ainda repetiu, alteando a voz, com um riso escarninho a aflorar-lhe aos labios:

— Sim, senhorita, feia, feia, muito feia, feia!...

MINHA SOGRA E MEU NARIZ

Tua mãe é surda e muda:
Casa, penso, sou feliz.
Qual! Céo em inferno muda,
Ella come o meu nariz.

LEOPOLDO D. AMARAL

O SERMÃO

O abbade Martin era cura do Cucunham. Bom como o pão, franco como o ouro, adorava os cucunhenses; para elle o Cucunham seria o paraiso se os cucunhenses fossem mais devotos.

Mas tudo em vão... As aranhas teciam no confessionario, e as hostias permaneciam intactas no santo siborio. O padre vivia com o coração mortificado, e sempre rogando a Deus que o não tirasse emquanto não tivesse erunido seu rebanho disperso. Ora, Deus teve piedade delle e concedeu-lhe a graça desejada.

Num domingo, depois do evangelho, o santo homem fez o seguinte sermão: "Meus irmãos, vou pregar-lhes o sonho que tive essa noite. Eu, o mais miseravel dos peccadores, me achei na porta do paraiso e bati. São Pedro, em pessôa, veiu abrir, e perguntou-me:

— Em que lhe posso ser util, padre Martin,

" — Meu bom santo, o sr., que é aqui o thesoureiro, queira desculpar a minha curiosidade, mas quantos cucunhenses já estão aqui registrados?

" — Espere um pouco, padre Martin, que lhe darei já a resposta.

Então, o bom do santo pôz os oculos, abriu um grande livro e procurou.

" — Cu-cu-nham. Nenhum, meu padre; a pagina está em branco.

" — Não é possivel S. Pedro; o sr. com certeza se enganou.

— E' verdade, padre Martin, se não quizer acreditar, procure o sr. mesmo e verá.

"Meus irmãos. S. Pedro tinha razão. Fiquei petrificado e cahi de joelhos aos pés de São Pedro.

" — Meu padre, não se desespere assim; com certeza seus cucunhenses estão ainda no purgatorio, e não tardarão em chegar aqui.

" — Meu bom santo, tende piedade de mim! Deixae ao menos que eu vá visital-os.

" — Vá, meu amigo; mas calce antes essas grossas sandalias, pois a entrada não é das melhores. Vá seguindo sempre e, quando chegar á direita, encontrará uma porta de prata constellada de cruzes negras; bata com força que será attendido.

"E assim, meus irmãos, caminhei penosamente numa estrada horrivel, cheia de espinhos e repteis de toda especie, e só de pensar fico arrepiado; emfim, cheguei até lá e bati. Uma voz dolente e meiga respondeu:

" — Quem é? O cura de Cucunham. Vá entrando, meu irmão, e dizendo o que deseja.

Deparou-se-me, então, um anjo lindo, vestido com uma tunica sombria, como a noite e resplandecente como o dia. Trazia na cinta uma chave de diamantes e escrevia num livro mais grosso do que o de São Pedro.

" — Anjo de Deus, desculpae a minha ousadia, mas venho saber quantos cucunhenses ha aqui.

"O anjo molhou os dedos na saliva para melhor virar as paginas, e a resposta foi tambem negativa.

"Meus irmãos, quasi desmaiei e perguntei ao lindo anjo:

— Onde estão meus cucunhenses?

" — No paraiso, — disse o anjo.

" — Mas venho de lá, e S. Pedro me mandou para cá.

" — Então, meu bom padre, se não estão aqui nem no paraiso, prosiga na viagem, que, com a ajuda de Deus, os encontrará em outro logar.

"Meus amigos, fiquei louco de dôr e, seguindo o conselho do anjo, entrei num atalho tenebroso, coberto de brazas escaldantes, e se não fossem as sandalias que São Pedro me déra, nunca teria chegado até lá. Depois de mil peripecias, enocntrei um portão escancarado e com entrada franca; como a dos *cabarets* que vocês frequentam aqui nos domingos. Lá não havia livros de registros e nem perguntaram o meu nome.

"Senti um cheiro horrivel de carne queimada; parecia até que o mestre Eloy estava lá ferrando os burros. Perdi os sentidos, pois ouvia gemidos lancinantes e gritos estridentes, quando fui despertado por um espeto agudo que me enfiava um diabo chifrudo, o qual me perguntou:

— Que fazes aqui? Por que não entras de uma vez?

— Deus me livre! Sou amigo de Deus; vim sómente saber noticias dos meus cucunhenses. Estarão elles por acaso no teu reino?

— Não te faças de tolo! Tu bem sabes que os teus famosos cucunhenses estão todos aqui; podes vêl-os de longe, mas, cuidado! Se entrares, não sahirás mais.

" — Então, meus irmãos, vi com meus proprios olhos todos os meus cucunhenses envoltos num turbilhão de chammas. Vi o comprido Zé Gallinha, aquelle miseravel beberrão, que maltratava tanto a pobre Clarinha. Vi Catarinete, a des-

GUITARRA...

TENHO em meu intimo uma guitarra sensivel, cujas cordas, ora plangem exprimindo tristeza, melancolia, ora vibram na mais alta expressão de alegria.

Quando a Saudade canta languoresamente a sua canção triste, a guitarra plange, languida, movida pelos dedos frageis de um sonho bom que a Fantasia creou!

Quando o Amôr canta alegremente a sua canção de gloria, a guitarra o acompanha com accordes divinos.

Quando soffre o coração por uma illusão morta ou um sonho que se foi, a guitarra chora baixinho, e as suas cordas gemem, mansamente, em agonia.

Guitarra de minha vida, que a Felicidade, com os seus dedos diaphanos, ainda não tocou! Guitarra que espera sem desanimo a cação louca e divina da Felicidade, illusão querida transformada em realidade!

E a guitarra espera, calma, exprimindo em sons leves e ligeiros os sentimentos tristes ou alegres que se succedem em mim...

Então, cigarra do meu sêr, a tarantella da Esperança, para que o Nocturno do Desengano, que nunca falta, não se faça ouvir!

Canta, guitarra! Faze vibrar as tuas cordas maviosas, que são o

De Alphonse Daudet

Miolada, de nariz sempre arrebitado... Paschoal, dedo chato, que fabricava azeite com azeitonas roubadas do Julião.

"Babel, a ladra; mestre Grapassi, o trapaceiro; Delfina, que vendia tão caro a agua de seu poço.

"E o Tortilhão, que, quando me encontrava com o Sagrado Viatico, nunca tirava o chapéo.

"E Cubô, com sua neta; e Jacques Pedro, e Tonia, etc., etc."

Apavorado, o povo de Cucunham cahiu de joelhos, implorando a misericordia de Deus.

Então, o bom do cura, ainda mais encorajado continuou:

Meus irmãos, amanhã começaremos vida nova; vou confessar a vocês todos, e por ordem.

"Na segunda-feira serão os velhos, coitadinhos; na terça, as creanças, pobrezinhas; na quarta, as moças e rapazes, mais demorado; na quinta, as mulheres; é preciso fixar os ouvidos; na sexta, os homens, o que é mais sério; no sabbado, o moleiro, pois preciso guardar para elle um dia inteiro. E' preciso cortar o trigo, emquanto está maduro; o vinho quando prompto deve ser bebido e a roupa suja bem lavada — Amen."

O que foi dito, foi feito; tudo entrou nos eixos em Cucunham, e desse dia em deante o perfume das virtudes dos cucunhenses rescendia longe e o bom do cura teve um sonho maravilhoso: sonhou que seguia em procissão com o povo todo a caminho do paraiso, levando tochas accesas, flôres em profusão e entoando em côro o Té-Deum.

De Nóra Lisi

Ideal encantado da minha vida! Canta!

Um dia, quando a ultima nota soar unisona com a ultima illusão, as tuas cordas partidas resumirão tudo o que resta de ti e do meu sonho.

Então, juntando os farrapos deste sonho, viverei de "recuerdos" na "rêverie" sentimental dos que muito amaram e muito soffreram, emquanto, no coração, as flores murchas da illusão perfumarão, com um perfume acre de coisas mortas, a minha pobre vida de desillludida...

E, emquanto esse tempo longinquo e triste não chega, guitarra fadista do meu sêr, entoemos um hymno á Esperança e á Alegria e gozemos essas pequenas felicidades intimas que sempre nos proporciona a Mocidade!

Entoemos uma divina melodia ao céo formoso da nossa terra, ao mar sempre azul, ao sol majestoso, á natureza soberba.

Gozemos o momento que passa, na expectativa de melhores momentos...

E sonhemos, guitarra maravilhosa! Sonhemos... que sonhar é viver... E, sonhando, teceremos a leve filigrana da nossa ventura, esquecendo as tristezas da Vida, e preparando-nos para a deliciosa illusão da Felicidade!

O AMOR QUE CHEGA TARDE...

MADAME Marot nasceu e cresceu em Lausanne, numa austera, honesta e laboriosa familia. Casou-se já não muito moça, mas por amor. Em março de 1876, entre os passageiros do velho vapor francez *L'Auvergne*, que ia de Marselha para a Italia, encontrava-se um casal de recemcasados. Os dias corriam calmos e frescos e o mar, com os seus reflexos prateados, perdia-se ao longe entre brumas e primaveris horizontes; o joven casal não podia se decidir a deixar o tombadilho. E toda a gente se maravilhava em ver o par; a sua felicidade provocava sorrisos de amizade; a sua felicidade se traduzia em olhares vivos e alegres, numa necessidade continua de movimentos, em uma attenciosa affabilidade para com os que o cercavam; a sua felicidade se exprimia no radioso interesse que elle e ella sentiam pelas menores coisas... O casal era dos Marot.

Elle era dez annos mais velho do que ella; era pouco alto e tinha o rosto queimado, os cabellos frisados, a mão secca, a voz sonora. Nelle se sentia uma mistura de raças, a addição de um sangue que não era o da especie romana; parecia ser grande de mais — embora deliciosamente feita, os seus cabellos castanhos se combinando com olhos de um cinzento-azul. Por Napoles, Palermo e Tunis dirigiram-se para a Algeria, em Constantina, onde o senhor Margot ia assumir um cargo bem importante, para o qual acabava de ser nomeado. E a sua existencia em Constantina, os quatorze annos que ali passaram após essa feliz primavera lhes deram tudo: o bem estar, a paz no lar, sadios e bellos filhos.

Após estes quatorze annos os Marot se encontravam muito mudados: elle se tinha tornado negro de rosto como os arabes; os seus cabellos ficaram grisalhos; o trabalho, as viagens de natureza administrativa, o fumo e o sol tinham-no seccado um pouco: era tomado, muitas vezes, por um indigena; e pessoa alguma nella teria reconhecido aquella que, outróra, fizera a travessia a bordo de *L'Auvergne*: agora a sua cabelleira se prateava, como a do seu marido, a sua pelle se tinha tornado fina e dourada, as suas mãos haviam emmagrecido e já ella manifestava, em dellas cuidar, em se pentear, em cuidar da sua roupa branca e dos seus vestidos, uma preoccupação de limpeza talvez excesiva. E isso não seria preciso dizer: as relações entre elles não eram mais as mesmas, embora se não pudesse dizer que estavam más. Cada um delles vivia a seu modo: elle tinha o tempo tomado pelo trabalho — ao qual dedicava sempre o mesmo ardor e tambem o mesmo zelo de outróra; ella pertencia por inteiro ao seu marido, aos seus filhos, duas lindas meninas da quaes a mais velha estava quasi na idade de casar; e toda a gente concordava em dizer que não havia em Constantina melhor dona de casa, melhor mãe, nem mais amavel senhora de salão do que a senhora Marot.

Sua residencia estava situada num bairro tranquillo e limpo. Do segundo andar, onde se achavam as salas de recepção, sempre sombreadas pelas venezianas abaixadas, podia-se ver Constantina, cujo brilho pittoresco a tornou famosa no mundo inteiro; é sobre rochedos em declive que se extende essa antiga fortaleza arabe, tornada cidade franceza. As janellas dos aposentos intimos, situados na sombra e frescos, davam para um jardim; lá, sob uma luz perpetuamente ardente, dormitavam, seculares, eucalyptos, sycomoros, palmeiras, encerrados em altos muros. Como frequencia ausentava-se o dono da casa por motivo de negocios. E a dona da casa levava essa existencia fechada a que são forçadas, nas colonias, as mulheres de todos os europeus. Todos os domingos, sem nunca faltar, ia ella á igreja. Durante a semana sahia raramente e de carro e se limitava a pequeno circulo de relações escolhidas. Lia, trabalhava em pequenas coisas, estudava com as filhas; ás vezes, punha nos joelhos a pequena Maria, a caçula de olhos negros, e, percorrendo com uma só mão o teclado do piano, cantava-lhe velhas canções da França, abreviando, assim, os longos dias africanos, emquanto que um vento escaldante, soprando do jardim, se arrojava pelas janellas abertas... Constantina, com todas as venezianas fechadas, impiedosamente aquecida pelo sol, parecia, nessas horas, uma cidade morta; só se ouvia o som melancolico, pesado, do abatimento peculiar ás colonias, dos clarins nas collinas circumvizinhas, onde, de tempos em tempos, com um tiro surdo, canhões faziam a terra estremecer, e onde se lobrigavam em instantes capacetes brancos.

Os dias em Constantina passavam-se uniformemente, mas ninguem notava que a senhora Marot soffria com isso. O seu caracter refinado e casto não se caracterizava nem por uma extrema sensibilidade nem por um excessivo nervosismo. Ella não gozava do que se chama uma saude forte, mas emfim o seu estado não alarmava o senhor Marot. Elle ficou bem admirado no dia em que, em Tunis, um prestidigitador arabe adormeceu a sua mulher tão rapidamente e tão profundamente. Quasi teve enorme trabalho para reanimal-a. Mas isso se passava na época em que chegavam da França; depois disso ella não tinha manifestado esses bruscos desfallecimentos da vontade, essas doentias suggestões ella não tinha sentido. O senhor Marot sentia-se feliz e perfeitamente tranquillo; a alma da sua mulher, estava certo, não conhecia tempestades e lhe estava inteiramente aberta. E assim fôra, com effeito, mesmo durante aquelle ultimo, decimo quarto anno da sua vida em commum... Mas foi, então, quando appareceu em Constantina um tal Emile du Buys.

Emile du Buys, filho da senhora Bonnet, antiga e excellente pessoa das relações dos Marot, só tinha dezenove annos. Além desse

De Ivan Banin

filho, nascido do primeiro matrimonio, creado em Paris e que, já estudando o seu direito, se occupava sobretudo em compôr versos incomprehensiveis para qualquer outro que não elle e pretendia pertencer a uma inexistente Escola dos *Investigadores;* a senhora Bonnet, viuva de um engenheiro, tinha tambem uma filha, que se chamava Elise. Em maio de 1889, Elise ia se casar, mas cahiu doente e morreu ao cabo de quatro dias. Emile, que até então nunca havia visitado Constantina, veiu assistir ás exequias. E' facil de comprehender como a senhora Marot foi affectada por esse triste fim, pela morte de uma moça surprehendida no momento em que provava o seu véo de noiva; sabe-se, tambem, com que simplicidade ficam estabelecidos, em taes circumstancias, laços de intimidade, mesmo entre pessôas que na vespera mal se conheciam. Demais, Emile na verdade não passava de uma creança para a senhora Marot. Logo após o enterro, a senhora Bonnet se retirou para a casa dos seus paes, na França. Emile ficou em Constantina, numa propriedade dos sobrinhos do seu fallecido padastro, a villa Hachim, e frequentava quasi diariamente a casa dos Marot. Que quer que fosse que se pudesse pensar delle, qual fosse a sua affeição, era sempre um moço, muito sensivel e que sentia a necessidade de uma ligação qualquer, mesmo temporaria! "Como é curioso! — pensava. — Não mais se reconhece a senhora Marot! Existe nella uma animação que nunca teve! Ella tornou-se bella"!

Esses commentarios estavam no emtanto, mal buscados. De começo, só houve um pouco de alegria, que se introduziu na sua vida: foi um novo elemento de brincadeiras e de garridice nos passa-tempos das duas meninas, pois Emile, esquecendo a todo momento o seu pesar e o veneno com que o intoxicara, acreditava elle, aquelle *fim de seculo* tomava parte ás vezes nos divertimentos de Marie e Louise durante horas inteiras, como se fosse igual a ellas. E' verdade que era homem, que era um parisiense e uma natureza que se elevava acima do vulgar; lia travara relações com esse mundo, inaccessivel aos simples mortaes, literatos da capital; muitas vezes declamava, — e a sua dicção expressiva era, de algum modo, a de um somnambulo; — versos bizarros, mas sonoros; e foi graças a elle, talvez, que se tornaram mais leves, mais rapidos, os gestos da senhora Marot, que um pouco mais attrahentes ficaram as suas *toilettes* de casa, mais acariciadoras e mais zombeteiras as cambiantes da sua voz; talvez houvesse, na sua alma, uma gotta dessa alegria, tão peculiar ao seu sexo, que uma mulher senta ao dominar um pouco a vontade de um homem, quando ella o governa sob um tom meio-gracejador, com a liberdade que tão naturalmente autorizava a differença de idade quando ella notava o devotamento absoluto desse homem por toda a sua casa, onde ella era, comtudo — como o futuro não demorou em o mostrar — quem occupava, para elle, o primeiro logar. Mas, a bem dizer, que podia haver de extraordinario nisso tudo? E, afinal de contas, as mais das vezes era compaixão o que ella sentira por elle.

O joven, que, sinceramente, se considerava um poeta nato, tambem queria evidenciar os signaes apparentes da sua vocação: usava longa cabelleira lançada para traz, vestia-se com uma modestia estudada de artista; tinha bellos cabellos castanhos, que assentavam muito bem no seu rosto pallido e do mesmo modo as suas roupas pretas; era de uma polidez por demais exangue, com traços de amarello; os seus olhos brilhavam constantemente, mas o seu rosto desbotado lhes dava aspecto febril; e tão secco e chato era o seu peito, tão finas as suas pernas, tão magras as suas mãos, que se sentia uma espécie de malestar quando elle se animava por demais e corria na rua ou no jardim, o corpo um pouco avançado, como um patinador, para dissimular o seu defeito, pois tinha uma perna menor do que a outra; acontecia-lhe ser, no convivio, desagradavel, altivo, de procurar ser enigmatico, negligente, ás vezes, elegantemente irreverente ,outras vezes distrahido, com desdém, e, em todas as coisas, indifferente; porém frequentemente por demais, na verdade, elle se esquecia de sustentar até o fim o papel que assumira: contradizia-se e se punha a discorrer com ingenua franqueza, com precipitação. E, com effeito, não conseguiu por muito tempo occultar os seus sentimentos, representar a comedia de que não crê nem no amor nem na felicidade sibre a terra: bem cedo a casa soube que elle estava amando. As suas visitas já importunavam o dono da casa; elle deu para trazer, todos os dias da sua villa, ramos da smais raras flores, e ficava enraizado no seu logar da manhã á noite, lia versos cada vez menos comprehensiveis, e, á noite, perdia-se nos bairros indigenas, nessas tavernas onde arabes, envolvidos em albornozes de um branco sujo, seguem avidamente a *dança do ventre* e vão bebendo os mais verdes licores... Por fim, ainda um mez não havia passado e a sua exaltação amorosa degenerava Deus sabe em que!

Os seus nervos se recusaram em absoluto a lhe obedecer; aconteceu que, após ter passado quasi todo um dia sentado e sem dizer palavra, elle se levantou, cumprimentou, apanhou o chapéo e sahiu — e que meia-hora depois o trouxeram da rua num estado terrivel: elle se debatia numa crise de hysteria, soluçava tão apaixonadamente, que aterrorizou as creanças e os creados. Mas a senhora Marot não pareceu dar demasiada importancia a esse frenesi.

(*Continúa no proximo numero*)

Os mysterios
(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

O laconico telegramma não explicava mais. Harry tinha que verificar successivamente as casas situadas a vinte passos para a direita e para a esquerda da passagem.

Por felicidade levara comsigo a lanterna electrica, graças á qual podia verificar se ao lado das portas se achavam as tres cruzes encarnadas indicadas pelo policia.

Não tinha que temer que o notassem. Não só porque procedia com muita prudencia, mas tambem porque a rua estava deserta.

O acaso favoreceu-o. Depois de ter verificado que a casa que procurava não se achava do lado direito da passagem, deu mais uns passos e parou em frente de uma porta.

A luz da lanterna descobriu na parede trez cruzes vermelhas.

Um instante depois, estava de sentinella no passeio defronte, occulto num canto.

— Que diabo pode o senhor Holmes estar fazendo naquella casa? perguntou a si mesmo Harry observando attentamente o predio.

"Parece não ser habitado nem por um gato.

"Comtudo o mestre deve ter tido as suas razões para me mandar para aqui.

E, contentando-se com aquellas explicações, Harry esperou pacientemente as novas instrucções que o policia quizesse mandar-lhe.

Passaram-se algumas horas sem que o menor incidente perturbasse o silencio e a solidão de Dptford-Road.

Depois, os primeiros alvores da aurora illuminaram a fachada parda e sombria da mysteriosa habitação.

— Vamos, foi mais uma noite que passou, disse ainda Harry passeiando de um lado para o outro com philosophia.

"Começo a crer que o sr. Holmes só voltará quando estiver claro o dia.

Mas, o tempo passava: cada vez o sol se tornava mais brilhante e Sherlock não dava signal de vida. Harry começava a sentir alguma inquietação.

E depois, aquelle bairro era pouco transquillizador. Parecia sentir-se ali um odor de crime. Quando amanheceu por completo, Harry decidiu-se a abandonar a sua attitude de pura expectativa.

— E' forçoso que entre nesta casa e que lhe passe uma busca, murmurou. Se o sr. Holmes lá estiver, ouvir-me-á, porque farei o signal combinado entre nós. Se não estiver, tratarei de voltar para casa.

"Talvez o mestre alterasse as suas disposições. Quem sabe mesmo se já estará de volta ha muito tempo.

O mancebo abriu a porta com precaução e entrou.

De ouvido attento e revólver na mão, subiu a escada e percorreu os quartos do primeiro andar, que achou vazios.

De vez em quando, imitava o arrulho do pombo, signal combinado com Sherlock. Mas foi debalde, ninguem lhe respondeu.

Harry teve que se convencer de que o mestre não estava alli. De resto, depois de uma noite passada ao ar livre, o estomago começava a queixar-se de fome. Resolveu pois voltar a Victoria-street.

Quando chegou, o seu primeiro cuidado foi perguntar se Sherlock Holmes tinha regressado.

A senhora Bonnet fez um signal negativo com a cabeça. Parecia furiosa.

— Realmente, se não gostasse tanto do sr. Holmes e se não tivesse a certeza da desordem em que tudo isto andaria se eu aqui não estivesse, demittir-me-ia das minhas attribuições. Como querem que isto caminhe? Emfim appareceu o sr. Harry, mas como parece fatigado! Apresse-se a subir, espera-o o almoço.

O mancebo foi immediatamente para a mesa e fez honra á excellente cozinha da sra. Bonnet.

— O que succederia ao sr. Holmes? dizia Harry emquanto comia. Cahiria em alguma emboscada e não correrá os maiores perigos emquanto eu estou comendo desta maneira á sua mesa?

"Seria bom prevenir a policia.

"Mas não ! seria absurdo.

"Não ha que admirar que um policia não volte uma noite para casa e não compareça á entrevista que marcou?

Parece-me que o sr. Sherlook daria cabo de mim se eu fosse informar a policia do seu desapparecimento.

Agora não temos outra coisa a fazer senão esperar.

Durante o dia, Harry dirigiu-se tres vezes á casa de Deptford-Road e fez-lhe uma busca minuciosa, mas sem o minimo successo. Quando anoiteceu voltou a fazer sentinella em frente do mysterioso predio.

Eram dez horas.

— Soubesse ao menos o que elle veio fazer a essa casa! disse comsigo. Deve comtudo ter tido as suas razões para me marcar por telegramma um encontro neste local.

Succeder-lhe-ia alguma desgraça?

"Constatei hontem que esta casa dava para o Tamisa, pelas trazeiras.

"O sr. Holmes ter-se-ia inclinado de mais do parapeito de alguma das janellas e teria cahido no rio?

Obsecado por aquella idéa o mancebo voltou á casa.

Examinando attentamente as janellas talvez encontrasse qualquer objecto pertencente ao mestre e que provasse realmente que o policia tinha passado por ali.

Chegou ao primeiro andar e entrou no quarto que dava para o rio.

Os raios da lua penetravam pela janella aberta e illuminavam o aposento que, como na vespera estava absolutamente vazio.

Aproximou-se da janella depois de ter accéso a lanterna e entregou-se a um minucioso exame.

O parapeito estava coberto de pó, mas os olhos penetrantes de Harry distinguiram as marcas de duas mãos cujos dedos se destacavam bem nitidamente.

Era uma prova de que alguem se segurara com força ao parapeito da janella.

de Londres

(Por CONAN DOYLE)

Com que fim? Evidentemente para se balouçar no vacuo.

E aquellas marcas não podiam falar!

Pertenciam a dedos compridos, delgados e ossudos ... o index da mão direita era extremamente desenvolvido.

Não havia que hesitar. Só as mãos de Sherlock apresentavam aquellas particularidades.

— Passou portanto por aqui, murmurou Harry, e esteve suspenso ao parapeito da janella...

"Mas onde queria ir? Ao Tamisa?

"Impossivel! O sr. Holmes não se suicidou, nem podia ser tão insensato que se lançasse á agua com o fim de nadar...

O mancebo não disse mais nada.

Sentiu-se agarrado por duas mãos fortes que lhe apertavam o pescoço.

— Cá temos mais um! exclamou uma voz rouca. E' um espião, como o outro, e vamos tambem tornal-o mudo para sempre.

O desgraçado Harry foi atirado ao chão.

Depois, o seu aggressor, homem forte, de rosto bestial com barba ruiva, poz-lhe um joelho sobre o peito emquanto que ao seu lado surgia um outro individuo de aspecto pouco tranquillizador.

— Confessa, serpentezinha, que estás ao serviço de Sherlock, esse damnado policia! perguntou o homem de barba ruiva.

Por muito assustado que Harry estivesse naquelle momento, não pensou sequer em si proprio. O nome de Sherlock que os dois bandidos acabavam de pronunciar, provava sufficientemente que o policia cahira numa cilada. Duas grandes lagrimas acudiram aos olhos do mancebo que chorava já a morte do seu excellente mestre.

— Falas, ou queres que te esmigalhe o craneo? tornou o primeiro dos bandidos. Patsy, colloca-lhe a ponta do teu punhal na garganta, isso ha de desembaraçar-lhe a lingua!

— Para que serve tudo isso? retorquiu Patsy. Lancemos á agua esta vibora, será mais simples!

— Tens razão, vamos atiral-o ao Tamisa. Porém, primeiro ligar-lhe-emos delicadamente as mãos atraz das costas, porque ha serpentes que sabem nadar. Teve uma bella idéa Blackwell, mandando-nos para aqui de sentinella.

"Mettam-se num bote e vão para a casa de Deptford-Road, disse-nos elle, sou capaz de apostar que lá ha de ir alguem saber o que é feito de Sherlock. Tratemos logo de dar cabo do seu associado!

— Com effeito, apanhamol-o, disse Patsy rindo, e vamos executar as ordens de Blackwell.

— Toca a levantar, filho de cão! rugiu o homem de barba ruiva. Avança para a janella; d'aqui a pouco nem saberás onde está situada a cidade de Londres. Patsy, amarra-lhe as mãos.

O bandido, com a maior rapidez segurou-lhe ambos os pulsos com uma corda fina que entrava na carne. O pobre rapaz não podia oppôr a minima resistencia. Tinha que se haver com dois hercules.

A murro e a ponta-pé empurraram-n'o para a janella.

— Vaes ter agua a fartar, disse Patsy rindo. Poderás beber se tiveres sêde.

Harry lançou ainda um olhar para o céo onde scintillavam algumas estrellas.

Era a ultima vez que as via!

Certamente tinha soado a hora da sua morte.

— Tu, Patsy, levanta-o! gritou o homem da barba ruiva. Vamos fazel-o dar um bom mergulho. Estás prompto?... Sim... um, dois, e...

— Três! gritou uma voz neste momento.

Esta palavra mal se ouviu. Quasi que se confundia com o ruido de duas detonações successivas.

Patsy cahiu soltando um grito de dôr: entrara-lhe uma bala pelo olho esquerdo que lhe atravessara o cerebro; a segunda bala attingira na garganta o homem da barba ruiva que cahiu tambem vomitando ondas de sangue.

Ao mesmo tempo apparecia um homem á janella pelo lado exterior: — era Sherlock Holmes.

Chegava mesmo a tempo para receber nos braços o corpo do seu infeliz discipulo.

— Quasi que perdeu os sentidos! exclamou passado um minuto o policia. Vamos torna a ti, meu rapaz, vae tudo bem, já não tens nada que receiar.

— O sr. Holmes!... Mas, em nome do céo, onde esteve? D'onde vem?...

— D'onde venho?

"Do antro dos Piratas do Tamisa, e queres saber onde irei ainda esta noite? Ao antro dos Piratas do Tamisa, meu rapaz! Tenho-os todos agora na minha algibeira."

.. ..

Anoitecera.

Sobre as aguas agitadas do Tamisa, illuminado pela pallida luz do luar, avançava rapidamente e sem ruido uma pequena flotilha para a "Ilha dos Piratas".

Eram oito barcos. No da frente achavam-se Sherlock, Harry e o capitão de policia Tohardy que tinha a ilha na sua circumscripção.

Nos outros barcos estavam policias.

— Deu as suas ordens, capitão? perguntou Sherlock: os seus homens sabem bem o que têm a fazer?

— Tomaremos a ilha de assalto! tornou o capitão. Não me parece que os patifes consintam em entregar-se.

Apenas pronunciou estas palavras, ouviu-se uma fuzilaria medonha e uma saraivada de balas cahiu a uma certa distancia dos barcos.

Os bandidos tinham, felizmente, calculado mal a distancia e o fogo fora inoffensivo.

— Para a frente, meus amigos! gritou Holmes, trata-se de abordar o mais depressa possivel...

Os remadores desenvolveram toda a sua actividade; os barcos voavam como flechas.

Mas os bandidos faziam um fogo incessante.

Foram feridos alguns policias. Ainda assim os barcos abordaram.

Holmes foi o primeiro a por os pés em terra ..

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Toma cuidado comtigo! disse elle a Harry. Conserva-te sempre perto de mim, temos que lidar com patifes extremamente perigosos.

— Já sabem, amigos, deem-lhes para baixo! ordenou o capitão, atirem sobre quem resistir.

— Para a frente!... Temos que nos apoderar da casa.

Trinta policias correram para a porta armados de machados. Mas, ao mesmo tempo esta abriu-se e os piratas do Tamisa foram ao encontro dos seus adversarios soltando gritos de furor.

Com um tiro, Holmes prostou a vinte passos delle o "Escalpado" que corria ao seu encontro de faca na mão.

Mas era um outro que os olhos de falcão do grande policia procuravam no meio daquella grande confusão.

— Larguem fogo a esse antro de malfeitores! ordenou o capitão Tohardy.

Entretanto os piratas que se defendiam como desesperados tinham conseguido forçar a linha formada pelos policias e uns dez — os restantes estavam já gravemente feridos ou prisioneiros — precipitaram-se para o rio.

— Apoderemo-nos dos barcos! disse uma voz de commando.

— Blackwell! exclamou Sherlock Holmes. O bandido! Vae escapar-nos! vão fugir nos nossos botes.

Era, de facto, o plano imaginado por Blackwell.

Mas uma fuzilaria bem dirigida, reduziu o pequeno grupo á metade e, quando chegou á margem, o pirata apenas tinha comsigo cinco homens.

Era seguido de perto, por Holmes, Harry, Tohardy e seis policias.

Já os bandidos tinham tomado logar num dos botes e Blackwell ia embarcar, quando o policia executando um verdadeiro salto de tigre, lançou-se sobre elle e agarrou-o.

O pirata viu-se perdido.

— Não morrerei só, Holmes do diabo! gritou elle, has de fazer-me companhia.

E o miseravel lançou-se ao rio arrastando comsigo o seu inimigo.

Desappareceram sob as ondas.

Um minuto depois voltaram á superficie, congestionados, e lutando ao mesmo tempo que nadavam. O pirata esforçava-se visivelmente por segurar o adversario pelo pescoço para se afogarem ao mesmo tempo.

Mas Holmes que se achava na plena posse do seu sangue frio e percebia o jogo do bandido soube escapar-lhe e depois de o ter atordoado com um murro formidavel entre os olhos, foi elle quem lhe apertou o pescoço entre as suas mãos fortes, exclamando:

— Morre, Blackwell! Maldito Pirata do Tamisa! A tua ultima hora soou, animal feroz, nada poderá salvar-te!

Harry e o capitão que tinham corrido num barco, em auxilio do policia, levaram-no para a margem ao mesmo tempo que o corpo do chefe dos Piratas do Tamisa.

— O miseravel deixou de existir! Mas é pena que tivesse uma morte tão suave, disse friamente Sherlock Holmes como pronunciando uma de oração funebre.

Durante este tempo os outros policias nos seus barcos tinham dado caça á embarcação dos bandidos e apoderaram-se delles depois de os terem ferido a todos.

O sinistro bando dos piratas do Tamisa estava extincto.

Os criminosos que não estavam feridos foram condemnados por toda a vida.

A negra Maggie, a sua fada bemfeitora, obteve vinte e cinco annos de reclusão.

Algum tempo depois, a sra. Eveline Blunt foi acompanhado por Sherlock, visitar seu infeliz marido ao hospital de Bethléhem.

O desgraçado não a reconheceu, mas mostrou uma calma e uma tranquillidade extraordinaria.

O medico do estabelecimento, alienista dos mais distinctos, deu esperança á pobre senhora de que o marido, em seguida a uma operação cirurgica que ia tentar muit proximamente, recuperaria quasi com certeza a razão.

Dever-lhe-ei toda a minha felicidade, disse ella, apertando a mão do policia.

— E a população de Londres dever-lhe-á muito mais ainda, senhora Blunt, respondeu Sherlock. Sem as suas indicações, quem sabe se eu teria descoberto a pista dos piratas do Tamisa, que poderiam ainda por muito tempo proseguir nos seus crimes na mais completa impunidade!

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

O FALSO IRMÃO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)..... 48$000
Semestre (26 »)..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)..... 70$000
Semestre (26 »)..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)..... 78$000
Semestre (26 »)..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)..... 115$000
Semestre (26 »)..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France
— Paris VIII Ludgate Hil.
Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$600

ACIDO URICO

Livre o sangue d'este veneno doloroso por este modo simples e certo

É surprehendente, porém não menos verdadeiro, que istam milhares de pessôas soffrendo dôres constantes, heumatismo atróz, edemas articulares e fraqueza do corpo, ue ignoram a causa real das suas perturbações. Permitta-os dizer-lhe que a causa, na maioria das vezes, é o excesso e acido urico no sangue.

Os microscopicos e afiadissimos crystaes de acido urico lojados nas juntas e nos musculos, dilaceram as fibras os nervos sensitivos, occasionando dôres cruciantes.

V. S. terá que estimular os rins afim de excitar a sua uncção natural, regular e sadia, para que elimine o excesso e acido urico. O verdadeiro remedio terá que produzir ffeito atravez dos rins e isto certamente farão as Pilulas De Witt.

Essas pilulas limpam completamente o organismo do xcesso de acido urico e outras impurezas e venenos. Como será magnifico não sentir dôres, dormir e comer em, desfructando o prazer de viver e de trabalhar!

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, sempre êm uma acção benefica no homem ou na mulher, não obstante a edade ou fraqueza organica. Não contêm drogas perigosas, sendo apenas um medicamento efficaz e seguro, que começa tonificando o organismo, afastando os disturbios provenientes do acido urico, refazendo e mantendo a vitalidade, a saude e a felicidade.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS *e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.*

O SEU MEDICO SABE O QUANTO SÃO BOAS

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R 161), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

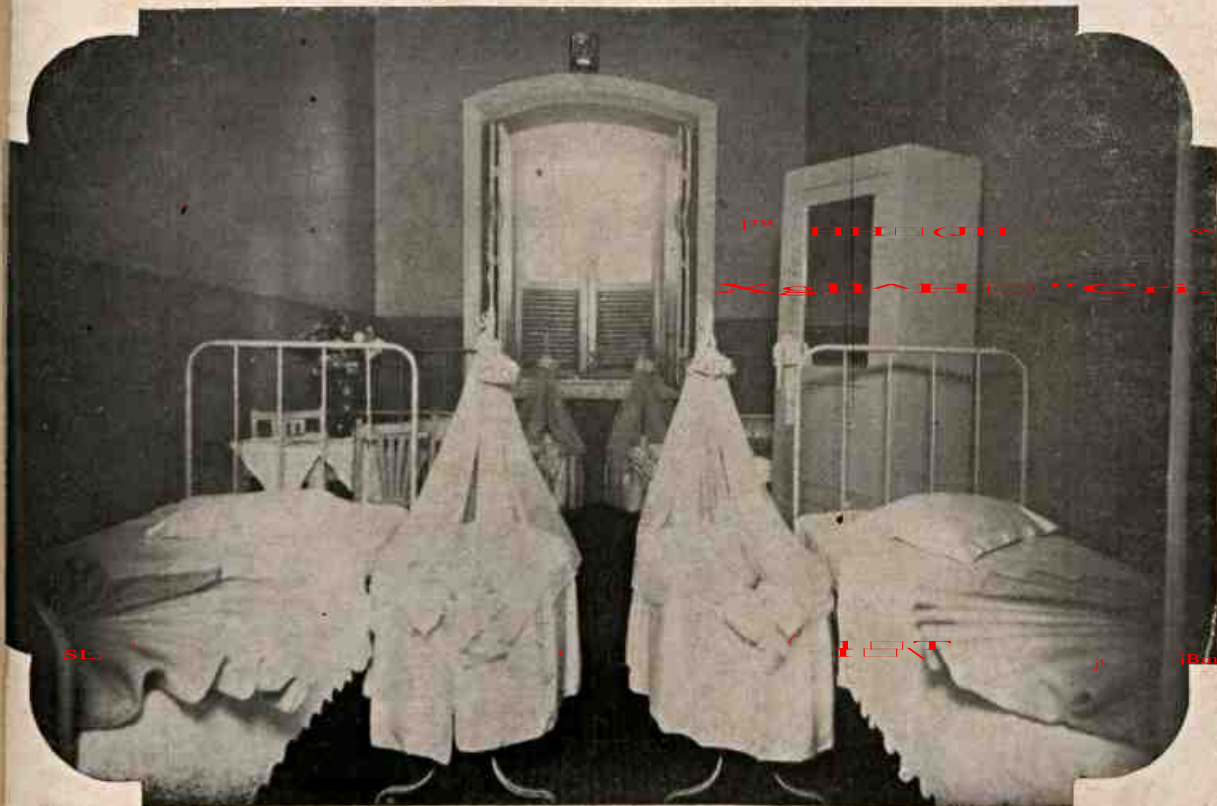
Endereço..

9 ....

QUEIRA ESCREVER COM CLAREZA.

Mande em envelope aberto......sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — PHONE 2-1266

SECÇÃO DE MATERNIDADE: PARTO COM INTERNAÇÃO EM ENFERMARIA COM 4 LEITOS .... 300$000 — QUARTO PARTICULAR .... 450$000

ARROTOS

● Evite esses desagradaveis arrotos, agruras e gazes, tão communs depois das refeições, e que são causados por excesso de acidez. Regularize seu estomago e intestinos, tomando Leite de Magnesia de Phillips. Mas exija o producto original e legitimo, porque as imitações são quasi sempre inefficazes e até perigosas.

LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS

o antiacido-laxante ideal

Ouvidor, 98 Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Bento, 35 S. Paulo